



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E LETRAS DO SERTÃO CENTRAL
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM HISTÓRIA E LETRAS

IANA NOBRE RABELO

UMA FESTA “NORDESTINA”: IDENTIDADE E ESPETÁCULO NA FEIRA DE
ARTES DE BANABUIÚ – BANARTES (1989 A 2012)

QUIXADÁ – CEARÁ

2021

IANA NOBRE RABELO

UMA FESTA “NORDESTINA”: IDENTIDADE E ESPETÁCULO NA FEIRA DE ARTES
DE BANABUIÚ – BANARTES (1989 A 2012)

Dissertação apresentada ao Mestrado Interdisciplinar em História e Letras do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção de Mestre em História e Letras. Área de Concentração: Cultura, Memória, Ensino e Linguagens.

Orientador: Prof. Dr. Manoel Carlos Fonseca de Alencar

QUIXADÁ – CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Rabelo, Iana Nobre.

UMA FESTA "NORDESTINA": IDENTIDADE E ESPETÁCULO NA FEIRA DE ARTES DE BANABUIU? BANARTES (1989 A 2012) [recurso eletrônico] / Iana Nobre Rabelo. - 2021.

Um arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 137 folhas.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, Mestrado Acadêmico Interdisciplinar em História e Letras, Banabuiú, 2021.

Área de concentração: Cultura, Memória, Ensino e Linguagens..

Orientação: Prof. Dr. Manoel Carlos Fonseca de Alencar.

1. Banabuiú. 2. Nordeste. 3. Cultura Popular. 4. Feira de artesanato. 5. Festas Juninas. I. Título.

IANA NOBRE RABELO

UMA FESTA “NORDESTINA”: IDENTIDADE E ESPETÁCULO NA FEIRA DE
ARTES DE BANABUIÚ – BANARTES (1989 A 2012)

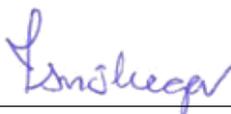
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL) da Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História e Letras. Área de concentração: Cultura, Memória, Ensino e Linguagens.

Aprovada em: 28/06/2021

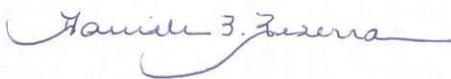
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Manoel Carlos Fonseca de Alencar (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará (UECE)



Prof.^a Dra. Zulmira Nóbrega Piva de Carvalho (Externo)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



Prof.^a Dra. Daniele Barbosa Bezerra (Interno) Universidade
Estadual do Ceará – UECE

À minha avó, Maria Virginia (*in memoriam*),
que acredito ter me dado forças para superar a
dor da sua perda, ao mesmo tempo que me
inspirou a continuar lutando.

À minha sementinha Isabelle, que, apesar de
ainda não a conhecer, desperta em mim o amor
mais puro e sincero.

AGRADECIMENTOS

Agradecer àqueles que me apoiaram e me incentivaram a continuar na luta é apenas uma forma de retribuir todo o cuidado e carinho em mim depositados. Sem essas pessoas, dificilmente este trabalho estaria pronto. Sou grata aos abraços e mãos estendidas nos mais diversos momentos, principalmente durante esse período tão delicado de pandemia, quando as incertezas e a insegurança dificultaram a minha capacidade de concentração e estímulo. A construção desse texto tem um pouco de cada um de vocês.

Em primeiro lugar, agradeço ao criador pela oportunidade de ter cursado o mestrado e pelos outros inúmeros presentes que me concedeu ao longo da vida.

A todos os meus familiares, em especial a meus pais, Maria de Fátima e Francisco José, que, desde o início, moveram forças para que as dificuldades não me fizessem desistir de seguir a vida acadêmica.

Meus sinceros agradecimentos às minhas queridas irmãs – Ivone, Ivonete, Bel, Iara e Vitória – , que apesar das minhas lamentações e reclamações, também foram minha força e fonte de inspiração para eu seguir em frente. Minha gratidão a vocês por todos os conselhos, puxões de orelha, cuidado e, é claro, pela infinidade de afeto que sempre tiveram comigo. Amo cada uma de vocês!

Ao meu companheiro de todos os momentos, Marcos Guthierre, e à nossa pequena Isabelle, que me trouxe calma e apoio para que pudesse equilibrar os momentos difíceis. Obrigada por todo o cuidado e companheirismo de sempre. Amo vocês!

Estendo esse agradecimento à minha segunda família, aquelas pessoas que torceram para que eu conseguisse ir até o fim. Aos amáveis Larinha e Miguel, que, nos seus pequenos gestos, me mostraram o lado doce da vida, e aos guerreiros Myvia, Maria de Lourdes, Meire, Marta, Júnior e Nana (*in memoriam*).

A todos os amigos que torceram por esta conquista e que, mesmo distantes fisicamente, se fizeram presentes nos momentos mais dolorosos. Agradeço em especial à minha querida amiga Lara Brito, dona de um coração e abraço aconchegantes. À minha amiga Dayane Holanda, sempre tão preocupada e atenciosa com minha saúde e bem-estar. Gratidão!

Ao querido Manoel Carlos, pela gratificante e exemplar orientação durante o percurso deste trabalho, além da compreensão, paciência e apoio para a superação dos obstáculos que surgiram durante a jornada. Grata, Manoel!

Aproveito para agradecer também as professoras Daniele Barbosa e Zulmira Nóbrega por terem aceitado o convite para participar da banca de defesa. Minha eterna gratidão e respeito.

A todos os colaboradores desta pesquisa, que gentilmente acolheram a mim e a minha pesquisa e contribuíram de forma significativa para o término deste trabalho. Minha eterna gratidão a Marília Sá, Benedita Oliveira, Vilmar Nobre, Andréia Maciel, Antônio Alves, Maria Aparecida (*in memoriam*), Maria Zuleide, Maria Rodrigues, Lídia das Graças, Simão Cavalcante, Marcos Rabelo, Márcio Rabelo e Rubervam Vieira.

À minha querida e amável turma do mestrado, que me acolheu de forma tão carinhosa e possibilitou que as dificuldades encontradas pelo caminho fossem amenizadas com um bom café e uma conversa descontraída. Gratidão! Lembrarei de cada um de vocês até a eternidade. A todos os professores do MIHL pelos ensinamentos compartilhados ao longo de cada disciplina cursada. Grata pelas indicações de leituras, debates e conversas preciosas ao longo desse percurso.

À coordenação do mestrado, em especial a Ana Maria, Expedito e Vanderlene, por todo o cuidado com o MIHL e pela disponibilidade em nos ajudar sempre que necessário.

À FUNCAP, pela concessão da bolsa, possibilitando minha inteira dedicação à pesquisa.

RESUMO

A presente dissertação objetiva estudar a história da Banartes, que ocorre anualmente no município de Banabuiú-CE, entre os anos 1989 e 2012. A Feira de Artes de Banabuiú (Banartes) é identificada como uma feira nordestina, sendo festas semelhantes o Maior São João do Mundo, em Campina Grande-PB, a Feira de Santana, na Bahia, e o Bumba Meu Boi, no Maranhão. Estudamos a história da festa desde sua primeira edição, uma pequena feira/festa, criada por iniciativa de um grupo de pessoas que estavam envolvidas na campanha política do candidato a prefeito de Banabuiú. Inicialmente, a Banartes envolveu diversos setores do município, com destaque para artistas populares locais, até o momento em que o evento assume uma feição espetacular, estruturado com o apoio de comerciantes e patrocinadores regionais. As análises foram feitas a partir das obras de Hobsbawm (2008) e Albuquerque Júnior (2013), o que nos possibilitou investigar os processos de invenção da tradição e os signos da nordestinidade. No sentido de compreender a nordestinidade dentro de uma feição espetacular, ligada à indústria cultural, foi usado o aporte teórico de Nóbrega (2010) e Castro (2012). Ademais, as discussões teórico-metodológicas da história oral foram subsidiadas pelos estudos de Alberti (1990) e Portelli (1997). Para a realização deste estudo, foi realizado um conjunto de entrevistas divididas em dois grupos: organizadores/dirigentes, geralmente gestores municipais e os artistas populares, como artesãos, violeiros e quadrilheiros. Na perspectiva dos organizadores do evento, ele foi construído, desde o começo, sob o signo da identidade nordestina. Nas entrevistas, eles lamentam a perda dessa identidade ao longo do tempo, subsumida ao seu caráter espetacular. As narrativas dos setores populares, por sua vez, dão ênfase à perda de espaço na festa, que, na visão desse grupo, deveria reforçar a identidade nordestina, da cultura local e das suas produções. De modo geral, a história da feira aponta para diferentes perspectivas e tensões sociais entre os organizadores e setores populares em relação aos espaços ocupados dentro do evento.

Palavras-chave: Banabuiú. Nordeste. Cultura Popular. Feira de artesanato. Festas Juninas.

ABSTRACT

This dissertation aims to study the history of Banartes, which took place annually in the municipality of Banabuiú-CE, between 1989 and 2012. The Arts Fair of Banabuiú (Banartes) is identified as a northeastern fair, being parties similar to the Maior São João do Mundo, in Campina Grande-PB, Feira de Santana, in Bahia, and Bumba Meu Boi, in Maranhão. We studied the history of the party since its first edition, a small fair/party, initiated by the movement of a group of people. Initially, Banartes involved various sectors of the city, with an emphasis on local popular artists, until the event took on a spectacular proportion, organized with the support of regional merchants and sponsors. The analyzes were based on the works of Hobsbawm (2008) and Albuquerque Júnior (2013), which allowed us to investigate the processes of the invention of tradition and the signs of “northeasternness”. To understand “northeasternness” within a spectacular feature, linked to the cultural industry, the theoretical contribution of Nóbrega (2010) and Castro (2012) was used. Furthermore, the theoretical-methodological discussions of oral history were supported by the studies of Alberti (1990) and Portelli (1997). To carry out this study, interviews were conducted and divided into two groups: organizers/directors and popular artists. The organizers and leaders of the party were usually municipal managers, artisans, guitar players, and square bands. From the perspective of the event's organizers, it was built, from the beginning, under the sign of the northeastern identity. In interviews, they regretted the loss of this identity over time, subsumed in its spectacular character. The narratives of the popular sectors, meanwhile, emphasize the loss of space at the party, which, in the view of this group, should reinforce the northeastern identity, the local culture, and its productions. Overall, the history of the fair points to different perspectives and social tensions between organizers and popular sectors concerning the spaces occupied within the event.

Keywords: Banabuiú. North East. Popular culture. Handicraft fair. June parties.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Município onde foi realizada a pesquisa.....	18
Figura 2 –	Imagem do carnaval das águas em Banabuiú-CE (2019).....	21
Figura 3 –	Imagem do ginásio poliesportivo João Claudino (2018).....	21
Figura 4 –	Artesanatos: boneca de pano, arte em linha e tapeçaria.....	29
Figura 5 –	Artesanatos de palha: jarro, cestas e chapéu.....	29
Figura 6 –	Quadrilhas juninas (2000).....	32
Figura 7 –	Desfile da musa cultural da Banartes (2008).....	35
Figura 8 –	Imagem referente ao festival de viola.....	37
Figura 9 –	Apresentação do festival da canção.....	39
Figura 10 –	Primeira apresentação do coletivo na Banartes (1º de julho de 2000).....	41
Figura 11 –	Antigo Hotel do DNOCS.....	44
Figura 12 –	Idealizadoras da feira no hotel onde foram realizadas as primeiras edições da Banartes.....	45
Figura 13 –	Cartaz de divulgação da Banartes (1989).....	46
Figura 14 –	Cartaz de divulgação da Banartes (1990).....	48
Figura 15 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2000).....	49
Figura 16 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2002).....	50
Figura 17 –	Cartaz de divulgação da Banartes (1996).....	55
Figura 18 –	Fac-símile da crônica de Marília Sá.....	60
Figura 19 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2006).....	67
Figura 20 –	Programação do primeiro dia do evento em 2006.....	67
Figura 21 –	Plano orçamentário referente ao ano de 2006.....	68
Figura 22 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2007).....	69
Figura 23 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2008).....	70
Figura 24 –	Plano orçamentário referente ao ano de 2008.....	71
Figura 25 –	Plano de mídia referente ao ano de 2008.....	72
Figura 26 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2009).....	75
Figura 27 –	Orçamento da feira de 2009.....	76
Figura 28 –	Cartazes de divulgação de 2010 e 2011.....	80
Figura 29 –	Notícia sobre a Banartes de 2010.....	81

Figura 30 –	Cartaz de divulgação da Banartes (2012).....	82
Figura 31 –	Cantador Marcos Rabelo se preparando para apresentação.....	103
Figura 32 –	Repentista Márcio Rabelo se apresentando na Banartes.....	111
Figura 33 –	Transmissão ao vivo do repentista Marcos Rabelo no Facebook....	113
Figura 34 –	Encerramento da Banartes com grande concentração de pessoas na festa espetacularizada.....	128

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 UM OLHAR SOBRE A BANARTES: A DINÂMICA DE CRIAÇÃO DA FEIRA DE ARTES DE BANABUIÚ	17
2.1 Contextualização histórica e caracterização do objeto de pesquisa	18
2.2 Os organizadores da feira/festa	22
2.3 O projeto inicial da feira: uma construção	25
2.4 Sujeitos e práticas	28
2.4.1 Artesanato	28
2.4.2 Quadrilhas.....	31
2.4.3 Desfile da musa cultural	33
2.4.4 Festival de violeiros e festival da canção	36
2.4.5 A participação do teatro na Banartes	40
2.5 A organização da primeira Banartes e A formação de edições seguintes	42
2.6 A festa da Banartes como uma invenção da nordestinidade	51
3 A BANARTES SE ESPETACULARIZA: CONCEPÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS OCORRIDAS NA FEIRA AO LONGO DOS ANOS	65
3.1 Investimentos para a realização da festa	65
3.2 Patrocínios e a participação do SEBRAE na feira	83
4 “PRA MIM AS MUDANÇAS QUASE TODAS FORAM NEGATIVAS”: AS TRANSFORMAÇÕES DA FEIRA EM TRÊS PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES	92
4.1 Atividade artesanal e sua transformação na Banartes	92
4.2 Mudanças na participação dos violeiros na Banartes	100
4.3 A festa da quadrilha junina: uma análise	114
4.4 A dinâmica e especificidades da entrada das festas eletrônicas na Banartes	120
4.5 Novas configurações da Banartes: o caráter espetacularizante como parte da reinvenção festiva	126
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	134
REFERÊNCIAS	136

1 INTRODUÇÃO

O ser humano, de um modo geral, é profundamente marcado pela sua experiência histórica, na qual compartilha socialmente suas necessidades, expectativas, anseios, valores, crenças e práticas comuns. Nesse sentido, um fenômeno particular da experiência de homens e mulheres no tempo e no espaço são as ocasiões festivas. As festividades se constituem como processos históricos carregados de significados, expressos nas diferentes práticas sociais de sujeitos que ocupam diferenciados espaços e contextos, frequentemente repletos de tensões e disputas.

Sob essa perspectiva, este trabalho tem como objeto de pesquisa a Festa da Banartes entre os anos de 1989 e 2012. Essa festividade ocorre no município de Banabuiú-CE e é realizada anualmente pela prefeitura do município. O recorte temporal se deve ao fato de que 1989 é momento em que a feira/festa foi criada por um grupo de amigas que apoiam a candidatura do primeiro prefeito de Banabuiú (Dr. Benedito Gonçalves). 2012, por sua vez, justifica-se por ter sido o último ano em que a feira ocorreu sem interrupções, mantendo o evento anualmente. Aqui é importante destacar que as edições da feira dos anos de 2013, 2014, 2015, 2016 apesar de ter sido divulgada, acabou não ocorrendo. A feira só passou a acontecer novamente a partir do ano de 2017, com a gestão do prefeito eleito Edinho Nobre (PDT). Há de salientar, portanto, que os anos posteriores a 2012 não foram analisadas neste texto pelo fato da feira não ter sido realizada durante os referidos anos, e não cabem nesse momento analisar as razões pelas quais a feira não ocorreu.

Assim, a análise a que nos propomos realizar tem como objetivo compreender a historicidade da Feira de Artes de Banabuiú-CE como manifestação social, histórica e cultural, entendendo os motivos de sua formação e permanência no contexto cultural do município. Além disso, pretendemos compreender os processos de transformação dessa festa, sobretudo as ressignificações da identidade como um dos fatores primordiais para a sua espetacularização.

Nessa conjuntura, nosso estudo adotou entrevistas como metodologia da História Oral, as quais foram realizadas com pessoas que conheceram a Banartes e/ou participaram da feira em determinado momento. Há de se salientar, no entanto, a dificuldade de acesso a esses sujeitos históricos, tendo em vista o atual contexto de pandemia da Covid-19.

De acordo com Alberti (1990, p. 52 *apud* SILVA, 1998, p. 118), a História Oral é

um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (SILVA, 1998, p. 118).

Nesse sentido, a História Oral é um método pertinente para este trabalho, uma vez que permite esclarecer história de vidas, processos ou acontecimentos que às vezes não dispõem de documentação escrita e não têm como ser esclarecidos de outra forma, senão utilizando-se das narrativas daqueles que fizeram parte de determinado fato histórico.

Para a realização desta pesquisa, deu-se especial atenção a dois grupos de sujeitos. Um desses grupos foi o daquelas pessoas que estiveram à frente do processo de organização e direção da feira ou que participaram ativamente das primeiras edições da Banartes, sendo estes: Marília Sá, Benedita Oliveira, Vilmar Nobre, Andréia Maciel, Antônio Alves e Simão Cavalcante. Através dessas entrevistas foi possível perceber que havia todo um discurso que atrelava a feira a uma identidade nordestina. O outro grupo de sujeitos no qual nos debruçamos foi o dos artistas populares que se apresentavam na Banartes, como os artesãos, violeiros e quadrilheiros que, ao longo desse período de transformação da feira, foram ocupando outros papéis dentro do evento, mudança em geral percebida negativamente por esses sujeitos.

Portanto, a opção pela História Oral possibilitou-nos ter acesso às experiências e perspectivas vividas pelos diferentes sujeitos históricos que compõem a feira da Banartes, pois, nas atribuições de Alessandro Portelli (1997, p. 16),

[...] a História Oral tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro onde todas as pessoas são iguais, mas como um mosaico ou concha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças entre elas sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido (PORTELLI, 1997, p. 16).

Assim, acreditamos que é por meio da metodologia da História Oral que podemos recuperar aspectos relacionados às contradições, transformações e diferentes perspectivas sobre a Banartes. Nesse sentido, percebemos que as entrevistas coletadas nos ajudam a compreender não apenas as subjetividades de cada entrevistado, mas também o próprio espaço social no qual ele está inserido.

Há, ainda, outra importante fonte de pesquisa que contribuiu de modo decisivo para a construção deste trabalho. Trata-se de cartazes ou *folders* promocionais e projetos das respectivas edições da Banartes, que foram cedidos ao trabalho por uma das nossas entrevistadas ou acessadas no Complexo Administrativo do Município e que nos permitiu conhecer a dinâmica da história da feira também através de outra fonte.

Observamos, através de Albuquerque Júnior (2013), que as ações governamentais e organizadoras da Banartes propagam a feira como um movimento de recriação, apropriação e conservação da tradição, promovendo-a como um projeto que se justificou em torno das tradições nordestinas. O que se observou foi que a feira, ao longo dos anos, destacou-se como uma tradição inventada e que, apesar de os discursos oficiais insistirem no caráter tradicionalista e imutável da festa, como projeto cultural, de continuidade das origens e de reconstrutor de identidades, ainda é possível verificar a intencionalidade de realizar um evento para ser reconhecido e visto promocionalmente. Esse caráter de invenção da cultura popular é tratada por Hobsbawm e Ranger em *A Invenção das Tradições* (2008), ao considerar que,

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo - às vezes coisa de poucos anos apenas - e se estabeleceram com enorme rapidez. (HOBBSAWM, RANGER, 2008, p. 9).

Os referidos autores compreendem-na como uma particularidade que ilustra a forma como as narrativas da tradição são contadas. Para eles, após a Revolução Industrial, essas tradições tiveram de criar novas rotinas e novas convenções e, com isso, estabelecer também uma continuidade artificial com o passado, pela repetição quase obrigatória de um rito. Assim, no caso das tradições inventadas, mais do que uma origem facilmente identificável, o importante é que seja possível traçar uma linha de continuidade, embora artificialmente, que determine o contexto de repetição e manutenção do ritual. É o caso da tradição nordestina. Instituída, segundo Albuquerque Júnior (2013), nas décadas de 1920 e de 1930, amoldando-se a novos contextos e mantida como discurso até a contemporaneidade, quando assume, dentre outras, as feições festivas ligadas ao turismo.

Nesse sentido, a Banartes passa a ser considerada uma manifestação inventada pelos gestores públicos para atrair turistas de eventos para a cidade de Banabuiú. A opção pelas festas juninas como uma invenção tem a inserção do forró eletrônico como atração principal do evento.

As festas populares se constituem em uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que constantemente passam por processos de recriações e atualizações (CASTRO, 2012, p. 24).

Assim, o estabelecimento de determinadas instâncias da modernidade configura na cultura a reprodução e a encenação para o consumo turístico. Com isso, as manifestações populares vão sendo ressignificadas e reinventadas pelos promotores turísticos, os quais privilegiam muitas vezes seus aspectos visuais e, em alguns casos, impõem-lhes uma

padronização, seja no figurino, seja na coreografia, seja na adesão de elementos culturais diferentes dos originais, inserindo-as no sistema de produção e consumo turístico e na transformação de rituais sagrados em rituais de entretenimento.

Ainda em relação à “tradição inventada”, percebemos que o conceito certifica que a tradição, longe de ser um acontecimento puro, surgido da história ou do mito e estacionado a projetar os caracteres individuais e coletivos, interage com as comunicações de massa e tradicionais e com a política espetacularizada, resultando num complexo processo intercultural. De acordo com Castro (2012, p. 20), “atualmente, tem-se verificado uma valorização das manifestações culturais, como os eventos festivos, que são cada vez mais mercantilizados e espetacularizados não só em grandes centros urbanos como em pequenas e médias cidades”. Desse modo, fez-se importante o diálogo com outros sujeitos históricos que fizeram parte da feira ao longo dos anos, como artesãos, violeiros e quadrilheiros, os quais narraram questões relativas à desvalorização das suas práticas culturais em relação ao processo de massificação ocorrido na Banartes.

Assim, a festa da Banartes alcança significativa importância entre as celebrações juninas, com forte utilização de aparato tecnológico, que procura evidenciar signos da cultura popular regional conforme os típicos esforços de reinvenção de tradições. A exemplo de outras celebrações que ocorrem no Brasil, a Banartes explora manifestações e costumes populares que foram apropriados pelos dirigentes públicos e empresariais, transformando a festa em um grande empreendimento político e mercantil. (NÓBREGA, 2010)

Para atingir os objetivos a que se propõe, esta dissertação está estruturada em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira seção após esta introdução, intitulada “Um olhar sobre a Banartes: a dinâmica de criação da feira de artes de Banabuiú”, iniciamos uma discussão sobre o processo de construção histórica da feira, tendo como principal fonte as memórias daqueles sujeitos que organizaram e dirigiram a Banartes no ano de 1989. Contextualizamos nosso objeto de pesquisa e as práticas culturais que fizeram parte da feira no ano de sua criação. Na subseção “A festa da Banartes como uma invenção da nordestinidade”, recorreremos aos estudos de Albuquerque Júnior (2013), para compreender uma das questões mais comentadas pelos nossos entrevistados, a vontade de que a festa da Banartes fosse uma feira de resgate ou representação dos signos da cultura nordestina. Por esse motivo, o evento foi ao longo dos anos insistindo na invenção de uma festa com elementos caracterizadores da região Nordeste.

Na segunda seção, denominada “A Banartes se espetaculariza: concepções sobre as mudanças ocorridas na feira ao longo dos anos”, analisamos a espetacularização da feira ao

longo dos anos, com foco no crescimento econômico do evento e nos interesses comerciais que tornaram possível a mercantilização da festa. Nessa discussão, consideramos, ainda, os investimentos para a realização do evento, bem como os patrocínios usados para torná-lo cada vez mais maior.

Na terceira seção, que se intitula “‘Pra mim as mudanças quase todas foram negativas’: as transformações da feira em três principais manifestações”, partimos das memórias dos setores populares que foram agenciados para compor as apresentações das principais manifestações culturais do evento (os artesãos, os violeiros e os quadrilheiros), buscando perceber a visão desses outros agentes em relação às transformações pelas quais a feira passou ao longo dos anos. Ainda nessa seção, discutimos o processo de inserção de uma programação musical com o caráter espetacularizante dentro da festa, com foco no forró eletrônico. Essa espetacularização faz com que determinadas práticas culturais passem por um processo de reinvenção festiva, modificando-se na contemporaneidade.

2 UM OLHAR SOBRE A BANARTES: A DINÂMICA DE CRIAÇÃO DA FEIRA DE ARTES DE BANABUIÚ

A festa, considerada por muitos como o lugar de alívio, divertimento e fuga da monotonia cotidiana do trabalho, é um forte elemento de construção da vida dos brasileiros, ocorrendo de modo diferente a depender do lugar e do grupo que a organiza. De fato, a festa desempenha papel privilegiado na cultura brasileira, mas com significados particulares em cada região. Diversos municípios brasileiros têm a festa como manifestação de tradições culturais e regionais que são exploradas nos diversos segmentos como formas de lazer, espetáculo, vitrine política e estratégia para aumentar a visibilidade das cidades.

Dentre as várias festas que compõem o calendário de atividades culturais das cidades brasileiras, destacam-se as festas juninas, dada a sua importância, em especial, para identificação da região Nordeste. É o mês de junho um dos períodos mais esperados do ano pelas pessoas que vivem no Nordeste brasileiro. Essas festividades, que antes estavam associadas a uma dimensão comunitária, ampliaram-se e se tornou mais complexas, passando a ser desenvolvidas por indivíduos, pelo poder público municipal, por empresas ou por comerciantes em geral.

Muitas dessas festas se tornaram parte da identidade de cidades brasileiras, como é o caso do Maior São João do Mundo, em Campina Grande-PB, a Feira de Santana, na Bahia, o Bumba Meu Boi, no Maranhão, a Festa do Peão de Boiadeiro de Barretos-SP, da Festa do Boi de Parintins-AM e da *Oktoberfest* de Blumenau-SC. A estudiosa Rita Amaral estudou a *Oktoberfest* de Blumenau-SC em seu trabalho *Festa à Brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”* (1998) e destaca que

A festa se revela então como um momento em que, além da descontração, do desregramento, da revitalização histórica e da identidade local, é possível renovar as relações pessoais e entrar em contato com ideias e modos de vida diferentes, estabelecendo possibilidades novas que sem a festa não aconteceriam. (AMARAL, 1998, p. 90)

No caso da Banartes, o evento tem significativa importância entre as celebrações juninas, ao englobar aspectos característicos do Nordeste, mas que foram, ao longo dos anos, marcadas por representações de caráter espetacular e comercial. Para compreendermos esse processo de historicidade da festa da Banartes, é preciso, antes de mais nada, situarmos a história do município de Banabuiú e as narrativas que nos permitiram alcançar e refletir acerca do desenvolvimento da festa. Essa análise prévia se faz imperativa, uma vez que a própria

historiografia de Banabuiú está assentada na construção da Banartes, particularmente, o processo de emancipação do município.

2.1 Contextualização histórica e caracterização do objeto de pesquisa

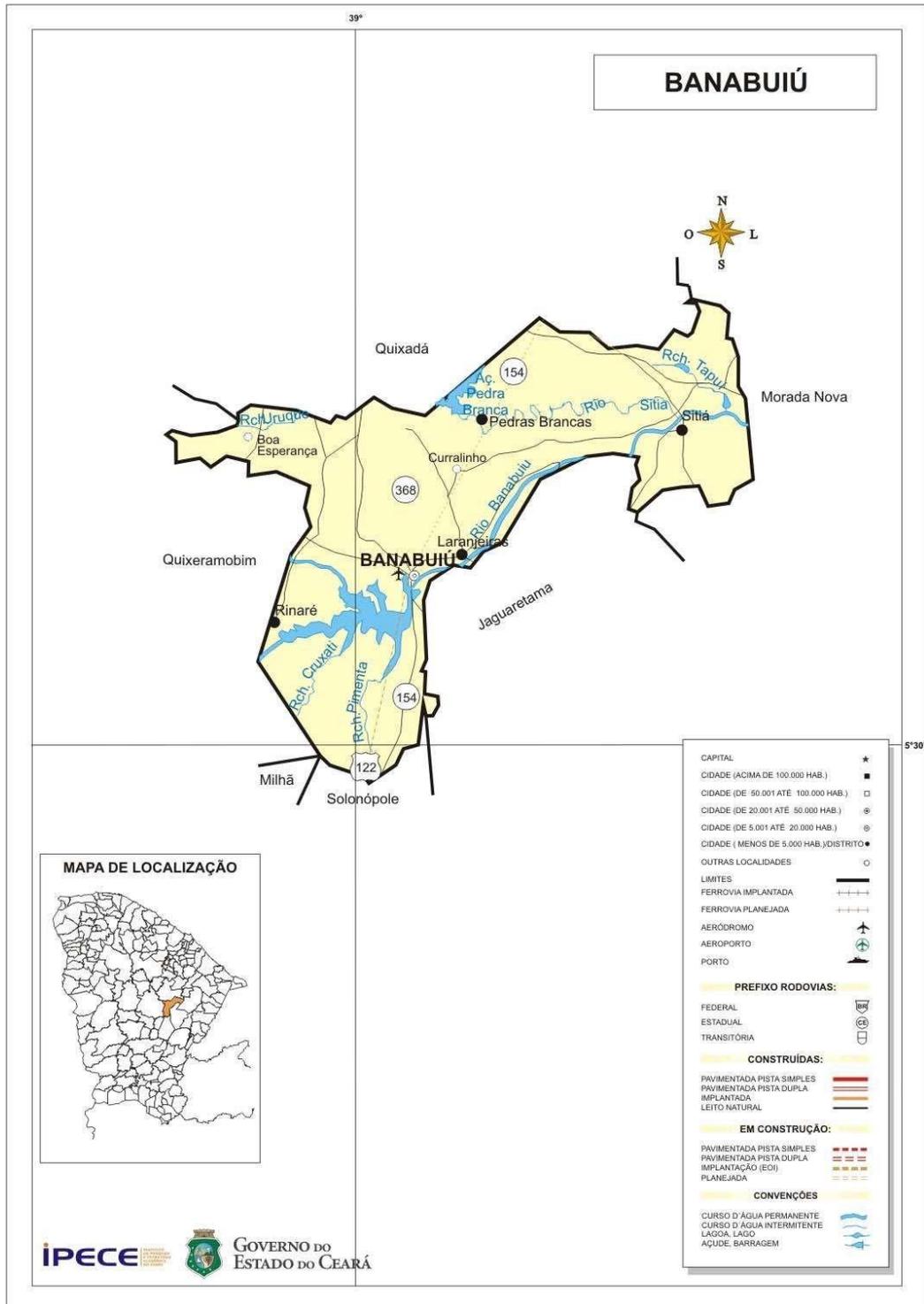
A cidade de Banabuiú está situada no Sertão Central cearense, a 179,0 km da capital, Fortaleza. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹, o município conta com uma população estimada em 18.256 habitantes, tem uma área de 1.080,986 km² e, conforme a Figura 1, limita-se a norte com o município de Quixadá, ao sul com os municípios de Milhã, Solonópole e Jaguaretama, a leste com o município de Morada Nova e a oeste com o município de Quixeramobim.

Inicialmente, Banabuiú era um distrito pertencente ao município de Quixadá e denominado como Laranjeiras. O nome Banabuiú só irá aparecer no ano de 1943, nomeando a sede da região, através do decreto estadual nº 114, de 30 de dezembro de 1943. No entanto, sua emancipação e elevação à categoria de município só ocorre em 1988, sendo seu primeiro prefeito o já falecido Dr. Benedito Gonçalves.

Em relação à sua organização político-administrativa, o município é constituído de Banabuiú (sede do município) e dos distritos de Laranjeiras, Rinaré, Pedras Brancas e Barra do Sitiá, como se observa na Figura 1. Laranjeiras e Barra do Sitiá são os dois distritos mais antigos do município de Banabuiú.

Figura 1 – Município onde foi realizada a pesquisa

¹Dados retirados do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/banabuiu/panorama>. Acesso em: 20 fev. 2019.



Fonte: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (2009, p. 4).

O processo de emancipação se deu, principalmente, em decorrência da construção do Açude Arrojado Lisboa, através do Departamento de Obras Contra as Secas (DNOCS). A obra teve início em 1952, tendo terminado apenas em 1966 devido a questões de ordem natural. De acordo com o site do município,

A história do Banabuiú se atrela à história do Açude. Esse projeto faraônico trouxe gente de todas as partes do Ceará. Muitos encontraram trabalho, e estes, sob um sol escaldante, construíram Banabuiú. Segundo relatos de moradores que viveram por aqui na época da construção (nas décadas de 50, 60 e 70), ela se deu a custa de muito suor, dedicação e também muito sangue derramado. Foi nesta época em que a cidade mais cresceu. Os trabalhadores que aqui chegavam foram ficando, formando suas famílias, fazendo assim desenvolver o lugar (BANABUIÚ, 2019).

O desenvolvimento da cidade, portanto, contou com a construção do açude, o terceiro maior reservatório de água do estado do Ceará e o maior da sub-bacia hidrográfica do rio Banabuiú. A região em que se localiza o município tem clima Tropical Quente Semiárido e sua vegetação é a Caatinga Arbustiva Densa (CEARÁ, 2017). O Produto Interno Bruto (PIB) do município era de 135.470 em 2015 e sua economia gira em torno das atividades de agropecuária com criação bovina, avícola e suína, além da agricultura de subsistência, com produtos como milho, feijão e caju, e dos setores de indústria e serviços (CEARÁ, 2017).

A atuação política do município ganhou ainda mais força quando conquistou sua emancipação, em 1988, e passou a eleger seus próprios representantes. A partir disso, começavam a ser traçados novos rumos da política em Banabuiú, fazendo da cidade um lugar onde a política sempre teve um notório destaque. Seu primeiro prefeito, como citado anteriormente, foi Benedito Gonçalves de Melo. De acordo com a narrativa de Benedita Oliveira e Adriana Márcia disponível no site do Governo Municipal de Banabuiú,

Bené, como era conhecido popularmente, era médico na cidade e figura carismática entre a população. Ele viria a ser reeleito em 1997, sucedendo o colega Aluizio Cajazeiras, que governou a cidade de 1993 a 1996. Bené só assumiria um ano do mandato de sua reeleição, depois que uma fatalidade lhe tirara a vida: Benedito Gonçalves morreu em um acidente de trânsito na cidade de Ibaratama. O fato chocou os banabuienses numa triste lembrança que muitos, até hoje, inevitavelmente recordam. Os momentos que sucederam sua morte, como velório e sepultamento, causaram grande repercussão e comoção municipal (BANABUIÚ, 2019).

Ao todo, depois de Benedito Gonçalves de Melo, a cidade elegeu mais cinco governantes, sendo que atualmente é dirigida pelo prefeito Francisco Hermes Nobre.

Ademais, a cidade é uma das mais procuradas da região pelos seus eventos festivos, como o carnaval, a Semana do Município e a Feira de Artes de Banabuiú (Banartes), objeto de estudo deste trabalho.

O carnaval de Banabuiú, popularmente conhecido como Carnaval das Águas (ver Figura 2), realizado às margens do rio, fez da cidade um dos destinos mais procurados do estado nos últimos anos na época da folia. A festa conta com foliões durante todo o dia, tendo início

no rio no período da manhã, estendendo-se até a tarde no conhecido “mela-mela”² e finalizando à noite com a festa.

Figura 2 - Imagem do carnaval das águas em Banabuiú-CE (2019)



Fonte: Diário do Nordeste³.

Outro grande atrativo que compõe a cultura da cidade é a Semana do Município, ocasião em que se comemora o aniversário de emancipação de Banabuiú, realizada sempre na terceira semana de janeiro. O evento conta com competições esportivas de variadas modalidades (ver Figura 3) que movimentam o comércio local. Como encerramento do evento, sempre é realizada uma noite de festa envolvendo grandes bandas.

Figura 3 - Imagem do ginásio poliesportivo João Claudino (2018)

²A expressão “Mela-mela” é utilizada para se referir a brincadeira de carnaval de rua em que as pessoas se divertem atirando nos outros água, talco e goma.

³Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertaoocentral/economia/66226/66226>. Acesso em: 20 fev. 2019.



Fonte: Diário do Nordeste⁴.

Mas foi a Banartes que esteve intimamente relacionada ao processo de emancipação do município de Banabuiú e que promoveu, ao longo dos anos, extensa participação, atratividade e representação da cidade. O município chegou a receber certificação do Ministério do Turismo⁵, compondo o Mapa Turístico do Ceará, ao lado de Canindé, Quixadá, Quixeramobim, únicos municípios do Sertão Central cearense certificados.

O evento surgiu com o objetivo principal de ressaltar a cultura popular nordestina, intensificando as práticas culturais existentes, a partir de operações e políticas que a colocavam em cena. A Banartes tornou-se extremamente conhecida na cidade de Banabuiú, atraindo pessoas do próprio município e de regiões circunvizinhas, tendo grande envolvimento popular, configuração primordial para garantir a magnitude da festa.

Nesse sentido, a seguir, abordaremos o contexto de construção da festa da Banartes, contextualizando a diversidade das expressões sociais e artístico-culturais do evento, bem como percebendo as representações que envolvem a região Nordeste e as tradições incorporadas nela.

2.2 Os organizadores da feira/festa

É importante destacar que as narrativas apresentadas nesta dissertação não pretendem ser entendidas como um conjunto de conhecimentos organizado linearmente. Antes,

⁴Disponível em: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/sertao-central/esportes/jogos-do-municipio-se-encerram-e-banabuiu-comemora-30-anos-de-emancipacao/58266>

⁵Governo Municipal de Banabuiú. Colaboração de texto: Lila Oliveira e Adriana Márcia. Disponível em: <https://www.banabuiu.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 20 fev. 2019.

busca-se entender, a partir das experiências desses sujeitos e de suas vivências, como se deu o processo de construção da Banartes, para que, assim, possamos compreender a historicidade da feira.

Para o desenvolvimento desta primeira análise, tivemos a participação de pessoas que estiveram envolvidas no processo de direção e organização do evento. Ao todo, foram coletadas narrativas de três pessoas. Reunimos entrevistas com duas das seis organizadoras da feira, Benedita Oliveira e Marília Sá, e com o então secretário de Cultura da época, Vilmar Nobre, por serem pessoas que estiveram à frente do processo de organização da feira, o que nos possibilitou compreender as ocorrências e desdobramentos culturais que estiveram presentes na história da Banartes ao longo dos anos.

É válido ainda salientar, que não conseguimos contato com as outras quatro organizadoras da Banartes (Maristela, Orquideia, Rose e a Ana Dina) e por esse motivo não foi possível realizarmos entrevistas com elas.

Nossa primeira entrevistada foi Benedita Oliveira, uma das principais idealizadoras da feira, a qual esteve desde o início envolvida no processo de criação da Banartes. Ela e mais cinco jovens pensaram e projetaram uma feira que acolhesse e representasse um encontro cultural entre os moradores de Banabuiú com exposições e atrações artísticas no município.

Lila, como é popularmente conhecida entre amigos e familiares, identifica-se como uma “amante da cultura”, pois, desde sempre, esteve organizando outros eventos relacionados a arte e cultura no município, muitas dessas vezes de forma voluntária. Sobre sua história com o município de Banabuiú, ela conta que

O meu pai era funcionário do DNOCS. O meu pai era “cassaco” que eram os trabalhadores das estradas e rodagens do sertão cearense e da construção do açude Banabuiú. Meu pai trabalhou lá. Eu nasci a beira do rio, numas barracas que tinham lá, que nesse tempo tinham poucas casas aqui. E eu fui sendo construída junto com o Banabuiú, eu fui compondo a minha história assim como o Banabuiú⁶.

A menina nascida às margens do rio Banabuiú, ao completar seus 15 anos, procurou ter participação social no município, promovendo com os jovens de Banabuiú um movimento que envolvia cultura, esporte e artes na sua região. Além disso, é importante salientar que Benedita Oliveira sempre esteve muito engajada nas questões políticas do município, participando ativamente como protagonista em reuniões partidárias e comícios.

⁶Entrevista realizada com Benedita Oliveira em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019 às 14h.

Quanto à sua escolaridade, a entrevistada demonstra um orgulho pelo estudo, quando destaca que “eu não paro de estudar. Além de estudar nas instituições, eu também me considero uma autodidata, gosto muito de estudar sozinha, fazer descobertas”.⁷ Seu período inicial de formação ocorreu no próprio município, tendo estudado lá até a 8º série (atual 9º ano do Ensino Fundamental). Como Banabuiú não contava com escola de Ensino Médio, Benedita foi estudar em Pernambuco, onde também ingressou na faculdade. Posteriormente, cursou Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e, depois, Letras na Universidade Regional do Cariri (URCA). Fez curso de especialização em Educação Inclusiva, além de recentemente ter concluído o mestrado na Universidade da Madeira, em Portugal. Atualmente, ela é professora da rede estadual, atuando na disciplina de Língua Portuguesa, mas também já atuou como secretária de Cultura, Turismo, Indústria e Comércio da cidade de Banabuiú.

Nossa outra entrevistada foi Marília Sá, que, em parceria com Benedita Oliveira, implementou o projeto cultural da Banartes. Marília nasceu no município de Banabuiú e, apesar de ter morado fora alguns anos, sempre retornou à sua terra natal. É formada em Letras, com pós-graduação na Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC), com área de aprofundamento em literatura e formação do leitor. Também iniciou o projeto de mestrado em Portugal, na Universidade da Madeira, mas por problemas pessoais não conseguiu prosseguir o curso. É concursada como funcionária pública de Banabuiú desde os 19 anos, atuando como agente administrativa e, embora não seja artista, faz questão de destacar que sempre procurou estar à frente das questões relacionadas à cultura do município.

O envolvimento de Marília Sá na Banartes iniciou-se na adolescência, juntamente com sua irmã Maristela e outras amigas que se consideravam um pouco “revolucionárias” para sua época, definindo-se como “mulheres à frente de seu tempo⁸”. Hoje, atua como espectadora do evento, não estando mais na organização da feira.

Além das referidas entrevistas com duas das seis idealizadoras da Banartes, contamos ainda com o depoimento de um dos secretários municipais da época, Vilmar Nobre. O entrevistado tem formação em História e especialização em Gestão Escolar, concluída em 1998, pela Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (FECLESC). Foi secretário municipal em Banabuiú no período de 2001 a 2007, mas logo depois tornou-se servidor público estadual na EEM Jacob Nobre de Oliveira Benevides, função na qual se aposentou.

⁷*Idem.*

⁸Entrevista realizada com Marília Sá em Banabuiú-CE, no dia 20 de março de 2017, às 9h.

2.3 O projeto inicial da feira: uma construção

O projeto da Banartes foi iniciativa de um grupo de seis amigas que sempre estiveram engajadas com aspectos culturais e políticos que envolviam o município, mesmo no período em que Banabuiú era distrito de Quixadá. O projeto iniciou em 1989 e o desejo era de realizar uma feira que pudesse resgatar a cultura popular local, em especial aspectos tidos pelas entrevistadas como parte da cultura nordestina, com participação ativa da comunidade.

A história da feira ocorreu em torno do apoio à candidatura do primeiro prefeito de Banabuiú, Dr. Benedito Gonçalves. Tratava-se de um contexto político de emancipação do município e a Banartes foi promovida como apoio ao candidato eleito. Portanto, o evento é também parte de um projeto político, cujas ações concorrem para a manutenção do grupo eleito. Logo, a Banartes se define num quadro em que a cultura junino-festiva deriva de uma considerável força popular que foi percebida e utilizada pela classe política local, tendo como impulsionador o processo de emancipação⁹ do município, ocorrido em 1988, ao mesmo tempo em que a Prefeitura Municipal começou a institucionalizar o evento.

A fala da entrevistada Benedita Oliveira, uma das idealizadoras da Banartes, evidenciou essa relação com a política local. A entrevistada ressalta que

A campanha dele já foi pautada em eventos culturais e artísticos. Tipo assim: a gente fazia o comício das crianças, dos jovens, entendeu? Eu lembro que a gente fez... a eleição foi em 15 de Novembro, mas em 12 de outubro a gente fez um movimento voltado para as crianças. Nós fizemos um movimento artístico voltado para a questão do artesanato, o violeiro o sanfoneiro, show de calouros, nós fizemos na praça. O nome desse movimento foi FeirArtes e da FeirArtes nasceu na Praça 25 de Janeiro, que não era ainda a Praça 25 de Janeiro, nasceu o compromisso do Benedito com a gente com esse grupo de jovens era eu a Marília, a Maristela, Orquideia e a Rose e a Ana Dina. E ele assumiu o compromisso de realizar um evento no mês de junho e já se delineava aí a Banartes¹⁰.

De acordo com a narrativa, o envolvimento de muitas pessoas na feira se deveu ao fato de que esse evento estava vinculado à campanha política do candidato a prefeito da época, que era politicamente promovido nas apresentações artísticas e culturais do município. Essa vinculação política da feira foi decisiva para a consolidação da Banartes. Segundo Nóbrega

⁹Período de emancipação do município, visto que Banabuiú ainda era distrito de Quixadá. Logo após o plebiscito, em 1986, é que ocorreu, em novembro de 1988, a primeira eleição municipal. Disponível em: <https://www.banabuiu.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 20 out. 2017.

¹⁰Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019, às 14h.

(2010), esse tipo de construção de eventos festivos para promover relações de poder político e intersecções com o desenvolvimento econômico é bastante comum. A autora considera que

Nos eventos festivos públicos há situações de conflitos e estratificações sociais, e em especial a apropriação pelos seus organizadores para propósitos de prestígio pessoal no âmbito da política eleitoral, como também seu uso com produto mercantil, na sobreposição dos interesses econômicos que permeiam as celebrações como produtos industrializados da sociedade de consumo (NÓBREGA, 2010, p. 30).

É comum, portanto, que várias festividades públicas populares tenham sido, nas últimas décadas, apropriadas pelos dirigentes públicos que as utilizam para firmar parcerias empresariais e, sobretudo, políticas.

Assim, sobre o processo histórico da feira, evidencia-se o fato de o evento derivar de ações públicas e ser utilizado como estratégia de propaganda eleitoral e ao mesmo tempo ser um evento que adquiriu grandes dimensões, potencializado na celebração junina e nos entrelaçamentos socioculturais. Na primeira edição da Banartes, o então prefeito, Dr. Benedito Gonçalves, fez a abertura do primeiro festejo junino em sua administração e firmou o compromisso de realizar a feira todos os anos.

Em seu primeiro projeto, a feira recebeu o nome de FeirArtes, porém essa denominação mudou no mesmo ano. Logo a feira passa a utilizar o nome Banartes como nome público, passando a ser comemorada todos os anos no mês de junho. Sobre a etimologia da Banartes, Benedita Oliveira afirma que

[...] a gente começou a pensar, aí começamos a montar o nome. A gente montou vários nomes envolvendo o nome Banabuiú e o nome Artes né?! Aí ficou Ban, o A fez uma fusão do A de Banabuiú e do A de artes né!? Cada uma ficou produzindo... Eu lembro que esse nome foi eu que dei. Aí foi para a apreciação né, mas foi um trabalho em conjunto, não foi só meu.¹¹

Nesse processo, a presença da apropriação política das expressões culturais incorpora à feira valores e significados, o que demonstra ser a expressão cultural um território em disputa.

Ainda sobre esse aspecto político, Benedita Oliveira recorda que,

Quando começou a campanha para primeira eleição de prefeito nós fizemos, a gente fez um movimento colaborando com o doutor Benedito, que era o candidato que a gente apoiava. E a gente fez uma feira de artes na praça, a praça que hoje é a 25 de Janeiro, que foi chamada a FeirARTEs. E daí o pessoal gostou muito, muita gente visitando, elogiando e o pessoal já pediu ao Benedito que, se ele fosse prefeito, desse

¹¹ *Idem.*

continuidade àquele trabalho. Então o doutor Benedito ganhou e convidou a gente pra compor a equipe juntamente com ele e já em janeiro fizemos o compromisso de no mês de julho realizar uma festa junina, uma festa junina que fosse resgatar a cultura sertaneja que a gente via que era uma cultura que estava sendo esmagada por outras culturas. E que a gente faria um momento onde resgataria a cultura sertaneja e nordestina. [...] ¹²

Portanto, fica evidente que a criação da feira, além de um desejo pessoal de um grupo de amigas, derivou também da iniciativa de ações oficiais governamentais que se utilizou dela como estratégia de propaganda e prestígio político. Assim, o evento mostra-se dicotômico e faz parte de duas apropriações simbólicas: a política e a popular.

Do ponto de vista institucional, os demais gestores públicos de Banabuiú, posteriores a Benedito Gonçalves, revelam interesse, no plano simbólico e em ações práticas, de transformar a Banartes em um grande evento visando a inserção da cidade no circuito turístico da região. Benedito, então, passaria a ser reconhecido como o mentor e criador da festa e, efetivamente, ele e grupos partidários que o apoiam passam a ter o domínio político da Banartes.

Sobre essa relação entre gestores públicos e eventos culturais, é muito comum acontecerem comparações entre as festas juninas promovidas por diferentes gestores municipais. Desse modo, são recorrentes comentários indicando que a feira não é a mesma do início, que houve uma mudança de foco, ou mesmo que um determinado prefeito não se dedica tanto à festa como outro gestor.

As gestões públicas municipais apresentam formas diferentes de promover a Banartes, mas, em termos de apropriação política da festa, todos têm atitudes semelhantes. Para alguns participantes da feira, na gestão do ex-prefeito Benedito Gonçalves (Filiado ao partido MDB), a Banartes estava pautada em questões mais tradicionais e de valorização da cultura. A festa ganhou uma dimensão mais turística e espetacular na gestão do prefeito Antônio Sales Magalhães (PL, 2000-2004). Na gestão de Veridiano Pereira de Sales (PSDB, 2008-2012), o processo de adequação da feira como um evento turístico e de espetacularização foi intensificado, enquanto que ao atual prefeito, Francisco Hermes Nobre (PDT), é conhecido como o responsável pela iniciativa do resgate das raízes históricas e culturais da feira. Este último tem dado ênfase a homenagens a grandes comerciantes do município, principalmente através da decoração do evento (cidade cenográfica representando o xilindró e o cartório da Dona Mariquinha). Manteve-se a espetacularização do evento, sobretudo com a contratação de

¹² *Idem.*

grandes bandas de forró eletrônico e ampliou-se a midiaticização em diferentes meios de comunicação, no entanto, ainda é muito criticado sobretudo pelos artesãos e violeiros da festa.

2.4 Sujeitos e práticas

Dentre as manifestações que compõem a feira, elencamos aquelas que fizeram parte desde o seu início para que pudéssemos tratar de cada uma de modo individual. São elas exposições de artesanato, quadrilhas juninas e cantoria de viola. De acordo com Benedita Oliveira, “nós pensamos em fazer quadrilha, violeiros, sanfoneiros e um espaço para o artesanato. O nosso artesanato da barra, da palha, do bordado, da renda (que nesse tempo a gente tinha rendeiros).”

Desse modo, descrevermos, de modo geral, como ocorriam algumas dessas manifestações, tendo em vista a importância delas para o desenvolvimento da festa.

2.4.1 Artesanato

Em diversas cidades brasileiras, o artesanato representa uma das manifestações mais significativas da cultura material. São comuns realidades em que cada comunidade domina um saber-fazer exclusivo, que normalmente foi transmitido de geração para geração através dos artefatos confeccionados. Na Banartes, essa prática artesanal se desenvolveu como uma das primeiras atividades e uma das motivações para a realização da feira. Para Marília Sá,

Ela veio em busca de valorizar o que nós tínhamos aqui com relação a arte, ao artesanato. Eu considero Banabuiú um celeiro de artistas, tem muitos talentos aqui, adormecidos, adormecidos mesmo. Que precisam de um “cutucão” assim para o pessoal acordar e ver que realmente existe essa coisa e que essa coisa do talento, da arte de Banabuiú é uma coisa muito valiosa para o lugar.¹³

Artesanatos com palhas, cestas para aniversário, cesta para oferecer café-da-manhã, bonecas, tapeçarias, objetos feitos com lã, crochê, almofadas decoradas, trabalhos com reciclagem, rosas de garrafa pet, objetos de gesso, jarros rústicos, panos de prato pintados à mão, chaveiros, porta-joias e bolsas são apenas alguns exemplos de peças artesanais produzidas pelas artesãs que compõem a Banartes, como ilustram as Figuras 4 e 5.

¹³Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de outubro de 2018, às 15h.

Figura 4 – Artesanatos: boneca de pano, arte em linha e tapeçaria



Fonte: Acervo da entrevistada Maria Aparecida.

Figura 5 – Artesanatos de palha: jarro, cestas, chapéu



Fonte: Acervo da entrevistada Maria Rodrigues.

O trabalho das artesãs se define como um conjunto de produtos artesanais que exemplificam sua criatividade e habilidade com o fazer manual. Na maioria das vezes, as mais

diferentes técnicas artesanais e conhecimentos aprendidos foram transmitidos por outras pessoas. Dona Maria Rodrigues¹⁴, por exemplo, é uma das artesãs que aprenderam técnicas de trabalho com palhas somente observando a forma como uma senhora realizava seu trabalho. Ela relata que

Desde oito ano de idade, eu vi uma muié fazendo, aí comecei a chegar perto e olhar. Aí a muié foi simbora, aí eu pensei assim “sabe de uma coisa eu vou é fazer”. Eu já vi o jeito que a muié risca, eu já vi o jeito que ela começa a cesta, eu vi o jeitinho que ela começou o chapéu. Aí quando a muié virou as costas eu comecei a fazer. Aí quando a muié veio que eu mostrei ela disse “minha fia suas coisas tão melhor do que a minha”. Aí eu disse: diga isso não senão eu num vou nem dormir hoje. E aprendi, minha fia, e até hoje. [...]

A relação de produtos artesanais com os conhecimentos transmitidos por outras pessoas também esteve presente na vida da dona Lídia das Graças¹⁵, que produz artesanatos há mais de 13 anos e emocionou-se ao relatar que a prática artesanal se iniciou na sua vida a partir de um momento difícil que ela estava enfrentando.

Quando ela (*sua mãe*) faleceu eu era tão apegada a ela que eu fiquei depressiva e vim ficar boa da depressão no grupo de idosos. Aí lá faziam artesanato né!? Tinha umas irmãs lá que ensinavam artesanato. Eu aprendi fazer umas almofadas redondas, sabe? Eu gostava de fazer. É difícil, era puxando fio do tecido, depois fazia tipo aquelas casas de abelha, aí eu me interessei por artesanato. Eu aprendi fazer cestinha de palha também que eu num continuei fazendo porque a palha aqui é difícil arranjar. Eu sei fazer ponto de cruz, sei fazer crochê.

Antes da Banartes, a maioria dos artesãos produzia seus materiais, muitas vezes, para uso próprio e de sua família, vendendo excedentes para pessoas conhecidas, tendo baixa arrecadação, uma vez que o trabalho não era reconhecido, apesar do alto valor cultural. Com a feira, esses artesãos puderam ganhar mais força na divulgação de suas produções e na complementação da renda familiar. Tal fato fica evidente na fala de dona Maria Aparecida¹⁶, que, desde 1991, expõe suas peças no evento.

Foi uma chance da gente mostrar o trabalho, porque a Banartes pra mim não é nem tanto expor e vender entendeu? “Ah, eu vou pegar isso aqui, vou chegar lá e vou vender” Num é! É mais porque assim: a gente recebe muita encomenda, tanto que eu tenho muita encomenda já dessa Banartes de agora (2018), muita encomenda mesmo pra mim fazer. [...]

¹⁴Entrevista realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de julho de 2018, às 10h20.

¹⁵Entrevista realizada em Banabuiú-CE, no dia 26 de julho de 2018, às 14h30.

¹⁶Entrevista realizada em Banabuiú-CE, no dia 20 de julho de 2018, às 09h15.

Compreende-se pelo relato a importância atribuída à Banartes pelas artesãs de Banabuiú, que consideram efetiva a contribuição da feira para a divulgação dos produtos artesanais por elas produzidas. Não obstante, deve-se lembrar que o evento, a princípio, contava com o artesanato local, sendo que

De artesanato feito em Banabuiú, o que predomina na verdade, na feira, na Banartes é o crochê. O crochê e a pintura, era isso! Como assim? Até onde eu fiquei à frente, o que nós tínhamos realmente de presença de artesanato era crochê e pintura, como eu estou lhe falando. Mas a gente não pode esquecer das outras coisas que são o artesanato, aquelas bonecas de pano! A gente tem todas aqui de Banabuiú, a gente tem almofadas muito bonitas, redes, que tem umas duas pessoas aqui que trabalham com redes. Elas mesmas fazem as redes, pintam as redes, fazem as varandas de crochê, e aí tem um rapaz também e ele trabalha em madeira. Ele faz trabalho de madeira talhada mesmo, ele corta a madeira e faz a obra de arte que você pedir.¹⁷

Com efeito, a participação da população, e em especial dos artesãos, no início da história da feira, foi pensada como instrumento de fortalecimento do artesanato. Esse fato, como aborda Vilmar Nobre, foi uma surpresa, pois “muitos talentos foram revelados. Na época, tinha muita gente que já trabalhava com isso, a gente apenas imaginava que existiam esses artesãos e na realidade a gente cadastrou esse pessoal, apareceram muitos talentos bons na época”¹⁸. Desse modo, de significativa relevância, o artesanato na feira se fez como peça fundamental para a realização do evento, atividade plenamente adequada às especificidades da região, com produtos estritamente relacionados às práticas do fazer cultural da comunidade.

2.4.2 Quadrilhas

As quadrilhas na Banartes são reconhecidas como uma das manifestações mais representativas da feira, tendo em vista que o evento foi criado para acontecer no mês de junho, período em que, o Nordeste brasileiro, ocorre uma série de festas que notabilizaram como “festas juninas”. Na Banartes, o elemento junino, segundo Benedita Oliveira, surgiu de uma “vontade de fazer no mês junino um espaço de Cultura junina e nordestina, por isso que era no mês de junho. A ideia também era fazer um evento junino dentro de uma feira maior, entendeu? Com as quadrilhas, com casamento matuto”.¹⁹

¹⁷Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de outubro de 2018, às 15h.

¹⁸Entrevista com Vilmar Nobre realizada em Banabuiú-CE, no dia 15 de outubro de 2020, às 11h20.

¹⁹Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

Ainda de acordo com os discursos dos organizadores da Banartes, as quadrilhas do período inicial da feira eram realizadas de maneira improvisada se procurava envolver a participação da comunidade nessa celebração.

[...] a gente improvisou uma quadrilha com nós mesmas e alguns rapazes na época. [...] Então assim, como ela tem alma junina, ela tinha tudo a ver com quadrilha. Aí a partir da quarta Banartes já teve quadrilha organizada, grupos de quadrilhas de escola, grupos de quadrilhas do sertão mesmo daqui dos distritos já vinheram algumas pessoas.²⁰

Ao longo dos anos, essa quadrilha improvisada foi tomando corpo e aumentando o número de brincantes, como se observa na Figura 6. Essas mudanças originaram os festivais de quadrilhas, com a profissionalização de concursos de quadrilhas juninas, de modo que os grupos responsáveis selecionam músicas de autores cujas letras são relacionadas com o tema, promovem a confecção de roupa e adereços e se preparam durante meses para a apresentação.

Figura 6 – Quadrilhas juninas do ano de 2000



Fonte: Arquivos de fotos da entrevistada Benedita Oliveira.

Normalmente, a apresentação das quadrilhas estavam associadas ao casamento e a personagens típicos de uma encenação junina: o casal de noivos, o padre, o pai da noiva e o

²⁰Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de outubro de 2018, às 15h.

policial. Apesar disso, atualmente, cada grupo cria histórias próprias e compõe as suas apresentações.

Sobre o festival das quadrilhas juninas, Marília recorda que,

A vila dos marianos tinha uma quadrilha dos idosos que ainda tem até hoje, e cada escola daqui tinha uma quadrilha. A gente trazia quadrilha da Barra do Sitiá, tinha uma quadrilha de pedras Brancas, tinha uma quadrilha de Laranjeiras e assim, nós tínhamos era o festival, o festival era pra concorrer. Não era só apresentar, porque apresentar tem a sua graça, mas quando você vai se apresentar e concorrer é diferente. Você se apresenta de outra forma, porque você quer ganhar o prêmio.²¹

Nesse sentido, a Banartes seria também uma festa junina e, portanto, marcaria um período de celebrações e práticas sociais que atravessaram diversos espaços, para além das especificidades locais e regionais, sendo agregadora de apropriações significativas, como festivais de quadrilhas juninas nos espaços urbanos que incorporavam diversos grupos para se apresentar. Sobre a inserção dos festivais de quadrilhas na Banartes, Marília conta que

Nós queríamos fazer no mesmo dia, para não fazer dois dias só com quadrilhas – porque era muito cansativo. Aí por exemplo, a quadrilha começava oito da noite, terminava duas da manhã, porque eram muitas quadrilhas, muitas. E todo mundo queria se apresentar. Mas, você acredita que a maioria dos espectadores eles ficavam do início até o final. Eles não se desfaziam do tempo. Parece que o tempo não passava.²²

Com essa estrutura de festival, a Banartes passou a organizar momentos de competitividade no transcorrer de cada ano através de quadrilhas estilizadas, que têm maiores cuidados com elementos como temas, figurinos, adereços, música, entrada, saída, harmonia, marcador, etc. para incrementar suas performances. Além disso, havia jurados técnicos que avaliavam as performances dos grupos através de quesitos, tais como casal de noivos, repertório musical, harmonia, tema abordado, entre outros, oferecendo prêmios aos mais bem produzidos.

2.4.3 Desfile da musa cultural

Outra manifestação presente na programação da feira da Banartes foi o desfile da musa cultural, que tinha como objetivo principal ressaltar a beleza da mulher nordestina e promover um espaço para a representatividade dessas mulheres durante a feira de artes.

²¹*Idem.*

²²*Idem.*

A inserção da competição da musa cultural da Banartes esteve presente desde a primeira edição da feira, mas, ao longo dos anos, foi sendo readaptada conforme o caráter cultural do evento para o desfile das misses. Essa manifestação, apesar de ter sido inserida na feira, não aparece como um traço característico da região Nordeste, mas, em contrapartida, engloba no seu bojo as tradições locais que envolvem multidões. Sobre isso, Marília Sá nos relata como foi esse processo de inserção dos desfiles das misses na Banartes.

Como eu te falei, Banabuiú é uma terra de talentos, né? Nós percebíamos e ainda percebemos muitas meninas bonitas aqui. Muitas mulheres bonitas. Aí a gente fez primeiramente, nas primeiras edições, a musa cultural. A musa cultural a gente convidava umas dez meninas, selecionava né. Fazíamos uma triagem e daí a gente via o peso, a gente via as medidas e a gente pesquisava naqueles desfiles de miss, as medidas das miss e tal. Eu sei que enfim, eram meninas adolescentes, não eram nem mulheres formadas, eram meninas de 15 a 18 anos e que nós pensamos em fazer isso para abrilhantar o evento. Precisava realmente. E foi uma ideia muito bem-vinda, nem sei de onde partiu a ideia, mas foi muito bom viu? Na época era um sucesso total²³.

Através do relato acima, percebemos que a modalidade do desfile ocorreu como uma adaptação a diversos outros desfiles que ocorriam em diferentes cidades, tendo em vista que há milhares de concursos regionais, nacionais e internacionais que despertam interesse do público e da mídia.

O desfile das misses, adaptação da musa cultural, iniciou-se na feira a partir da quarta edição e, embora não traga em si o elemento da nordestinidade, seus organizadores procuravam adequá-lo à temática da feira, buscando a representatividade regional, com ênfase nas produções da região Nordeste.

Durou assim uns 10 anos o desfile da musa. Aí teve uma época que a gente fez a musa, mas era uma musa que ela era com roupas características do Nordeste. Porque ficou a Maria Bonita, aquele pessoal todo da época do lampião. Dessa questão mesmo dos movimentos que já se passaram aqui na nossa região Nordeste. E aí tinha a Maria Bonita, tinham várias Marias Bonitas, umas seis Marias Bonitas. E assim era um movimento porque uma coisa mexia com a outra. Quando a gente pensava no desfile ou quando a gente pensava na quadrilha você conseguia mexer com a comunidade, porque as meninas iam procurar aquela costureira, aquela roupa, aquela bota, aquele chapéu e sem querer envolvia²⁴.

No início, o desfile era muito simples e a premiação era simbólica, muitas vezes retirada da própria natureza do sertão.

²³*Idem.*

²⁴*Idem.*

Fazíamos um arranjo de flores naturais, a gente ia no mato, aqui ao redor, pagávamos aquelas flores muito bonitas cheirosas, de pau branco também a gente pegava, fazíamos um arranjo ficava lindo, lindo. Alguma coisa do coqueiro também a gente colocava no arranjo e entregávamos para elas (*as rainhas da Banartes*) e dava tudo certo²⁵.

Quando não era um agradecimento através de flores, havia outros tipos de premiação também simbólica, como um perfume ou um sabonete. Sobre isso, é importante destacar a fala de Marília Sá quando recorda a inserção do desfile da rainha da Banartes,

Na primeira não teve premiação porque não tinha o desfile, na segunda já teve desfile, muito tímido mas teve, aí tinha uma premiação, mas era uma coisa tão simbólica. Era por exemplo um perfume, e as meninas se contentavam, achavam ótimo. Ora há 3 décadas atrás as coisas eram bem diferentes né!? Era uma caixa de sabonete, as vezes era um perfume e um sabonete. E a gente fazia uma faixa de papel higiênico, com areia prateada as letras, cola, essa cola branca mesmo e escrevíamos na faixa e dava tudo certo e era uma felicidade por tão pouco²⁶.

Essa modalidade de desfile conseguiu envolver diversas pessoas, ao mesmo tempo que exerceu grande influência entre as jovens do município de Banabuiú. Considerado uma novidade para a referida época, o desfile das misses permaneceu durante cerca de 10 anos, agregando, ao longo desse tempo, a participação da comunidade, que prestigiava o evento e organizava torcidas para sua candidata preferida.

Figura 7 – Desfile da musa cultural da Banartes (2008)

²⁵Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

²⁶*Idem*.



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

Na Figura 7, uma jovem do município de Banabuiú está trajada de Maria Bonita, cangaceira brasileira, companheira de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Esse casal é reconhecido como representante do cangaço e do sertão nordestino. Maria Bonita, no imaginário nordestino, é símbolo de valentia, força e coragem. Essa simbologia aponta, mais uma vez, para elementos temáticos que representam o Nordeste, mesmo em manifestações que não são típicas da região. Houve, portanto, uma readequação ou reinvenção da modalidade de musa cultural através das vestimentas como forma de caracterizar uma região.

2.4.4 Festival de violeiros e festival da canção

Além das manifestações acima citadas, na Banartes, foi inserido também o festival de violeiros e o festival da canção, que são representações culturais muito fortes da região Nordeste. Essas manifestações foram uma forma de entretenimento e oportunidade de propiciar alegria e diversão ao povo sertanejo.

Figura 8 - Imagem referente ao festival de viola



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

O festival de violeiros (ver Figura 8) configurou-se como uma atração muito representativa no cenário de construção e adequação da feira de artes, pois, dentro da música popular, os violeiros expressavam em suas obras a vida sertaneja, ao mesmo tempo em que utilizavam elementos do próprio município para expressar sua arte. Além disso, os violeiros também estavam presentes no cotidiano do sertão, pois faziam parte de um mundo que a maioria conhecia.

Na Banartes, esse tipo de apresentação esteve presente desde muito cedo. Logo na primeira edição, houve um ensaio do que seria mais posteriormente o festival de violeiros. Sobre isso, Marília Sá relata que “O festival de violeiros a gente já conseguiu fazer (na primeira edição), mas não foi um festival, foi uma apresentação apenas como uma dupla, mas a gente conseguiu fazer e foi bem interessante²⁷. Nesse contexto, a referida manifestação reuniu a

²⁷Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h..

comunidade local e, ao mesmo tempo, concedeu um espaço para que os violeiros expressassem sua arte e fossem reconhecidos pelo seu trabalho artístico.

Mas a participação dos violeiros na Banartes não se restringiu somente às apresentações e alguns também participaram na organização e realização da feira de artes. Sobre isso, a entrevistada Benedita Oliveira recorda:

Eu acho que tem alguns artistas que eles se sentem protagonistas da Banartes, entendeu? De querer participar da organização, de dar ideias... é tanto que eu lembro que quando a gente foi fazer o primeiro festival de viola e que a gente não conhecia muito aquela organização, metrificacão, o mote, o que é mote, o que é métrica, o que é rima... essas coisas todas. Os próprios participantes, e tinham uma pessoa que nos ajudava muito que era o Miguel²⁸ (que trabalhava no Banco do Brasil), ele nos organizava para como fazer o edital dessa parte, como organizar na hora das apresentações, os motes, os gêneros, os próprios artistas foram nos ensinando isso, por que a gente não sabia, logo quando começou eu não sabia, não sabia o que era mote, não sabíamos. Gênero né? Que tem o gênero de improviso, aí tem o martelo a galopada, tudo isso a gente foi aprendendo com eles. Então eles eram também protagonistas da Banartes não só na hora da apresentação, mas na hora da organização também²⁹.

Além do festival de violeiros, outro destaque da Banartes narrado pelas nossas entrevistadas foi o festival da canção (ver Figura 9), que teve início na décima segunda edição da feira, ocorrida no ano 2000. O festival da canção engloba elementos representativos da cultura regional e indica com clareza aspectos de grande relevância para a composição da Banartes. Sobre isso, Marília Sá salienta:

Lá pela 12ª edição a gente já conseguiu realizar o Festival da canção, mas eu não sei te dizer com precisão a data. Assim, porque a Banartes é a questão da feira do artesanato aliada as apresentações culturais. Apresentações culturais o que era na época que nós criamos, inventamos o festival da canção, **que não foi invenção nossa**, a gente copiou de outro lugar. O festival eu vou te falar claramente. Ele não existe até uma viagem que eu fiz em Camocim, eu fui a Camocim nas férias no ano aí de julho, no mês de julho e lá acontecia o Festival da canção todo ano, era anual, vinha gente de todo nordeste, era o festival que ocorria a beira mar, com muita gente, muito valorizada, premiação lá em cima. Quem fazia a abertura normalmente era Geraldo Azevedo, Elba Ramalho. Para encerramento também era um cantor desse porte. E aí eu fui para lá e conheci uma pessoa lá que participou desse festival, e essa pessoa me deu a ideia de trazer o festival para Banartes e tinha tudo a ver, e eu conversei com as minhas colegas e elas aceitaram na hora a ideia, adoraram. E assim o que era? Como que se baseava, qual era o cerne do festival da canção? era ter uma canção inédita de cada compositor. Uma música ou minha ou sua, mas que ele viria interpretar uma canção inédita. E aí ele ia passar por uns critérios de alguns entendidos que se visse que tinha plágio automaticamente a pessoa já era eliminada. Então sim dava um pouco de trabalho porque nem todo mundo consegue fazer uma música, compor uma canção, porque tinha que ser a melodia inédita, a letra inédita e com isso a gente despertou muita coisa boa aqui porque os meninos começaram a martelar na cabeça que era

²⁸A entrevistada se refere ao Miguel Peixoto, promotor da cultura do município de Banabuiú e circunvizinhos.

²⁹Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019, às 14h.

muito legal e tal e a gente teve coisas bem significativas no festival da canção que marcaram para sempre a história da Banartes³⁰.

A entrevistada destaca que o festival da canção, apesar de não ter sido uma invenção delas, mas uma adaptação de um evento realizado em Camocim-CE, foi inserido na feira com grande aceitação, tanto por parte dos organizadores da feira, como pelos artistas que a compunham.

Figura 9 - Apresentação do festival da canção



Fonte: Arquivos de fotos da entrevistada Benedita Oliveira.

Normalmente, os participantes do festival da canção eram os mesmos do festival de violeiros, no entanto o tipo de apresentação era diferente. No festival da canção, o cantador faz uma letra de música de sua autoria e se apresenta, já o festival de violeiros, a apresentação é de improviso, o repente e os desafios que demandam do artista experiência e desenvoltura para o desenvolvimento de uma temática específica escolhida pelos organizadores da feira.

Em ambas as modalidades, a aceitação por parte do público nas primeiras edições da feira foi grande, atraindo um número considerável de admiradores que prestigiavam o encontro cultural e aproveitavam o momento para se divertir.

³⁰Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h..

2.4.5 A participação do teatro na Banartes

Além das apresentações citadas, houve, dentro da festa, desde o ano 2000, a participação do Teatro Cotinha, grupo teatral do município de Banabuiú. O referido grupo está diretamente ligado à história do diretor da companhia, o professor Ms. Simão Cavalcante, natural de Banabuiú, nascido na localidade de Penha³¹. Simão, desde muito cedo, dedicou-se à profissão de professor, muito antes da sua formação. Ele conta que

No ano de 1997 fui para o ensino médio, coincidiu com a época que foi construído a escola Irma Ruth e o ensino médio era ofertado a noite, 1997, né? 1998 e 1999 continuei no ensino médio, só que em 1998 eu tive a minha primeira oportunidade de emprego eu fui trabalhar como professor na escola da Boágua, na escola Pergentino, isso eu tendo apenas o ensino médio incompleto, fazia o segundo ano. Em 99 eu fui trabalhar na pedras brancas, em Pedras brancas, dando aula também, isso eu já fazia o terceiro ano e assim eu fazia, eu dava aula durante o dia e a noite eu vinha pra cá, estudar, voltava pro sertão e passava só o final de semana em casa.³²

Decidido a seguir sua carreira profissional ensinando, Simão formou-se em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC), especializou-se em Ensino e Pesquisa em História pela Faculdades Kurius (FAK), em 2008, e, em 2018, concluiu o Mestrado Interdisciplinar em História e Letras (MIHL/FECLESC). Mas, além da sua paixão pelo estudo, tem dedicado parte do seu tempo à construção e consolidação do Teatro Cotinha, que recebe esse nome em homenagem a uma senhora chamada Dona Cotinha.

Nós passamos na casa de uma senhora, chamada Dona Cotinha, conversamos com ela, ela disse que gostava muito de artistas e que queria ser artista, queria ser atriz, fazer os dramas, participar dos dramas que não era teatro, era drama, né? para os mais velhos. Aí pronto, aí ficou, isso era 99, finalzinho de 99, quando foi em 2000 aí nós quisemos homenagear ela. E também Cotinha, porque nós queríamos a princípio que fosse só uma companhia de teatro infantil inclusive nos dois primeiros anos nós trabalhamos só com teatro para as crianças, né? E nunca deixamos de trabalhar, sempre a gente tenta ver um espetáculo para as crianças, aí foi por isso o nome Cotinha, né?³³

O grupo de teatro, surgido em 2000, tem intensa relação com a Banartes, visto que foi nela que ocorreu a primeira apresentação do coletivo, com a peça *A verdadeira história de Cinderela*, organizada e reescrita pelo próprio diretor do teatro e demais componentes do grupo, conforme mostra a Figura 10 a seguir.

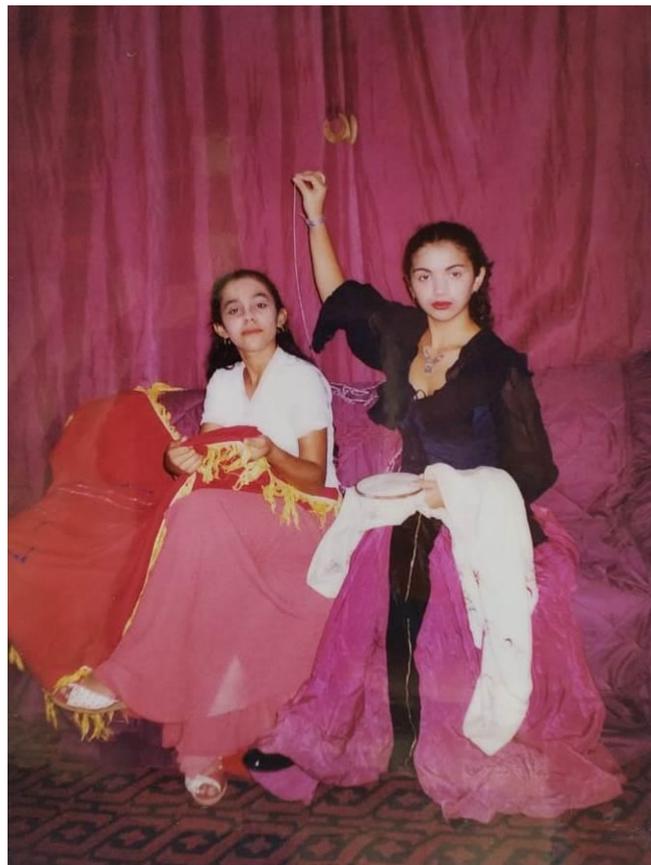
³¹Penha é uma pequena localidade do município de Banabuiú que está situada em Laranjeiras, um distrito localizado na zona leste do referido município.

³²Entrevista com Simão Cavalcante em Banabuiú-CE, no dia 26 de novembro de 2020, às 15h.

³³*Idem*.

Em 2000, a partir de 2000 a Banartes passou a ser a ser um palco para a apresentação de teatro, tanto é que a primeira apresentação do Cotinha foi na Banartes, foi no dia primeiro de julho de 2000. Nós apresentamos a peça a verdadeira história de Cinderela que foi a primeira peça e foi a peça que nós preparamos no dia da nossa primeira reunião que foi no dia nove de maio de 2000 e do dia nove de maio até o dia primeiro de julho nós preparamos cenário, figurino, tudo, pra apresentar. Apresentamos numa sexta pela manhã, apresentamos lá no Ginásio, e foi lá que a cotinha nasceu como companhia de teatro.³⁴

Figura 10 – Primeira apresentação do coletivo na Banartes (1º de julho de 2000)



Fonte: Arquivos de fotos do Complexo Municipal de Banabuiú.

Nesse sentido, conforme revelou a entrevista, a Banartes foi de suma importância para a consolidação do Teatro Cotinha, o qual serviria como apoio e incentivo ao desenvolvimento artístico da cidade. Além disso, com as apresentações do coletivo, a feira ganhou mais uma atração responsável por conquistar e encantar o público.

Ainda sobre isso, o entrevistado acrescenta:

Aí nós montamos em 2000, nós passamos quase um ano com esse espetáculo, apresentamos em vários lugares na biblioteca, nas escolas, fomos pros distritos. 2001 nós montamos uma outra peça infantil também chamada “o médico camponês e a

³⁴ *Idem.*

princesa engasgada”, não lembro de quem é esse texto, não tô lembrando. Inclusive esse ano que a gente apresentou “o médico bom e a princesa engasgada”³⁵ foi, olha que coincidência, a primeira apresentação foi o último ano da Banartes na quadra e a segunda apresentação foi o primeiro ano da Banartes na praça, que a Banartes não cabia mais na praça, aí apresentamos, só que apresentamos a noite.³⁶

Desde então, a feira passou a celebrar junto com o Teatro Cotinha as apresentações do grupo, contribuindo para a sua resistência como companhia de teatro. Além das apresentações anuais da Banartes, o grupo realiza encenação teatral em outros espaços do município de Banabuiú e logo depois passou a se apresentar também em cidades circunvizinhas.

[...] E de lá pra cá, creio que não tenha tido nenhuma Banartes que a gente não tenha se apresentado, nenhuma, certo? E era até bom, porque a gente preparava a peça pra Banartes, a gente ganhava para essas apresentações e tudo mais. Todas, todas, todas a gente se apresentou, quando houve Banartes a gente se apresentou com várias peças. Então a Banartes ela passou a ser pra cotinha o palco e agenda principal, né? nós vamos nos apresentar, nos preparar todos os anos pra levar o espetáculo pra Banartes.³⁷

O coletivo passou a fazer parte da programação cultural da feira, introduzindo na festa novos elementos, que se tornaram imediatamente bem aceitos pelo público. Com a participação do Teatro de Cotinha, novas performances e grupos teatrais passaram a compor a festa, dinamizando a cena cultural do município.

2.5 A organização da primeira Banartes e A formação de edições seguintes

Agregando as manifestações citadas anteriormente, a feira da Banartes se construiu dentro do município de Banabuiú com o objetivo primário de

Resgatar a **cultura nordestina** que estava vítima de extinção com as novos gêneros musicais, as novas formas de fazer cultura, a gente pensou, “vamos pegar essa cultura que tem contemporaneamente mas, também não vamos deixar apagar nossas raízes e as nossas culturas, por exemplo a quadrilha, o festival de viola, os sanfoneiros, o forró pé de serra”, então a gente fazia isso, um dos objetivos também era promover a cultura contemporânea mas também resgatando a cultura sertaneja nordestina pra não deixar acabar.³⁸

³⁵A referida peça teatral foi escrita e organizada pelo diretor Simão Cavalcante e demais membros do Teatro Cotinha.

³⁶Entrevista com Simão Cavalcante em Banabuiú-CE, no dia 26 de novembro de 2020, às 15h.

³⁷*Idem.*

³⁸Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

A construção da feira se deu lentamente. Sua primeira edição começou com as quadrilhas improvisadas na rua, nas quais as pessoas confeccionavam suas próprias roupas e a brincadeira acontecia de forma espontânea. Existia sempre uma pessoa que puxava, que organizava, mas tudo acontecia de modo muito natural. No entanto, foi nesse primeiro momento da Banartes que se iniciou o embrião que posteriormente daria corpo ao ciclo das quadrilhas juninas que acontecem dentro da festa e que são consideradas típicas da região Nordeste. Marília Sá conta que

[...] ela começou apenas com alguns vasinhos de flores, algumas toalhinhas de crochê e daí a gente convidou o Chico Cabeção para tocar as duas noites pra gente. A gente improvisou uma quadrilha com nós mesmas e alguns rapazes na época, acho que éramos em torno de seis pares, e aí depois da quadrilha teve o arrasta-pé, que durou a noite inteira, e aí no outro dia todo mundo já estava lá muito cedo, oito horas da manhã perguntando se a gente não ia fazer a festa de novo e a gente teve que começar oito horas da manhã e foi o dia inteiro e aí não teve mais como a gente parar.³⁹

Essa característica da primeira Banartes também foi recordada por Marília Sá quando ela destacou que

Na verdade, a primeira Banartes, ela foi muito tímida, mas ela tinha que acontecer, tinha que ter a primeira para poder ter a segunda. Então assim a gente teve apoio porque foi no ano de administração de Banabuiú, de prefeitura, nós não tínhamos verba para nada, Não tínhamos emprego, nós não tínhamos um sustentáculo que a gente pudesse dizer “ah eu vou fazer isso aqui garantido com esse dinheiro e tal”. Não, nós fazíamos na esperança de conseguir pedindo mesmo aos políticos. O Dr. Benedito que era prefeito daqui, no ano de 1989, era o primeiro prefeito e foi no primeiro ano de administração a primeira Banartes, e que a gente levou a ideia e a gente fez um projeto a mão, escrito à mão mesmo, manuscrito. Que foi um projeto de amigas, que éramos eu, a Lila, a Rose, a Orquídea e a minha irmã Maristela e a Ana Dina⁴⁰.

A primeira edição da Banartes ocorreu durante dois dias (no sábado e no domingo), atraindo diversos artistas do município e de cidades próximas a Banabuiú. A feira contou com o apoio de diversos comerciantes locais, que passaram a investir na Banartes durante os anos que se seguiram. Segundo Benedita Oliveira,

A primeira edição se não me engano foi dia 23 e 24 e 25 do mês de junho de 89. A prefeitura arcou com a maior parte das despesas, mas os fornecedores ajudaram muito, os comerciantes de Quixadá de Banabuiú, os de Quixeramobim também. A própria Prefeitura de Quixadá também colaborou na época, e tinha uma empresa aqui em Banabuiú que estava construindo o hospital do Banabuiú. Eu não me lembro mais o nome da empresa, mas eles ajudaram bastante⁴¹

³⁹Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 20 de março de 2017, às 9h.

⁴⁰Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

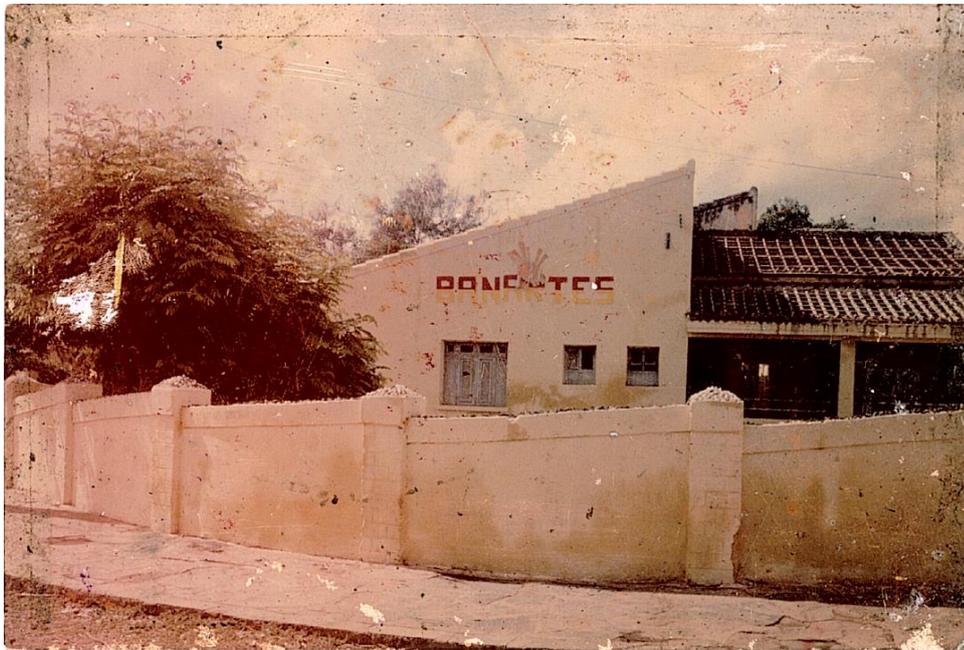
⁴¹Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019, às 14h.

No que concerne ao seu período de realização, desde o início, a feira ocorreu durante o mês de junho, por ser considerado pelas organizadoras um período representativo do Nordeste e do município de Banabuiú.

Quanto ao local de realização da feira, seus organizadores tiveram dificuldade na primeira edição do evento. De acordo com Benedita Oliveira,

[...] a gente teve dificuldade de encontrar um espaço. Esse espaço foi o hotel do DNOCS⁴², que estava abandonado! E eu lembro que a gente pediu ajuda a uma empresa de engenharia que estava construindo o hospital do Banabuiú e num prazo recorde de tempo eles conseguiram fazer uma reforma, uma medida paliativa, e nos entregou o hotel num estado de conservação bacana e deu para a gente realizar e esse espaço, esse ponto de encontro foi assim grandioso para nós [...]⁴³.

Figura 11 - Antigo Hotel do DNOCS



Fonte: Arquivos de fotos do Complexo Municipal de Banabuiú.

O hotel do DNOCS foi o primeiro espaço utilizado para a realização das primeiras edições da Banartes. O espaço, como visto na Figura 11, era um local simples, de estrutura limitada e com necessidade de reformas. Além disso, segundo o depoimento de Marília Sá, o

⁴²O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Integração Nacional, com atuação no Nordeste. Recebeu inicialmente o nome de Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS), em 21 de outubro de 1909. Em 1919, recebeu ainda o nome de Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), denominação que durou até 1945, quando passou a chamar-se DNOCS.

⁴³Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

antigo hotel do DNOCS, na época, estava sem administrador e abandonado, porém mostrou-se um local adequado para a realização do evento em razão de seu tamanho. Marília conta que

No sábado a gente começou depois de meio dia, ali onde é hoje o anexo né? aquele complexo de secretarias da prefeitura. Funcionava o Hotel Municipal [ver Figura 12]. O hotel na época tava como se fosse sem administrador e tal e aí a gente pegou o prédio, pedimos a prefeitura, porque tava a disposição da prefeitura e a gente realizou lá naquele salão Grande onde acontece aquelas aulas de dança. E aí deu certo. Foi sábado à tarde, a boca da noite também e sábado à noite terminou umas 8 horas da noite e o domingo foi o dia todo, porque o povo não queria sair de lá mais.⁴⁴

Figura 12 – Idealizadoras da feira no hotel onde foram realizadas as primeiras edições da Banartes



Fonte: Arquivos de fotos do complexo municipal de Banabuiú.

Para garantir o estado de diversão, outro aspecto destacado pelos nossos entrevistados foram os elementos presentes em quase todas as festas de São João: as comidas típicas, a música e as quadrilhas que, como já mencionado, foram inicialmente improvisadas.

As pessoas que foram pra lá, que começaram a comer... porque a gente armou umas quatro mesas, umas cadeiras. Mesas da casa da gente mesmo, a gente levava viu e a gente colocou naquele parapeito todinho do prédio as artes, os arranjos. Ficava tão belo porque era de uma pureza e de um significado tão grande que hoje se a gente visse talvez nem ligava. Então assim, a gente fez dessa forma. Ele (*seu Chico cabeção*) começou a tocar umas 5 da tarde. A gente improvisou uma quadrilha, com quem tava lá. Com a roupa que a gente tava a gente dançou. As vezes era mulher com mulher, homem com homem, mas o que valeu mesmo foi a intenção de realizar e deu certo e

⁴⁴Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

quando foi domingo já foi o dia todo, aí a gente inventou de levar umas comidas aí foi tudo consumido, todo mundo comeu tudo que tinha levado de comida. Ele tocou até a tarde de domingo que a gente encerrou por aí. Uma baita de uma ressaca, um cansaço muito grande. Aí pronto uma semana depois a gente já sentou para avaliar, como todo evento precisa dessa reunião de pós evento, e a gente fez o feedback né e tal, e que na época a gente não chamava assim, chamava de avaliação mesmo, E aí a gente teve a coragem de fazer um outro projeto, que já foi datilografado o segundo projeto, e a gente já levou para ele de novo e já ficamos pensando na segunda.⁴⁵

Apesar da estrutura limitada, a feira agregou na sua primeira edição, além da exposição do artesanato, outras manifestações artísticas e culturais extremamente populares no município, como festival de violeiros, shows com artistas da terra, gincana cultural, forró e corrida de canoas, como é possível observar na Figura 13.

Figura 13 – Cartaz de divulgação da Banartes (1989)



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

Estava lançada a logomarca oficial da Banartes, com o destaque para o nome da cidade, do então prefeito municipal e das atrações que fariam parte daquele momento, promovendo, dessa maneira, a divulgação e o *marketing* do evento.

⁴⁵Idem.

Essa divulgação da feira normalmente era realizada principalmente através do contato com outros municípios e regiões circunvizinhas, além de um investimento em divulgação nas rádios.

A gente usava a propaganda impressa e as rádios. A rádio campo maior de Quixeramobim, a rádio monólitos de Quixadá e até a televisão já foi publicizada algumas vezes na televisão verdes Mares né! E era assim, era uma dificuldade muito grande porque a gente tinha que conseguir carro pra ir para as cidades vizinhas para divulgar e fazer panfletagem e colar cartazes, a gente fazia isso. Na circunvizinhas aqui, Quixeramobim, Quixadá, Morada Nova, Solonópoles, Jaguaratama e a gente tinha alguns amigos, alguns parceiros né? que a gente mandava e eles divulgavam né?!⁴⁶

No âmbito das despesas para a realização da sua primeira edição da feira, destacam-se principalmente os gastos com a estrutura do evento, com a alimentação servidas aos participantes, com a limpeza, entre outros. Somente a partir da segunda edição, a feira incluiu uma premiação simbólica para os participantes da Banartes. Sobre isso, é importante destacar a fala de Marília Sá, quando recorda a inserção da modalidade do desfile da rainha da Banartes e a premiação simbólica dada às vencedoras.

Na primeira não teve premiação porque não tinha o desfile, na segunda já teve desfile, muito tímido mas teve, aí tinha uma premiação, mas era uma coisa tão simbólica. Era por exemplo um perfume, e as meninas se contentavam, achavam ótimo. Ora há 3 décadas atrás as coisas eram bem diferentes né!? Era uma caixa de sabonete, as vezes era um perfume e um sabonete. E a gente fazia uma faixa de papel higiênico, com areia prateada as letras, cola, essa cola branca mesmo e escrevíamos na faixa e dava tudo certo e era uma felicidade por tão pouco⁴⁷.

Ao longo das demais edições, a feira passou a agregar mais elementos e atrações culturais, com apresentações diversificadas. Ainda sobre a segunda edição da feira, Marília recorda:

A segunda foi uma edição melhorada da primeira, mas bem melhorada mesmo. Na segunda a gente já conseguiu fazer um show de calouros, na primeira a gente não teve, porque também foi a primeira né. A segunda já tivemos o show de calouros que fez uma diferença grande né? Se eu não me engano, mas eu não tô bem lembrada, a gente já fez um desfile... não era musa cultural, era a rainha da Banartes, A musa cultural surgiu depois, depois da décima edição, mas aí tinha rainha da Banartes, que chamava muita atenção porque vinha gente de outros municípios para assistir.⁴⁸

⁴⁶Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019, às 14h.

⁴⁷Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

⁴⁸*Idem*.

Além disso, em relação à dinâmica econômica da feira, diferentemente da sua primeira edição, que contou principalmente com recursos financeiros da prefeitura municipal de Banabuiú, as demais edições tiveram o patrocínio de empresas que apoiaram o evento, e, conseqüentemente, facilitaram a realização da festa, incentivando o crescimento da economia local.

Nas Figuras 14 e 15, é possível identificar, além de empresas que patrocinaram os custos para a realização do evento, outras manifestações artísticas e culturais da feira nos anos 1990 e 2000, o que indica uma reinvenção desta a cada ano, promovendo novas atrações culturais e preservando aquelas iniciais. Nessa perspectiva, já é possível perceber um esforço em englobar múltiplas atrações ao evento e, ao mesmo tempo, promover um caráter mais comercial da feira, com propostas comerciais sagazmente estruturadas em seus dispositivos promocionais.

Figura 14 - Cartaz de divulgação da Banartes (1990)



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

Figura 15 – Cartaz de divulgação da Banartes (2000)



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

Na edição de 2000 (Figura 15) houve, ainda, festival de viola, concurso de quadrilhas, varal de poesia, criança fazendo arte e teatro. Ademais, no que se refere ao local de realização da Banartes, percebe-se que a feira teve que mudar o seu lugar de exposição uma vez que houve maior demanda e participação da comunidade. O local escolhido foi o Ginásio Coberto João Claudino, dado o seu maior tamanho.

Em relação a essa mudança de local para a realização da feira, Benedita Oliveira afirma que houve uma modificação estrutural do local de exposição dos artesãos, pois

[...] eles comercializavam muitos deles aqui, posteriormente fomos para a quadra, eles comercializavam lá nos arredores da quadra e agora é na rua, no centro. E eles passam o dia comercializando e eles colaboram sendo patrocinadores, desde a primeira Banartes, a maioria deles⁴⁹.

⁴⁹Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

Dois anos depois, em 2002, ocorreram mais mudanças na feira. Na XVI Banartes, houve a presença dos festivais de violeiros, das gincanas, do artesanato, das quadrilhas, do forró, dos desfiles e do teatro, mas também foram inseridas na sua programação atrações como esculturas, seminários, barracas de comidas típicas, pintura e poesia.

O cartaz a seguir (Figura 16) indica um esforço de promover um movimento para o reconhecimento do evento, com imagens coloridas em formatos de festejos, dando destaque às modalidades através do formato aleatório das apresentações. Além disso, evidencia-se a contratação de um profissional para a realização da arte gráfica, como se pode observar no lado direito, na vertical da imagem.

Figura 16 – Cartaz de divulgação da Banartes (2002)



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

Concluimos que, no intervalo entre 1990 e 2002, houve um aumento na quantidade de apresentações ou exposições em comparação com a primeira edição da feira. Conforme a Banartes foi aumentando, foram inseridas mais modalidades nas atrações do evento. Acreditamos que tal fato se deve a uma necessidade de maior divulgação da feira, tanto em termos econômicos, como também para o atrativo turístico.

Portanto, no que diz respeito ao processo histórico da Banartes, observou-se que no decorrer dos anos, sua estrutura mudou acentuadamente, tanto em termos de ambientes para sua realização, como também pelas atrações inseridas no campo cultural multifacetado da Banartes, tendo em vista as significativas representações para fomentar novos olhares sobre feira.

2.6 A festa da Banartes como uma invenção da nordestinidade

Na construção inicial da Banartes, há um elemento extremamente relevante e rememorado pelos nossos entrevistados quando perguntados sobre o processo de organização da feira: o desejo de que a festa fosse realizada como um resgate ou uma representação dos signos da cultura nordestina. Segundo Lila Oliveira, “O principal objetivo da Banartes era a gente resgatar a cultura nordestina que estava vítima de extinção com as novos gêneros musicais”.⁵⁰

Esse elemento de representação do Nordeste esteve presente durante todo o processo histórico da festa da Banartes e, independentemente do discurso político na festa, suas organizadoras enunciam de modo enfático o caráter regional do evento. Trata-se, então, de uma festa que foi inventada como manifestação da cultura junina tradicional com forte apelo para a identidade regional.

As entrevistadas deixaram sempre claro que a Banartes, desde sua primeira edição, foi pensada para ser realizada durante o mês de junho, época em que ocorre o São João, festa típica da região Nordeste. Marília nos conta:

Um detalhe importante. A gente começou a pensar Banartes mais ou menos em abril e em junho ela já aconteceu. A gente viu a Banartes com **a cara do Nordeste**, com a temática da **seca**, mas vimos também que dentro deste Nordeste e dessa seca também caberia o São João, a festa de São João. Por quê? Porque tem tudo a ver. É nordestina, por que é uma festa típica do Nordeste. E por que fazer a Banartes em agosto não teria melhor graça. Se pudéssemos fazer o São João seria outra festa com essa quadrilha com esse bolo de milho, com essas coisas todas. O milho na espiga para vender e tal as comidas típicas, canjica que a gente teve na primeira e na segunda, e tivemos em várias delas, e assim o São João foi assim uma decisão Certa para o sucesso da festa, foi o diferencial, porque se tivéssemos realizado em outro mês talvez tivesse alguma outra riqueza, e certamente teria, mas como São João seria difícil. Por que vem toda uma questão. Por trás Banartes, tem uma vastidão de coisas que eu não consigo falar contigo só não encontro desse. Tem a questão da **Chita**, a chita remete ao que? a São João, a Alegria, a festa a comemoração. **A fogueira**, porque a gente teve uma fogueira também na primeira Banartes, então assim diferencial da festa ter sido no mês de junho é exatamente a questão do São João⁵¹.

⁵⁰Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

⁵¹Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

Pelo relato anterior, compreende-se que a Banartes seria uma festa que agregaria as comemorações juninas feitas com a cultura sertaneja. A entrevistada chega a citar o tecido de chita, que é utilizado constantemente nos festivais juninos como decoração e também nas vestimentas das quadrilhas, como um exemplo do São João.

Assim, por ocorrer durante o mês de junho, a Banartes se caracteriza como uma festa junina. Embora as festas juninas ocorram nas diversas regiões do Brasil, na região Nordeste, essas festividades têm grande expressão, pois a região é conhecida por dominar o setor, tendo em vista o potencial quantitativo e qualificativo de suas agremiações juninas. De acordo com Trotta (2014, p. 2311),

Tão importante no calendário anual quanto o Natal ou o Carnaval, as comemorações em homenagem a São João ocupam espaço privilegiado no ciclo de festas populares na região Nordeste. [...] Em toda a região Nordeste, o mês de junho é ocupado por signos que falam sobre uma construção de identidade regional, desenvolvida e reafirmada a partir de referenciais rurais e festivos (TROTТА, 2014, p. 2311).

Logo, a representatividade do São João e dos festivais de quadrilha é acentuada e ocupa um lugar de projeção simbólica da feira. Além disso, o mês de junho é o momento de se fazer homenagens a três santos do catolicismo (São João, São Pedro e Santo Antônio), religião ainda majoritária no Brasil. Para Amaral (1998, p. 126),

No nordeste brasileiro principalmente, estes santos são reverenciados e pode-se dizer que a importância destas festas, para as populações nortista e nordestina, ultrapassa a do Natal, principal festa cristã, e que elas são, historicamente, o evento festivo mais importante destas regiões, tanto cultural como politicamente (AMARAL, 1998, p. 126).

Ainda em relação à entrevista de Marília Sá, há outro elemento extremamente característico do São João: a fogueira. O ato de acender fogueira no mês de junho é característico da região Nordeste e representa uma série de elementos míticos e folclóricos com forte simbolismo cultural. De acordo com Castro (2012, p. 58),

A fogueira acesa na porta de casa era um indicativo de que naquela residência comemorava-se o São João e, portanto, ofereciam-se comidas e bebidas típicas para a degustação tanto de pessoas com estreitas ligações familiares ou afetivas como também para visitantes que fazem parte do círculo de amizade dos donos da casa (CASTRO, 2012, p. 58).

Nos tradicionais dias de São João, era comum que o nordestino acendesse nas suas residências a fogueira como forma de homenagear os santos católicos. Era também o momento

de receber os vizinhos e os foliões juninos com comidas típicas para serem consumidas no entorno da fogueira. De acordo com Castro (2012, p. 52), [...] “é o fogo que, nas festas juninas do passado, tinham um sentido ligado à purificação e a celebração e que, no presente, expressa a comemoração festiva e religiosa em homenagem a um dos santos mais festejados do calendário católico brasileiro”.

A opção pelas festas juninas remete a uma tradição inventada que ocorre a partir de práticas festivas tradicionais que contribuem de forma significativa para a representação de aspectos locais e regionais. Com relação a esse aspecto de invenção, consideramos a abordagem dos historiadores Eric Hobsbawm e Terence Ranger, ao conceituarem “tradição inventada” como

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita e abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM; RANGER, 2018, p. 8).

Desse modo, vários aspectos da cultura nordestina se consolidaram como um elemento motivador para a realização da feira, configurando os elementos histórico-culturais do Nordeste, dando suporte para a efetivação das temáticas da Banartes. Segundo Marília Sá,

Todos os temas, quase todos em torno da cultura nordestina, da cultura local, da construção do açude, dessa coisa da resistência do nordestino em si. [...] E a seca está muito dentro da Banartes. Eu acho até que teve uma Banartes que a gente deu uma ênfase, porque já foram tantas edições... Mas veja bem, teve uma Banartes que a gente deu uma ênfase na obra da Rachel de Queiroz que foi o Quinze. Ela veio como referência para a gente. Para a gente trabalhar os temas. [...] ⁵²

Esse caráter social de denúncias e de fatores de ordem cultural que marcam a história do Nordeste também foi recordado por Lila Oliveira ao destacar que

A gente viveu uma Banartes que no Banabuiú teve os flagelados que invadiram o comércio de Banabuiú. Então a Banartes era também um palco para denunciar esse sofrimento que o Nordeste passava. Era um momento de política, de indignação também, entendeu? Então a gente as vezes pegava um mote desse momento e transformava na temática da Banartes. Mas sempre foi tratado a questão do cenário Nordeste, que é seco né? A caatinga né? A nossa vegetação, as nossas flores, a gente sempre levava isso para a decoração.

⁵²Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 20 de março de 2017, às 9h.

O relato indica concepções sobre a cultura regional, ao direcionar elementos tidos como signos da cultura nordestina. A Banartes é caracterizada como um evento criado para promover a arte e a cultura presentes em Banabuiú, envolvendo, em suas temáticas, aspectos do cotidiano do povo nordestino, predeterminado como um elemento essencial para a realização da feira.

A própria ornamentação do evento era pensada e realizada com recursos retirados da própria natureza, do sertão.

Fazíamos um arranjo de flores naturais, a gente ia no mato, aqui ao redor, pagávamos aquelas flores muito bonitas cheirosas, de pau branco também a gente pegava, fazíamos um arranjo ficava lindo, lindo. Alguma coisa do coqueiro também a gente colocava no arranjo e entregávamos para elas (*as rainhas da Banartes*) e dava tudo certo⁵³.

Na maioria das vezes, as temáticas das diversas edições da Banartes foram propostas para exaltar a beleza do açude Arrojado Lisboa, envolvendo elementos do cotidiano do povo nordestino. Sobre a temática do açude, Marília ressalta:

Inclusive teve um ano, de uma gestão aí que a gente desenvolveu uma coleção baseada nas riquezas de Banabuiú com SEBRAE. Vieram dois, um arquiteto e um design e a gente desenvolveu uma coleção voltada para o açude. E o que a gente fez, foi muito interessante porque as peças que foram fabricadas foram: aventais para você usar na cozinha, almofadas, panos de prato e panos de copa, e bate mão que é um paninho que você tem na cozinha para você enxugar a mão quando você tá fazendo comida. Todos, todos elas tem a arte de do açude toda em linha de crochê. Eles são de tecidos e a arte como se fosse uma água toda bordada, muito rica, muito rica a coleção⁵⁴.

Ainda sobre esses aspectos locais, Marília acrescenta,

Nós tínhamos alguns artistas plásticos que eles pintavam telas, e teve algumas Banartes, algumas edições que a gente tinha a exposição das telas que eram valorizando o açude de vários ângulos, o Açude, o Rio. E teve gente que chegou a fazer camiseta, outros fizeram telas, outros fizeram chaveiros, era muito interessante. Que pena que isso não teve continuidade. Os artistas mesmo que não se interessavam. Acho que perderam um pouco da vontade de fazer com essa questão a nível nacional de desvalorização da cultura, né?⁵⁵

Tais aspectos são observados também quando se analisa os *folders* promocionais do evento, que procuravam destacar temas e imagens envolvendo a região Nordeste, legitimando as inúmeras práticas e discursos “nordestinizadores” que afloraram na feira ao

⁵³Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

⁵⁴*Idem.*

⁵⁵*Idem.*

longo do tempo. Um exemplo disso foi a edição da feira do ano de 1996, a qual, com o tema “O coração camponês”, procurou representar o homem do campo e suas diversas dificuldades com as incertezas da seca, construindo um quadro de unificação que reforça a imagem dos nordestinos, como observa-se na Figura 17.

Figura 17 – Cartaz de divulgação da Banartes (1996)



Fonte: Arquivos de fotos da entrevistada Benedita Oliveira.

Outra particularidade essencial para a compreensão desses aspectos nordestinos diz respeito à música tema da primeira Banartes, que se perpetuou por todas as outras edições da feira e que remete exatamente às características da região Nordeste. Benedita Oliveira nos recorda que “a música tema da Banartes de todos esses anos é uma música chamada ‘Caldeirão dos mitos’, que Elba Ramalho interpreta. Então, a abertura da Banartes desde a sua primeira, todas elas tiveram essa característica singular e marcante que é a música caldeirão dos mitos”⁵⁶.

Eu vi o céu à meia-noite
Se avermelhando num clarão

⁵⁶Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

Como incêndio anunciado
 No apocalipse de São João
 Porém não era nada disso
 Era um Curisco, era um Lampião

Eu vi um risco nos espaços
 Era um revôo do sanhaçu
 Eu vi o dia amanhecendo
 No ronco do maracatu
 Não era lança de São Jorge
 Era o espinho do mandacaru

Vi um profeta conduzindo
 Nos arraiais as multidões
 Pra construir um chão sagrado
 Com espingardas e facões
 Não foi Moisés na Palestina
 Foi Conselheiro andando nos sertões.

Eu vi o som na escadaria
 Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó
 Não era o eco das trombetas
 De Josué em Jericó
 Era um fole de oito baixos
 A tocar numa noite de forró

Vi um magrelo amarelado
 Passando a perna no patrão
 Não foi ninguém da Inglaterra
 Nem de Paris, nem do Japão
 Era Pedro Malazarte
 Era João Grilo e era Canção

Eu vi o som ao meio-dia
 No meio do chão do Ceará
 Não era o coro dos Arcanjos
 Nem era a voz de Jeová
 Era uma cascavel armando o bote
 Balançando o maracá

Vi uma mão fazer o barro
 Um homem forte
 Um homem nu
 Um homem branco como eu
 Um homem preto como tu
 Porém não foi a mão de Deus
 Foi Vitalino de Caruaru⁵⁷.

A música é muito representativa por significar uma apreensão de elementos considerados caraterísticos do Nordeste: mandacaru, São João, barro, Lampião, forró, figuras indispensáveis para a celebração junina, potencializadas ainda no sentido de identidade regional com projeções para identificar o perfil do povo nordestino. Nesse caso, identifica-se que os

⁵⁷A música “Caldeirão dos Mitos” é de autoria de Bráulio Tavares e foi interpretada por Elba Ramalho no LP *Capim Vale*, lançado em 1990. Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/braulio-tavares/dados-artisticos>. Acesso: 10 dez. 2019.

discursos dos organizadores da Banartes, ao reconhecerem a referida música como traço definidor da feira, procuram exaltar, mais uma vez, o elemento da nordestinidade.

Ainda sobre o repertório musical da feira, a entrevistada Benedita Oliveira destaca que, além da música “Caldeirão dos Mitos”, a Banartes contava ainda com outros artistas que caracterizavam a região e a cultura nordestina.

[...] A gente fazia uma playlist, digamos assim: Músicas nordestinas que tinha Humberto Teixeira, Luiz Gonzaga, Patativa do Assaré, Fagner, Xangai, Geraldo Azevedo, Zé Ramalho, Elba Ramalho. Durante todo o evento eram músicas que a gente selecionava e mandava gravar na fita cassete. [...] ⁵⁸

Marília Sá também recordou esse momento de seleção das músicas que seriam tocadas na Banartes e sobre isso destacou,

A gente tentava ao máximo ver a questão do Nordeste com essa questão da seca em si, né!? Mas também tinha momentos que por exemplo, no Festival da canção a gente queria explorar o outro lado da MPB, o lado mais suave, porque tem várias nuances a MPB. E assim, para questão de abertura da feira, de encerramento da feira e em alguns eventos dentro da feira, a gente realmente escolhia músicas como a “Triste partida” interpretada por Luiz Gonzaga, “Asa Branca” e tinha duas ou três outras canções dele que me foge à memória agora, mas muito interessante, “Assum Preto”... a gente tocava bastante também. Alguns xotes do Luiz Gonzaga, porque quando a Banartes foi realizada a primeira vez lá onde era o Hotel Municipal, a gente fazia como se fosse uma tertúlia, a gente tinha a radiola e colocava LP na época e o seu Chico cabeção era o nosso sanfoneiro oficial e nos intervalos que ele parava de tocar a gente colocava a radiola e as pessoas ficavam dançando os xotes de Luiz Gonzaga e os forrós né? e era uma coisa muito interessante né. E o outro lado da MPB que a gente pensou também para fazer parte da trilha sonora do evento, porque a gente era tudo ao mesmo tempo, nós cinco éramos tudo. Era sonoplastia, era decoradora, era tudo, maquiadora... tudo né ⁵⁹.

Além disso, havia também a presença de vozes do município de Banabuiú que ensaiavam músicas que faziam referência ao Nordeste e aos problemas e situações da região. Era uma espécie de reunião de pessoas ou grupos de pessoas que se encontravam periodicamente para ensaiar músicas tradicionais da região Nordeste.

A Nívia Cilene ⁶⁰ por exemplo, que tem a voz muito bonita. Ela era criança na época e eu ensaiava com ela músicas Nordestinas, de raiz para ela poder cantar e ela cantava. Ela cantou o meu xodó, ela cantava Nordeste independente do Bráulio Tavares e o Vanildo Vila Nova e nos intervalos, tipo assim: teve apresentação dos Violeiros aí na hora que o júri estava somando lá, fazendo a computação dos resultados, a gente na

⁵⁸Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019, às 14h.

⁵⁹Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 14h.

⁶⁰Nívia Cilene a quem a entrevistada se refere é uma professora da rede pública estadual que sempre esteve envolvida com a música no município de Banabuiú.

hora dos intervalos colocava as pessoas para cantar as músicas, como a música “Imagine o Brasil ser dividido e o Nordeste ficar independente”.⁶¹

Assim, o repertório musical da Banartes foi pensado para representar o Nordeste, selecionando artistas que dão visibilidade à região e que cantam o sofrimento e a luta do Nordeste mediante as dificuldades enfrentadas. Portanto,

[...] a região se institui, paulatinamente, por meio de práticas e discursos, imagens e textos que podem ter, ou não, relação entre si, um não representa o outro. A verdade sobre a região é constituída a partir dessa batalha entre o visível e o dizível. O que emerge como visibilidade regional não é representado, mas constituído com a ajuda do dizível ou contra ele (ALBURQUEQUE JÚNIOR, 2011, p. 59).

Existe, nesse sentido, um esforço em estabelecer uma continuidade com os elementos e práticas que faziam parte da feira desde o início, mas com elementos que se reinventam cotidianamente. A Banartes como expressão cultural é inventada como uma feira nordestina que agrega no seu interior aspectos ou símbolos que seriam típicos ou tradicionais da região Nordeste. É o artesanato local, os sanfoneiros, as quadrilhas juninas, o cordel, o show com artistas da terra que irão compor inicialmente a invenção da Banartes.

Ainda sobre esse aspecto de invenção, Hobsbawm e Ranger (2018) salientam que a tradição envolve o ritual, sendo a invariabilidade uma de suas principais características. Dessa forma, a invariabilidade seria um conjunto de práticas fixas que, por serem repetidas de uma mesma forma, remeteriam a um passado, real ou imaginado. O autor chega a diferenciar tradição de costume ao considerar que

[...] O objetivo e a característica das “tradições, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição. O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. Sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência à inovação) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história” (HOBSBAWM; RANGER, 2018, p. 08).

Desse modo, a tradição utiliza-se de vários mecanismos para sustentar-se em meio à passagem do tempo, ou seja, ela adquire ou cria mecanismos de sobrevivência. Assim, Hobsbawm e Ranger (2018, p. 11) consideram “que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que

⁶¹Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019, às 14h.

apenas pela imposição da repetição”. No contexto da modernidade, a tradição, ou pelo menos os mecanismos que buscam sustentar essa tradição, são ressignificados. A própria modernidade molda a tradição em sua ótica, incorporando a ela novos elementos. Com isso, ocorre um processo chamado de ruptura, no qual a tradição termina por adquirir elementos modernos. Nesse sentido, é de se esperar que essas formalizações imediatas de novas tradições se agrupem em períodos de transformações.

Esse aspecto de invenção na Banartes, como foi destacado anteriormente, tem o elemento da nordestinidade como principal construção, de modo que os signos considerados típicos daquela região foram colocados em ênfase. Albuquerque Júnior (2011), trabalhando a questão da “invenção” do Nordeste, atenta-se para o fato de que vários discursos deram visibilidade e tornaram dizível o Nordeste no âmbito da literatura ou das artes, elaborando uma construção discursiva do Nordeste que potencializa as circunstâncias históricas pelas quais a região passou. Segundo o autor, para instituir o Nordeste

[...] contribuirão decisivamente as obras sociológicas e artísticas de filhos dessa ‘elite regional’ desterritorializada, no esforço de criar novos territórios existenciais e sociais, capazes de resgatar o passado de glória da região, o fausto da casa-grande, a ‘docilidade’ da senzala, a ‘paz e estabilidade’ do Império. O Nordeste é gestado e instituído na obra sociológica de Gilberto Freyre, nas obras de romancistas como José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz; na obra de pintores como Cícero Dias, Lula Cardoso Ayres etc. O Nordeste é gestado como espaço da saudade dos tempos de glória, saudades do engenho, da sinhá, do sinhô, da Nega Fulo, do sertão e do sertanejo puro e natural, força telúrica da região (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 47).

No entanto, essa construção discursiva do Nordeste não estará apenas no âmbito da literatura e do folclore, mas também no contexto das festas. A forma de ver e dizer o regional se consagra também nos megaeventos, quando os signos do Nordeste serão representados e encenados pelas pessoas que compõem as manifestações culturais. A feira, segundo Albuquerque Júnior (2013), vai representar também uma construção a partir de práticas, sejam elas pelas elites, sejam pelas camadas tidas como populares.

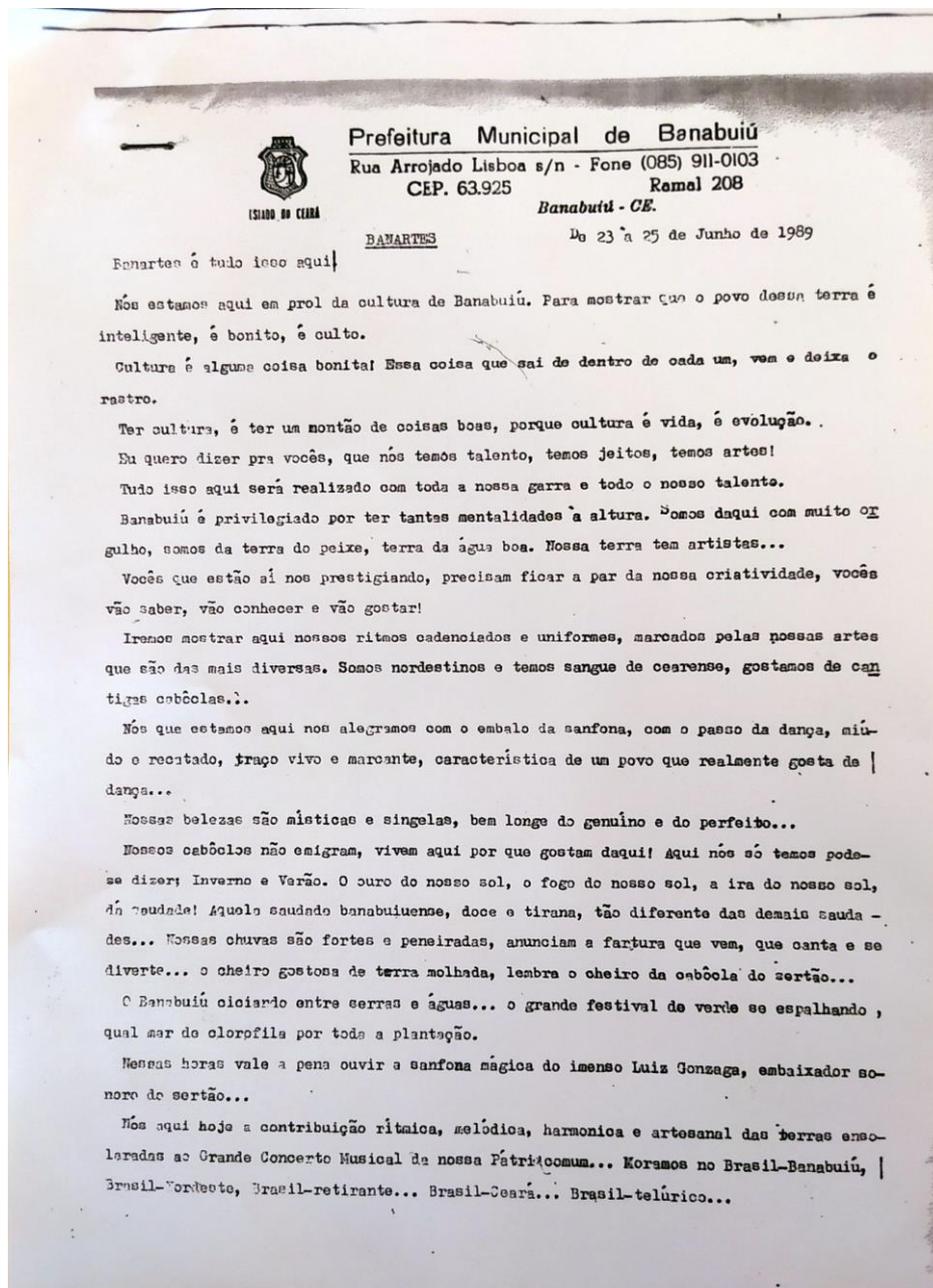
Destarte, algumas festas nordestinas utilizam-se do discurso de ser uma festa que visa manter viva uma tradição regional e incorpora nelas elementos que caracterizam o evento conforme essas raízes tradicionais que seriam próprias daquela região. Por isso, busca-se o apelo da cultura popular, na qual, segundo Albuquerque Júnior (2013, p. 54),

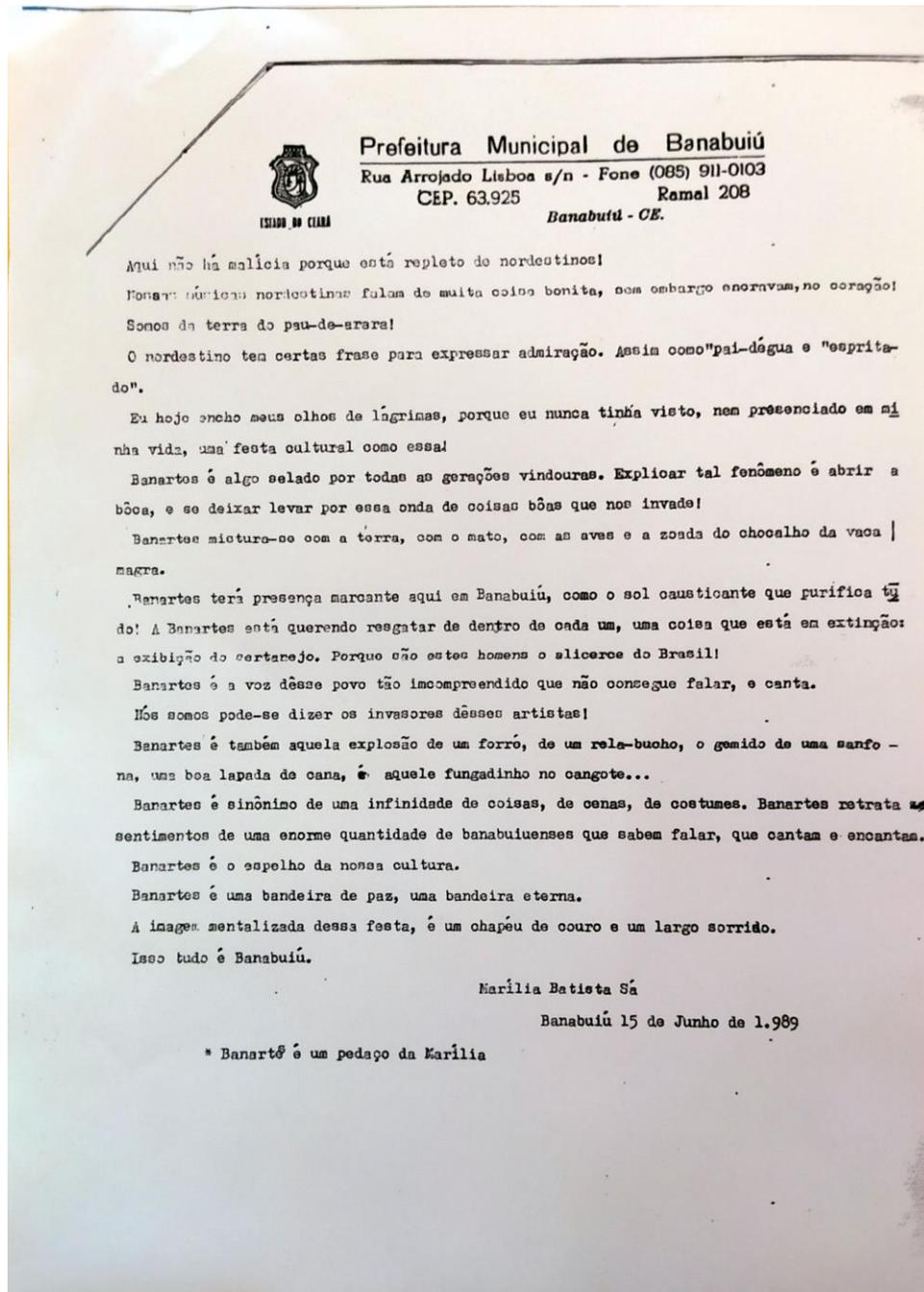
[...] vão traçar, justamente, a figura do Nordeste, vão figurá-lo no mesmo momento em que figura o que seria a sua cultura, os elementos, os signos, as imagens, os eventos, os sons, os gestos, que remeteriam a esta identidade regional, que passariam a representá-la: o sertão, o mandacaru, as vozes líricas, os cantos fanhosos, os benditos

chorosos, os aboios, as feiras, os cangaceiros, os cantadores, os chefes políticos, os analfabetos imortais, as assombrações, os comboieiros, os luares, os entardeceres, o choro, o clamor de cegos pedintes, o cicio, o berro, os feirantes, os retirantes, os romeiros de Padre Cícero e Canindé (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 54).

Outro elemento pertinente descrito pelos entrevistados quando se trata da nordestinidade é o pertencimento da identidade nordestina. As celebrações da Banartes, assim, desenvolvem manifestações significativas na vida das pessoas, com ênfase no pertencimento identitário. Sobre isso, tomemos o exemplo de uma crônica escrita por Marília Sá, para a abertura da primeira Banartes, em 1989 (Figura 18). Vejamos:

Figura 18 – Fac-símile da crônica de Marília Sá





Fonte: Cópia da crônica cedida por Marília Batista Sá.

Há, na crônica, elementos representativos de identificação e experiências que preenchem o imaginário de pertencimento da identidade regional. Isso é mais perceptível no trecho:

Banabuiú é privilegiado por ter tantas mentalidades à altura. Somos daqui com muito orgulho, somos da terra do peixe, terra da água boa. Nossa terra tem artistas... Vocês que estão aí nos prestigiando precisam ficar a par da nossa criatividade, vocês vão saber, vão conhecer e vão gostar!

Ao destacar elementos da cidade de Banabuiú, Marília está mostrando a identidade local expressa no orgulho de ser banabuiense e de poder mostrar os talentos da terra. Existe, nesse sentido, um esforço em desempenhar o papel de agentes construtores da identidade sociorregional, um desejo de afirmar sua identidade, proporcionada pelos signos da cultura junina e nordestina. Por isso, a Banartes seria o lugar de reconhecimento e avivamento da identidade nordestina e banabuiense, pois, segundo a entrevistada,

[...] a Banartes é essa busca, essa busca do nosso eu na verdade. Eu te digo isso como uma das co- fundadoras, co- criadoras, eu te digo que na Banartes a gente realmente busca o que a gente é, o lugar que a gente mora. Ela desperta essa questão do pertencimento. Eu pertenço a isso aqui, eu valorizo isso aqui, eu gosto disso aqui, eu me sinto bem⁶².

No relato acima, a festa é caracterizada como um fenômeno socioparticipativo, de pertencimento sociocultural, com simbologia identitária, no formato assim definido por Canclini (2008, p. 163):

Ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios identidade é posta em cena, **celebrada nas festas** e dramatizada também nos rituais cotidianos (grifo nosso) (CANCLINI, 2008, p. 163).

Em outro trecho da crônica de Marília Sá, a identidade nordestina fica ainda mais evidente e são retomadas as questões do sofrimento do povo nordestino e sertanejo: “Banartes está querendo resgatar de dentro de cada um, uma coisa que está em extinção a exibição do sertanejo”. Através do processo de formação da identidade local e com o sentimento de pertença, Marília ainda destaca: “Porque são estes homens o alicerce do Brasil! Banartes é a voz desse povo tão incompreendido que não consegue falar, e cantar. Nós somos pode-se dizer os invasores desses artistas”. Esse sentimento em relação ao sertanejo é expresso como uma forma de “dar voz” ou tentar fazê-la ecoar por meio das manifestações da Banartes. Além disso, é interessante perceber que várias palavras utilizadas na crônica dão ênfase a questões que fazem parte do cotidiano do nordestino, pois “Banartes é também aquela explosão de um **forró**, de um **rela-bucho**, o gemido de uma **sanfona**, uma boa lapada de cana, é aquele fungadinho no cangote” (grifos nossos).

⁶²Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de novembro de 2020, às 14h.

A busca pela identidade nordestina foi a estratégia utilizada desde as primeiras edições da feira. Nesse caso, a diversão da festa da Banartes parece encontrar motivação no pertencimento e na identidade inerentes à cultura de origem, pois, ao participar de uma festividade, cada indivíduo sente a reconstituição de sua identidade.

Nesse sentido, havia o interesse em classificar a Banartes como uma festa nordestina através de ações performáticas e um discurso de exaltação à Banartes, a Banabuiú e ao Nordeste, potencializada como encenação de elementos que caracterizam a região.

Nossos caboclos não emigram, vivem aqui por que gostam daqui! Aqui nós só temos pode-se dizer; Inverno e verão. [...] Nossas chuvas são fortes e peneiradas, anunciam a fartura que vem, que canta e se diverte... o cheiro gostoso de terra molhada, lembra o cheiro da cabocla do sertão... [...] Nessas horas vale a pena ouvir a sanfona mágica do imenso Luiz Gonzaga, embaixador sonoro do sertão [...]⁶³

No trecho acima, o Nordeste é insistentemente enunciado através de um esforço em caracterizar quem são os nordestinos, o amor pela sua terra e o sofrimento decorrente da estiagem que castiga o sertanejo. O trecho ainda denota a representatividade sociocultural de todo o Nordeste ao colocar Luiz Gonzaga como o “embaixador sonoro do sertão”, figura que mantém viva uma tradição nordestina, pois,

O espaço desenhado por suas canções é quase sempre o do Nordeste e, no Nordeste, o do sertão. Este espaço abstrato surge abordado por seus temas e imagens já cristalizados, ligados à própria produção cultural popular: a seca, as retiradas, as experiências de chuva, a devoção aos santos, o Padre Cícero, o cangaço, a valentia popular, a questão da honra. Um Nordeste do povo sofrido, simples, resignado, devoto, capaz de grandes sacrifícios. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 181).

O Nordeste também é instituído na crônica como um local de pessoas fortes. No trecho “Aqui não há malícia porque está repleto de nordestino”, percebemos o interesse em destacar o Nordeste como um espaço de força e bravura.

Nesse sentido, tanto em relação a Luiz Gonzaga, como pelos elementos destacados na crônica, percebemos a busca por um movimento de representatividade, de luta pela construção de uma identidade nordestina desde a primeira edição da feira no ano de 1989, quando foi inventada como um evento da nordestinidade. Foi essa ideia que operou como um instrumento de representação e identificação da Banartes. As práticas culturais nela desenvolvidas fizeram parte de um processo de apropriação e encenação dos elementos

⁶³ Trecho retirado da cópia da crônica cedida por Marília Batista Sá.

culturais que compõem a cultura nordestina. Não é de se estranhar, portanto, que desde a decoração do evento, até a seleção das músicas que seriam tocadas, utilizassem da temática do Nordeste e do nordestino para realizar um evento que não deixasse de reunir os elementos da autenticidade e tradicionalismos da cultura regional, embora se reinvente mediante as apropriações pelas quais elas passam.

3 A BANARTES SE ESPETACULARIZA: CONCEPÇÕES SOBRE AS MUDANÇAS OCORRIDAS NA FEIRA AO LONGO DOS ANOS

A Banartes, como destacado anteriormente, caracteriza-se como uma feira de artes de notória participação da comunidade local e de municípios circunvizinhos a Banabuiú como forma de resgate e promoção da cultura nordestina. Nas suas ações, ao longo dos anos, a feira foi crescendo e se consagrando como uma grande festa de alcance local e regional. No que tange a essa questão, vislumbramos como um dos mais notórios o processo de espetacularização da feira como um modelo de megaevento festivo. Desse modo, para compreendermos os aspectos relativos ao crescimento da feira de artes, precisaremos analisar como ocorreu esse processo de transformação da feira.

Preliminarmente, duas questões vão exigir alguma atenção da nossa parte. A primeira é analisar como ocorreu o crescimento da dimensão econômica da feira. A outra é identificar os interesses comerciais que tornaram possível a mercantilização da festa.

3.1 Investimentos para a realização da festa

Na seção anterior, apresentamos como se constituiu a feira em suas primeiras edições, com foco especial para a invenção da Banartes como uma feira da nordestinidade. Esse aspecto e/ou discurso permaneceu durante várias edições, senão em todas, mas com alguns arranjos modernos que merecem ser destacados e analisados.

Ao longo deste estudo, observou-se que diversas manifestações culturais fizeram parte da história sociocultural da feira, com destaque para a exposição de artesanato, festival de violeiros, shows com artistas da terra, gincana cultural e festival de quadrilhas. Essas manifestações fazem parte do mundo junino-nordestino, mas, ao longo dos anos, passam a ser expressões contemporâneas da cultura de massa, que chegam a dotar o evento de uma configuração industrializada. Segundo Vilmar Nobre,

Na atualidade a Banartes passou pela modernização, a evolução dos tempos, mas, ela começou a perder as suas características originais quando começou a trazer artesanato, artesanatos industriais que não era propriamente artesanato; começou a trazer bandas de forró eletrônico e foi descaracterizando a Banartes.⁶⁴

⁶⁴Entrevista realizada com Vilmar Nobre em Banabuiú-CE, no dia 15 de outubro de 2020, às 11h20.

Tal fato, segundo Nóbrega (2010), foi comum em diversas festas brasileiras, mediante a configuração da cultura que cada vez mais se massifica. A autora atesta que

Nos últimos anos houve um sensível crescimento das festas populares brasileiras. Hoje identificadas como produtos de investimentos e ganhos financeiros de importância, movimentam altos valores em sua produção e envolvem setores produtivos rentáveis, nos moldes de bens de consumo de massa, conforme o interesse que desperta em investidores, patrocinadores, governos, cadeia produtiva do turismo, mídia, entre outras áreas da economia. (NÓBREGA, 2010, p. 146)

Os organizadores da feira atestam que a Banartes movimentava diversos setores da economia do município, como fonte de geração de renda para os comerciantes locais e diversos outros setores que compõem a economia do município, como artesãos, violeiros, sanfoneiros, vendedores ambulantes etc. Isso indica que significativa parcela da população local faz parte da cadeia econômica da festa e encontra nela oportunidades para mostrar o seu trabalho.

Em relação a isso, já partir do ano de 2006, é possível verificar mudanças de forma mais precisa. Na décima oitava edição, ocorrida no ano de 2006, ocorreram grandes avanços em relação à organização da feira. Na referida edição, houve o incremento de maior infraestrutura, plano de mídia e maiores patrocinadores. Com o subtítulo de “A essência de nosso povo em forma de artes”, a feira reuniu festivais de quadrilha, forró pé-de-serra, violeiros, show de calouros, canção e poesia, além do artesanato e da gincana cultural, como é possível verificar na Figura 19.

Figura 19 – Cartaz de divulgação da Banartes (2006)



Fonte: Acervo da entrevistada Benedita Oliveira.

É importante destacar que, naquela edição, a feira contou com o apoio da Secretaria do Turismo do Ceará (SETUR) e da Secretária de Cultura (SECULT) para a sua realização. Além disso, outro fato que nos chamou atenção na edição de 2006 foi a necessidade de demonstrar o sentido religioso dos cidadãos banabuienses. A abertura do evento contou com a celebração de uma missa no primeiro dia de Banartes, conforme se observa na Figura 20.

Figura 20 – Programação do primeiro dia do evento em 2006

<u>Programação do Evento</u>	
07/07/2006 (Sexta Feira) à Noite	
18h00	– Missa
19h30min	– Solenidade de Abertura
20h30min	– Desfile da Musa Cultural
21h30min	– Festival da Canção
23h30min	– Show

Fonte: Arquivo do projeto da feira acessado no Complexo Municipal de Banabuiú.

Analisando a programação das diferentes edições da festa, não encontramos mais indícios da abertura do evento através da celebração de missa, o que nos faz acreditar que esse tipo de abertura foi uma exceção daquele ano. Na edição de 2008, por exemplo, a abertura se fez através da apresentação do Teatro Cotinha e, no ano de 2009, através da fala das autoridades. Tal fato demonstra mais uma vez que não existiu uma regra para todas as edições e que, na verdade, foram constantes as inovações de suas atrações e formas de organização, procurando fazê-la mais grandiosa e atrativa a cada ano.

Em relação aos gastos para realização da feira, não há informações oficiais sobre os valores exatos de todos os anos, visto que alguns dos projetos da feira não existem mais. No entanto, foi possível verificar os gastos de alguns anos e fazer algumas análises comparativas.

Figura 21 – Plano orçamentário referente ao ano de 2006

Planilha orçamentária do evento

ITEM	ESPECIFICAÇÃO	VALOR
01	Troféus	R\$ 1.000,00
02	Bandas	R\$ 18.000,00
03	Som mecânico	R\$ 1.300,00
04	Mídia (Cartazes, Folders, Tv e Radio)	R\$ 6.000,00
05	Premiação	R\$ 7.450,00
06	Filmagem	R\$ 1.000,00
07	Decoração	R\$ 1.500,00
08	Shows Pirotécnicos	R\$ 1.000,00
09	Apresentadores	R\$ 950,00
10	Banheiros químicos (04 und)	R\$ 1.600,00
11	Arquibancadas	R\$ 2.000,00
12	Tendas (SEBRAE)	R\$ -----
13	Diversos	R\$ 1.000,00
Total		R\$ 42.800,00

Fonte: Arquivo do projeto da feira acessado no Complexo Municipal de Banabuiú.

Através da imagem da Figura 21 é perceptível que o maior montante de recursos destinados à feira naquele ano foi para a contratação de bandas, um total de R\$ 18.000,00. Em seguida, vem o gasto de R\$ 7.450,00 para premiação e R\$ 6.000,00 destinados aos recursos de mídia (cartazes, *folders*, TV e rádio). Os outros gastos variam entre decoração, troféus, som, filmagem, apresentadores, banheiros químicos e arquibancadas.

Sobre o ano de 2007, não conseguimos acesso ao projeto oficial da Banartes, visto que não estava mais disponível no Complexo Administrativo do município, mas conseguimos o cartaz de divulgação (ver Figura 22).

Figura 22 – Cartaz de divulgação da Banartes (2007)



Fonte: Arquivos de fotos do Complexo Municipal de Banabuiú.

Pelo cartaz, verificamos que houve uma mudança na forma de divulgação do evento. Não colocado por escrito as atrações e manifestações culturais que ocorreriam naquela edição. No entanto, podemos verificar através das imagens do cartaz a presença de elementos que caracterizam os sanfoneiros e o forró, fato que nos faz acreditar que, naquele ano, houve a presença dessas atrações. Outro fator que chama a atenção no cartaz é o subtema do evento, a saber, “Respeito pela cultura. Mais do que um objetivo, esta é a nossa Missão”, o que reforça aquilo que temos afirmado constantemente de que a feira traz nos seus discursos o objetivo de ressaltar e afirmar a cultura nordestina.

Já no cartaz do ano de 2008, exibido na Figura 23, foi possível verificar a presença de diversas atrações e manifestações que aconteciam anteriormente, como festival da canção,

festival de quadrilhas, artesanato, crianças fazendo arte, festival de violeiros, comidas típicas e festival de sanfoneiros. Ademais, nota-se a presença de outras duas manifestações novas: o festival de forró pé-de-serra e o Teatro Cotinha.

Figura 23 – Cartaz de divulgação da Banartes (2008)



Fonte: Arquivos de fotos do complexo municipal de Banabuiú.

Além disso, pela análise da Figura 24, verifica-se que, na Banartes de 2008, houve um aumento em relação aos gastos para a realização da feira, bem como maiores mudanças em relação à forma de organização da festa.

Figura 24 – Plano Orçamentário referente ao ano de 2008

ORÇAMENTO DETALHADO:

ITEM	DESCRIÇÃO	QTD	V.UNIT	TOTAL
1.0	Ornamentação	01 Unidade	2.500,00	2.500,00
2.0	Troféus	10 Unidade	40,00	400,00
3.0	Tendas	7 Unidades	300,00	2.100,00
4.0	Faixas e Baners	Diversos	500,00	500,00
5.0	Comendas	23 unidades	10,00	230,00
6.0	Cartazes	200 Unidades	30,00	6.000,00
7.0	Teatro Cotinha	01 Unidade	300,00	300,00
8.0	Premiação do Festival de Sanfoneiro	01 Unidade	600,00	600,00
9.0	Premiação do Festival de Quadrilhas	01 Unidade	2.500,00	2.500,00
10.0	Premiação do Festival de Piadas	01 Unidade	320,00	320,00
11.0	Premiação do Festival da Canção	01 Unidade	1.000,00	1.000,00
12.0	Premiação do Festival de Violeiros	01 Unidade	1.600,00	1.600,00
13.0	Premiação do Festival de Calouros	01 Unidade	450,00	450,00
14.0	Premiação da Gincana Cultural	01 Unidade	1.600,00	1.600,00
15.0	Premiação do Festival Pé de Serra	01 Unidade	700,00	700,00
16.0	Premiação do Festival de Arte (Crianças)	01 Unidade	180,00	180,00
17.0	Atrações Musicais (Bandas Regionais)	04 Bandas	20.000,00	80.000,00
18.0	Banheiro Químico dm Estrutura de Fibra Masculino e Feminino	4 Diárias	1.500,00	6.000,00
19.0	Arquibancada em 8 Níveis com Estrutura Metálica para 3.000 Pessoas	4 Diárias	2.000,00	6.000,00
20.0	Stands	15 Unidades	800,00	12.000,00
21.0	Seguranças	4 Diárias	500,00	2.000,00
22.0	Alimentação da Equipe Coordenadora	Div.	2.500,00	2.500,00
23.0	Instalações Elétricas	Div.	1.000,00	1.000,00
24.0	Cerimonial	Cachê	800,00	800,00
25.0	Cursos técnicos – SEBRAE	Div	2.000,00	2.000,00
26.0	Palco de 40 Metros Quadrados	4 Diárias	1.500,00	6.000,00
27.0	Blusas	100	10,00	1.000,00
28.0	Som	4 Diárias	1.500,00	6.000,00
Valor Total				146.280,00

Fonte: Projeto do evento acessado no Complexo Municipal de Banabuiú.

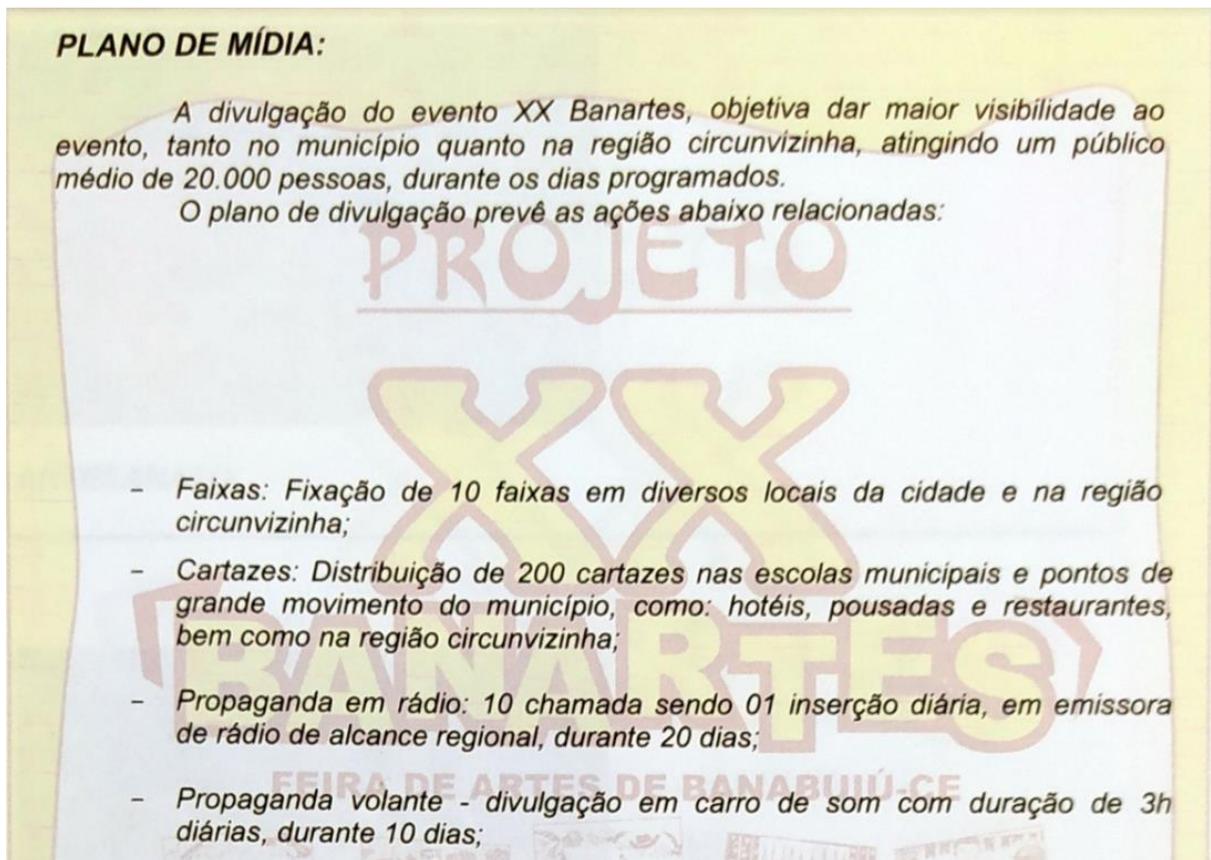
De acordo com as tabelas dos anos de 2006 e 2008, houve um aumento significativo nos gastos para a realização da Banartes. De 2006 para 2008, em dois anos, o investimento na feira aumentou aproximadamente 342%.

Além disso, a partir do orçamento do ano de 2008, verifica-se tanto um valor total de recursos maior, como também uma descrição mais detalhada sobre os materiais ou serviços

gastos para que a feira acontecesse. Destaca-se aqui um pequeno aumento na divulgação da feira em relação ao material gráfico. Em 2006, foram gastos R\$ 6.000 na fabricação de cartazes, *folders*, TV e rádio, já em 2008 esse valor aumentou para R\$ 6.500, um valor baixo considerando que os gastos para a realização da feira naquele ano aumentaram consideravelmente.

Além disso, o valor destinado para arquibancadas naquela edição aumentou de R\$2.000 para R\$6.000, o que nos faz acreditar que a feira ampliou seu público ou que o gasto com arquibancadas do ano de 2006 não foi suficiente para comportar o número de expectadores da feira. Tal fato é comprovado também quando analisamos o plano de mídia do evento (exposto na Figura 25), no qual estimava-se um público de 20.000 pessoas para participar da feira durante os dias programados, como é possível verificar abaixo.

Figura 25 – Plano de mídia referente ao ano de 2008



Fonte: Projeto do evento acessado no Complexo Municipal de Banabuiú.

Através do plano de mídia, verificamos um esforço em tornar a feira cada vez maior e mais divulgada. Além da divulgação impressa através de faixas e cartazes, houve também a propaganda de rádio e a propaganda volante através de carro de som. Sobre esse processo de

divulgação através do rádio, conversamos com o radialista e jornalista Joel Costa, que trabalhou durante 8 anos fazendo a divulgação da feira. Ele relata que,

A gente passa de 2 a 3 meses divulgando. Ela é no meio do ano aí a gente começa a falar dela uns 2 a 3 meses antes. Aí vai aumentando. Você começa só falando, dando alguns detalhes, aí depois vai ampliando as chamadas. Muito antes da feira a gente já começava a divulgar. Era um espécie de convite falando da vantagem da Banartes, das exposições e convidava o público a trazer sua família. A função nossa era juntar as pessoas em termos de evento.⁶⁵

O entrevistado também comenta que, durante os dias de realização da feira, essa divulgação se intensificava ainda mais, “durante a Banartes era mais comentado. Porque todo dia tem programa e se você ia pra uma exposição de caprino, por exemplo. Aí você divulgava... a feira é assim, tem isso, tem aquilo, e dava os detalhes”. Além disso, o senhor Joel comenta que

O tempo de divulgação é relativo. Existe aquela divulgação que é gravada que você solta durante a programação do rádio. E existe outras. A linha do meu programa é diferenciada porque todo dia eu falo uma coisa. Falo um detalhe num dia, aí no outro falo outro detalhe, aí num cansa o público, tem sempre uma novidade⁶⁶.

Assim, o veículo que mais interagiu com a feira inicialmente foi o rádio, contando com comentários sobre o evento diariamente. No entanto, ao longo dos anos e com a entrada da internet de forma intensa, essa divulgação foi cada vez mais amplificada. Joel Costa ressalta que

[...] Quando entrou a internet, a gente aproveitava a internet. Eu pelo ou menos escrevo muito. Desde que foi lançada, obrigatoriamente usamos. E o radialista é aquele que fala no microfone, jornalista é aquele que escreve. Então eu faço os dois. Eu aproveito as redes sociais, eu mando para outros sites, eu participo de outros programas. Então na hora da Banartes a gente tirava as fotos, mandava pro jornal. Na divulgação a gente aproveita tudo que a gente pode aproveitar. [...] e a divulgação é muito importante. Nada acontece sem divulgar. Você não vende se não mostrar o seu produto. Se você não dizer que tem esse produto, nunca ninguém vai saber. É fundamental a divulgação⁶⁷.

Nas festas locais contemporâneas, especialmente as que se notabilizam pelo porte de megaeventos, a divulgação é extremamente importante para atender os objetivos da feira. A Banartes acompanhou esse desenvolvimento e procurou a cada ano investir mais

⁶⁵Entrevista com Joel Costa Lima em Banabuiú-CE, no dia 17 de dezembro de 2020, às 07h50.

⁶⁶*Idem.*

⁶⁷*Idem.*

financeiramente na divulgação do evento, através de outros meios de comunicação, como foi possível verificar anteriormente.

Outro fator que também chama atenção no orçamento da Banartes do ano de 2008 (Figura 24) é a presença de um palco para as apresentações da feira. Foi destinado para essa estrutura um valor de R\$6.000. A presença de palcos em festas públicas é muito comum e pode ser utilizada de diferentes formas. No caso da Banartes, os palcos eram um espaço tanto destinado à presença do público espectador dos shows, como também para servir de palanque para as falas das autoridades locais (prefeito, vice-prefeito, secretários municipais etc.). Esse fator de aparição do prefeito e de políticos aliados em momentos estratégicos da festa era uma oportunidade de encenação do poder em atos públicos, em que “lugares históricos e praças, palácios e igrejas, servem de palco para representar o destino nacional, traçado desde a origem dos tempos. Os políticos e os sacerdotes são os atores vicários desse drama.” (CANCLINI, 2008, p. 163).

Entre todos os investimentos para a realização da feira, o maior recurso foi destinado para a contratação de bandas, um total de R\$ 80.000,00, dividido para quatro bandas regionais. Em 2006, esse valor havia sido de R\$18.000. Concluímos, portanto, que houve um maior investimento, mas esse investimento foi direcionado para as bandas de forró eletrônico.

Em relação à edição do ano de 2009 (Figura 26), que se intitulou “Tal como somos”, tinha como objetivo “valorizar as expressões culturais (artesaniais, musicais e gastronômicas) como forma de preservar e consolidar a identidade cultural do município, fomentando a economia em âmbito local e Estadual” (BANABUIÚ, 2009).

Figura 26 – Cartaz de divulgação da Banartes (2009)



Fonte: Arquivo de fotos do Complexo Municipal de Banabuiú.

A feira daquele ano foi orçada em R\$ 204.730.00, o que significa que, de 2006 para 2009, em três anos, o investimento na feira aumentou aproximadamente 478%. Na referida edição, já se percebe que a divisão entre os gastos para a realização da Banartes seria: decoração; material gráfico/mídia; despesas com atrações artísticas; infraestrutura; despesas diversas; equipe de produção e atividades socioeducativas, como é possível verificar na Figura 27.

Figura 27 – Orçamento da feira de 2009

Orçamento				
ITEM	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	V.UNIT	V.TOTAL
Decoração				
1	Ornamentação/ Decoração da Praça	1	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
Material Gráfico/ Mídia				
2	Spot Rádio 30"	50 Inserções	R\$ 50,00	R\$ 2.500,00
3	Propaganda Volante/ carro de som - Jumento	10 diárias	R\$ 50,00	R\$ 500,00
4	Cartazes	600	R\$ 3,00	R\$ 1.800,00
5	Panfletos de divulgação/ programação	5000	R\$ 300,00	R\$ 300,00
6	Banner 1,0x1,5m	10	R\$ 58,00	R\$ 580,00
7	Painéis Fundo de Palco 4,0 x 2,0m	1	R\$ 300,00	R\$ 300,00
8	Camisas para equipe	200	R\$ 8,00	R\$ 1.600,00
9	Faixas	10	R\$ 15,00	R\$ 150,00
10	Placas de Sinalização	6	R\$ 500,00	R\$ 3.000,00
11	Assessoria de Imprensa	1	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
12	Criação/ Elaboração de Comunicação Visual	1	R\$ 2.500,00	R\$ 2.500,00
Despesas Atrações artísticas				
13	Apresentação de quadrilha	01 Unidade	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
14	Premiação dos Violeiros	01 Unidade	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
15	Premiação dos Sanfoneiros	01 Unidade	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
16	Bandas Locais/ estaduais	06 apresentações	R\$ 2.000,00	R\$ 12.000,00
17	Bandas Renomadas	03 apresentações	R\$ 50.000,00	R\$ 50.000,00
18	Premiação Festival da Canção	01 Unidade	R\$ 5.000,00	R\$ 5.000,00
Infraestrutura				
19	Banheiros Químicos (10 banheiros dia)	04 diárias	R\$ 1.000,00	R\$ 4.000,00
20	Arquibancada Metálica	03 diárias	R\$ 2.000,00	R\$ 6.000,00

*Teatro C
500,00*

21	Toldos, mesas e cadeiras para exposição	03 diárias	R\$ 4.000,00	R\$ 4.000,00
22	Seguranças	03 diárias	R\$ 1.000,00	R\$ 3.000,00
23	Instalações elétricas	Diversos	R\$ 2.500,00	R\$ 2.500,00
24	Aluguel da tenda eletrônica	03 diárias	R\$ 2.000,00	R\$ 6.000,00
25	Palco (aluguel)	04 diárias	R\$ 2.500,00	R\$ 10.000,00
26	Som/Luz	04 diárias	R\$ 3.000,00	R\$ 12.000,00
27	Gerador	04 diárias	R\$ 1.500,00	R\$ 6.000,00
28	Locação de Cadeiras	03 diárias	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00
Despesas Diversas				
29	Material de Consumo (Camarim, água, etc)	Material	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
30	Hospedagem, alimentação, transporte e despesas diversas (equipe de produção)	Serviço	R\$ 15.000,00	R\$ 15.000,00
31	Reserva Técnica	Reserva	R\$ 17.000,00	R\$ 17.000,00
Equipe de Produção				
32	Equipe de apoio, produção, coordenação, montagem	Equipe	R\$ 6.000,00	R\$ 6.000,00
33	Apresentador	04 diárias	R\$ 500,00	R\$ 2.000,00
Atividades Socio-educativas				
34	Palestrante	01 profissional	R\$ 1.500,00	R\$ 1.500,00
35	Falicitadores Oficinas	05 profissionais	R\$ 500,00	R\$ 2.500,00
36	Material Didático	01 Unidade	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00
VALOR TOTAL			R\$	204.730,00

Fonte: Projeto do evento acessado no Complexo Municipal de Banabuiú.

A partir do orçamento anterior, nota-se um aumento significativo do investimento para divulgação da feira, um total de R\$ 7.730, divididos entre: aumento da propaganda no rádio e carro de som, panfletos, cartazes, *banners*, painéis e produção de camisas para a organização do evento.

No tópico referente às atrações da feira, chama atenção o valor destinado às chamadas “bandas renomadas”, um total de R\$ 50.000,00, divididos em três apresentações. Além dessas, a apresentação de “Bandas locais/estaduais” com um total de R\$ 12.000,00, valor subdividido em seis apresentações. As duas categorias somam um valor total investido em bandas de R\$ 62.000,00.

Além disso, naquele ano, houve um aumento das premiações. No ano de 2008, havia sido destinado o valor de R\$ 8.950,00. Em 2009 esse valor subiu para R\$ 20.000,00.

Ainda no ano de 2009, teve um aumento também em relação à decoração do evento. No ano de 2008, tinha sido destinado para a decoração um valor de R\$2.500,00 e, em 2009, esse valor subiu para R\$ 6.000,00. A infraestrutura do evento, equipe de produção e atividades socioeducativas sofreram aumento nos valores destinados, o que nos faz crer que a edição da Banartes do ano de 2009 investiu mais recursos na parte de organização e montagem da feira.

De acordo com Andréia Maciel, agente administrativa da Secretaria de Cultura, Turismo, Indústria e Comércio do município de Banabuiú dos anos de 2009 a 2012, a grandiosidade da feira do referido ano se deu em especial por conta de um recurso a nível federal destinado à feira no ano de 2009. Ela relata que

O Carlinhos assumiu em 2009 e nós tivemos uma festa grandiosa mesmo, porque 2009 foi quando o município decretou estado de calamidade. Mas nós tivemos uma contrapartida acho que foi da casa civil muito boa. Que quando é eles que realizam, eles que contratam, tipo assim: eles mandam um escritório e aí junto com a gente eles realizam, mas eles tem que provar que realizou. Foi uma grande Banartes. Não foi na data porque o município decretou estado de calamidade, partiu as estradas e não podia fazer uma festa né? como é que o município ia fazer uma festa, não podia. Ou foi em outubro ou em novembro, não foi na data certa. Tivemos mastruz, tivemos forró do Bom com Kátia Cilene, as grandes bandas. Tivemos Zé cantor, solteirões e foi aqui na avenida e foi crescendo a Banartes foi crescendo.⁶⁸

O Carlinhos citado na entrevista é um dos ex-secretários de cultura do município de Banabuiú, o Sr. Antônio Alves dos Santos, que atuou como secretário entre os anos de 2009 a 2012, na gestão de Veridiano Sales. O próprio Carlinhos (Sr. Antônio Alves) também nos relatou sobre esse recurso destinado à feira.

Foi a primeira vez que eu me lembro até então, não sei posteriormente porque eu não participei, que a gente conseguiu pela primeira vez um financiamento a nível Federal. E a Banartes sempre foi muito ali de recursos próprios, aqui aculé a gente conseguia uma besteirinha do Estado, mas era coisa muito pouca. Como o próprio carnaval de Banabuiú sempre foi um dos melhores da região, mas a gente praticamente nunca conseguiu recursos fora alguma coisinha do Estado. Mas, nós conseguimos um ano, eu só não me recordo o ano... Mas foi o ano mais difícil porque a gente tava tão acostumado com nada de dinheiro, só brigando e o prefeito dando carão na gente porque não tinha dinheiro e esse ano teve um dinheirinho a mais e lógico que esse dinheiro era federal e já vinha destinado pra isso, pra isso e pra isso, mas a gente tinha outro nível né? Foi um ano que a gente teve as mesmas coisas, mas com um nível de qualidade maior. Mas ela conseguiu se manter bem.⁶⁹

Nas edições do ano de 2010 e 2011 a feira teve investimentos orçados em R\$ 210.000,00, ambas organizadas através de cotas de patrocínio. Nesse tipo de organização, são

⁶⁸Entrevista com Andréia Maciel realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 16h.

⁶⁹Entrevista com Antônio Alves realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 7h30.

citados os patrocínios da feira na abertura e encerramento de todas as atrações artísticas, além de incluir a logomarca patrocinadora em toda a mídia e material promocional.

Quadro 1 – Investimentos dos anos de 2010 e 2011

Ano	Cotas de patrocínio	Cotas de patrocínio – 3 cotas no valor de R\$ 30.000,00	Cotas de apoio – 6 cotas no valor de R\$ 10.000,00.
2010	O evento, orçado em R\$ 210.000,00 , será viabilizado através de 11 (onze) cotas de patrocínio, conforme as seguintes condições:	<ul style="list-style-type: none"> - Incluir logomarca em toda a mídia e material promocional (mídias eletrônicas, impressa e promocional); - Citações de patrocínio na abertura e encerramento de todas as atrações artísticas; - Citações de patrocínios em todo o material enviado à mídia pela Assessoria de Imprensa; - Ações de merchandising específicas com material disponibilizado pelo patrocinador. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incluir logomarca em todo o material promocional; - Citações de patrocínio na abertura e encerramento de todas as atrações artísticas.
Ano	Cotas de patrocínio	Cotas de patrocínio – 5 cotas no valor de R\$ 30.000,00	Cotas de apoio – 6 cotas no valor de R\$ 10.000,00.
2011	O evento, orçado em R\$ 210.000,00 , será viabilizado através de 11 (onze) cotas de patrocínio, conforme as seguintes condições:	<ul style="list-style-type: none"> - Incluir logomarca em toda a mídia e material promocional (mídias eletrônicas, impressa e promocional); - Citações de patrocínio na abertura e encerramento de todas as atrações artísticas; - Citações de patrocínios em todo o material enviado à mídia pela Assessoria de Imprensa; - Ações de merchandising específicas com material disponibilizado pelo patrocinador. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incluir logomarca em todo o material promocional; - Citações de patrocínio na abertura e encerramento de todas as atrações artísticas.

Fonte: Elaboração própria com informações do projeto do evento.

Através do Quadro 1, entendemos que ambas as edições tiveram o mesmo investimento e a mesma cota de patrocínio. Não identificamos diferenças em relação aos orçamentos da feira naqueles anos e, além disso, foi possível verificar que não houve modificação da escrita do texto no projeto orçamentário da feira do ano de 2011. Essa mesma constância foi identificada tanto no tema para a realização das duas edições (“Tudo junto e misturado”), como também nos *folders* promocionais para a divulgação do evento, como é possível verificar na Figura 28.

Figura 28 – Cartazes de divulgação de 2010 e 2011



Fonte: Arquivo de fotos do Complexo Municipal de Banabuiú.

Pelos cartazes anteriores, fica claro que a mesma arte do ano de 2010 foi utilizada para o ano posterior e que as atrações do evento se mantiveram de um ano para o outro. O que muda no cartaz são apenas a data de realização da feira e alguns dos patrocinadores do ano de 2011.

Nessas edições e também na edição do ano de 2012, investiu-se bastante na divulgação da feira em outros meios eletrônicos além do rádio. A Banartes foi noticiada em veículos como *Diário do Nordeste*, *TV Ceará*, *O Povo*, *Notícias do Sertão Central*, *Ceará Agora*, *Rio Brasil*, *BR Artesanato*, *Central Quixadá* e outros. Na Figura 29, é possível verificar

uma notícia sobre a Banartes no jornal *Diário do Nordeste* na coluna de cartas e e-mails do dia 13 de julho de 2010.

Figura 29 – Notícia sobre a Banartes de 2010

ANEXO 4 – NOTÍCIAS SOBRE A XXII BANARTES

Data: 13/07/2010
<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=813486>

opinião

Diário do Nordeste

VOCE

diário virtual

Cartas & emails

Banartes

Acontecerá de 15 a 17 deste a 22ª edição da Banartes, feira de artes de Banabuiú. Durante os 3 dias, teremos uma extensa programação, com destaque para a feira de artesanato, gastronomia e artefatos, festival de joleiros e cordões, apresentações de coral, dança, teatro, grupo de dança, quadrilhas, bandas de tímpano, palestras, oficinas e exposições. A programação é aberta ao público. (Por e-mail)

JULIANO TAHADES
BANABUIÚ-CE

Como bairrão

É bom ver uma pessoa pública com uma carreira promissora, jogar tudo por água abaixo e saber que a justiça não deve esse caso dar no mar do esquecimento e julgar todos os envolvidos nesse crime bárbaro. (Sobre matéria publicada na edição Nordeste, sob o título: 'Fatos de bom ladrão para os olhos de Bruno')

Artista: LUIZ FORTALEZA-CE

Está escrito

Essa matéria 'Escrito nas Banartes' é muito boa. Ela nos mostra que nada acontece por acaso. Estamos sempre nos reinventando e reagindo nossos olhos para trás, com tantos avanços em evolução sempre há coisas que nos plantamos. Se o homem tivesse mais conhecimento sobre esse grande mundo que é a vida, só faz ao próximo o que gostaria que fizessem a ele. (Sobre matéria publicada no caderno Coisa)

Fonte: Projeto do evento acessado no Complexo Municipal de Banabuiú.

O texto de divulgação diz que “Acontecerá de 15 a 17 desta a 22ª edição da Banartes, feira de artes de Banabuiú. Durante os três dias teremos uma extensa programação, com destaque para feira de artesanato, gastronomia e artefatos, festival de violeiros e sanfoneiros, atendimento do caminhão do cidadão, apresentação de grupos de danças, quadrilhas, bandas de forró, palestras, oficinas e exposições. A programação é aberta ao público”. O texto acima foi enviado por e-mail pela comissão organizadora do evento, que na época tinha Antônio Alves como secretário de Cultura do município, e propôs divulgar as principais atrações e manifestações daquela edição.

De acordo com o relatório da XXIV Banartes, a feira do ano de 2012 também foi denominada na época com o subtítulo de “Tudo Junto e Misturado”, como nas edições de 2010 e 2011. Na edição de 2012, porém, percebemos um destaque para uma nova atração da feira, o “Fest Peixe”. Nesse tipo de atração, uma comissão julgadora avalia os melhores pratos à base de peixe da região. A primeira edição do Fest Peixe ocorreu no ano de 2011, mas a maior divulgação da atração em termos de cartazes foi a partir do ano de 2012, como é possível observar na Figura.

Figura 30 – Cartaz de divulgação da Banartes (2012)



Fonte: Acervo de fotos do Complexo Municipal de Banabuiú.

Ocorrida de 5 a 7 de julho de 2012 e tendo como uma das principais atrações da feira o evento gastronômico voltado para o peixe do município, um dos setores da economia de maior força em Banabuiú, a Banartes estimou a participação de doze mil pessoas circulando nos seus espaços, tanto da população local, como de demais visitantes de outros municípios interessados na proposta da Banartes. Em relação aos dados orçamentários de quanto foi estimado para gastar na feira daquele ano, também não estava mais disponível no setor administrativo do município e por isso não temos registro sobre esse ano.

3.2 Patrocínios e a participação do SEBRAE na feira

Diante da necessidade de revitalização de determinadas ações por parte dos organizadores da Banartes, em especial por limitações financeiras, surgem entendimentos a respeito da entrada de empresas patrocinadoras na feira. Considerando a disponibilidade financeira como limitação para as ações da prefeitura municipal e secretaria de cultura, houve a captação de recursos para a realização do evento, utilizando a entrada de empresas interessadas em patrocinar o evento.

Ao estabelecer contato com outros municípios e, conseqüentemente, com novas empresas e novos patrocinadores, a feira começou a dinamizar a economia local e promoveu a participação de inúmeros órgãos na sua realização. Sobre isso e para um melhor entendimento dessa questão, faz-se necessário apresentar em detalhes a evolução e as formas de patrocínio da festa ao longo dos anos.

Assim, o Quadro 2 a seguir ilustra tal evolução ao longo dos 23 anos, de 1989 a 2012, com exceção dos anos 1991, 1993, 1998, 2003, 2006. A ausência desses anos explica-se pelo fato de não haver registros no Centro Cultural do município e nem na prefeitura municipal, o que limita nossa análise.

Quadro 2 – Patrocinadores da Banartes de 1989 a 2012

Ano	Realização/promoção	Apoio	Patrocínio
1989	Prefeitura Municipal de Banabuiú.	Prefeitura Municipal de Banabuiú	
1990	Secretaria de Educação e Cultura	Prefeitura Municipal de Banabuiú	Banco do Brasil S A; Babel – Motocedro; Libras Ligas do Brasil S.A; Ouro Branco; Caixa Econômica Federal.

1992	Secretaria de Educação e Cultura	Prefeitura Municipal de Banabuiú	
1994	Prefeitura Municipal de Banabuiú e Secretaria de Educação e Cultura.		SEBRAE
1995	Prefeitura Municipal de Banabuiú e Secretaria de Educação		SEBRAE
1996	Prefeitura Municipal de Banabuiú e Secretaria de Educação	Associação dos Artesãos de Banabuiú.	SEBRAE
1997	Prefeitura Municipal de Banabuiú	Governo do Estado do Ceará; Secretaria de Indústria e Comércio, Banco do Brasil.	SEBRAE
1999	Prefeitura Municipal de Banabuiú	Secretaria indústria, comercio, turismo, cultura e esporte.	
2000	Secretaria Municipal de Educação e Cultura.	Prefeitura Municipal de Banabuiú	Banco do Nordeste
2001	Prefeitura Municipal de Banabuiú	Secretaria indústria, comercio, turismo, cultura e esporte.	
2002	Prefeitura Municipal de Banabuiú		Banco do Nordeste; Chesf.
2004	Prefeitura Municipal de Banabuiú		SETUR; SECULT; SEBRAE
2005	Prefeitura Municipal de Banabuiú		
2007	Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Juventude.	Prefeitura Municipal de Banabuiú	SETUR; SECULT
2008	Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Juventude.		
2009	Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Juventude.	Prefeitura Municipal de Banabuiú; Coelce.	Banco do Brasil; Chesf; SEBRAE.
2010	Prefeitura Municipal de Banabuiú.	Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Juventude.	SEBRAE; Banco do Nordeste; Chesf; Nova Schin.
2011	Prefeitura Municipal de Banabuiú.	Secretaria de Turismo, Cultura, Esporte e Juventude.	SEBRAE; Banco do Nordeste; Governo do Estado do Ceará; Chesf; Nova schin.
2012	Prefeitura Municipal de Banabuiú.	SEBRAE.	Governo do Estado do Ceará; Banco do Nordeste; Nova

			schin; Ligas Libras do Brasil S/A.
--	--	--	---------------------------------------

Fonte: Elaboração própria com dados de *folders* promocionais do evento.

De acordo com o quadro, o primeiro patrocínio da Banartes ocorreu na segunda edição da feira, em 1990, sendo os patrocinadores o Banco do Brasil S/A; a Babel – Motoceδρο; Libras Ligas do Brasil S/A; Ouro Branco e a Caixa Econômica Federal, sendo substituídos nos anos de 1994, 1995, 1996, 1997 pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE)⁷⁰. Com isso, nota-se que, a partir do ano de 1994, houve uma significativa participação do SEBRAE ao longo de quase todas as edições da feira, observando-se também uma variação no número e nos tipos de patrocinadores, não sendo uma regra única para cada edição.

Desse modo, além da participação das empresas citadas, a Banartes também pôde contar com o apoio do SEBRAE, órgão que intensificou um trabalho a nível de região do Sertão Central, almejando o desenvolvimento do empreendedorismo no município. Por esse motivo, e diante dos objetivos elencados durante esse percurso historiográfico, tal fato merece uma maior atenção e análise para que possamos compreender as mudanças decorrentes da entrada do SEBRAE na maioria das edições da feira.

Essa questão do SEBRAE ela é muito importante pra gente, não podemos negar! Porque é a questão de valorizar o artesanato na sua forma comercial. Ele deixou de ser só aquela coisa daqui, da gente, e passou a ter outra visão. Então assim, com essa outra visão, outros municípios vieram somar com a gente. E o SEBRAE nos passou a ideia, inicialmente, de que se nós fizéssemos um trabalho a nível de região de Sertão Central, a Banartes ficaria mais enriquecida, né?⁷¹

Logo nas primeiras falas dos organizadores da Banartes, analisados na primeira seção deste trabalho, foi possível notar que os discursos de defesa da tradição nordestina, feitos por políticos, administradores e gestores culturais, estavam atrelados a objetivos de mercado e de tornar a Banartes uma feira cada vez maior. Nesse sentido, particularmente, a participação do SEBRAE na preparação dos feirantes para se tornarem empreendedores de uma “feira de sucesso” deram o tom daquela intervenção. Sobre isso, a ex-agente administrativa do município, Andréia Maciel, fala sobre a participação do SEBRAE nos anos de 2009 a 2012.

⁷⁰Entidade privada e agente de capacitação e de promoção do desenvolvimento, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) foi criado em 1972 e oferece apoio aos pequenos negócios de todo o país, trabalhando para estimular o empreendedorismo e possibilitar a competitividade e a sustentabilidade dos empreendimentos de micro e pequeno porte. Disponível em: http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/canais_adicionais/o_que_fazemos. Acesso em: 20 fev. 2018.

⁷¹Entrevista com Marília Sá, realizada em Banabuiú-CE, no dia 20 de março de 2017, às 9h.

A participação do SEBRAE total mesmo, bem parceiro começou em 2009. Em 2009 a gente teve a participação total do SEBRAE com apoio logístico, sabe? Aí começamos a formalizar as pessoas que é o MEI – micro empreendedor individual. Porque assim se você agricultor e não tem outra profissão você tem que se formalizar para pagar direito e ter direitos. Então o SEBRAE foi o nosso parceiro.⁷²

Com isso, a referida feira popular trouxe novas questões para aqueles que tiveram de adaptar seu “negócio” com base nas orientações, por exemplo, do SEBRAE quanto à necessidade de se adotar um espírito empreendedor para que a feira se tornasse um polo de atração turística e cultural, como se observa no trecho abaixo.

Além da gente trabalhar com os artesãos né? Que num tem um trabalho de incentivo à produção de artesanato, a criação de artesanato, aqui no Banabuiú não tem... a gente trabalhava inicialmente com esse grupo. Com a entrada do SEBRAE, a gente começou a trabalhar com o empreendedorismo, a questão da gastronomia, da culinária, a bebida num é? E o comércio né, que no ano de, acho que 2001, ela passou a ser no centro, que era para poder alavancar o comercio local. Então ela, ela começou iniciando ser uma feira de resgate e valorização da cultura. Uma feira artística, mas depois ela passou a ser de empreendedorismo, tanto na área do artesanato, como na área comercial e também na economia criativa. [...] ⁷³

Antônio Alves, secretário de cultura do município de Banabuiú no período de 2009 a 2012, falou-nos sobre as dificuldades para combater o principal problema na organização da festa, o amadorismo. O entrevistado chega a citar como exemplo de suas iniciativas para profissionalizar as ações na feira o apoio do SEBRAE, formalizando alguns artesãos e artistas da Banartes.

[...] Na questão de artes a gente tinha um parceiro muito forte que era o SEBRAE. Como a gente conseguiu na época trazer o SEBRAE bem para dentro e como era a secretária de indústria e comércio, e na época o prefeito determinou que a gente tinha que fazer alguma coisa relacionado a isso, aí possibilitou essa parceria maior com o SEBRAE. Embora o SEBRAE já tivesse participado de outras vezes, mas nesses anos o SEBRAE participou bem ativamente. Ele deu um profissionalismo maior. Trouxeram uma consultoria de graça para dentro da feira. Eles ficaram comigo e com a Andréia um mês antes planejando, fazendo tudo... menos caseiro como a gente fazia, uma coisa mais profissional. Tanto é que foi um dos anos, um dos 4 anos com atrações bem mais interessantes.⁷⁴

⁷²Entrevista com Andréia Maciel realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 16h.

⁷³Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

⁷⁴Entrevista com Antônio Alves realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 07h30.

Ainda em relação a essa profissionalização desenvolvida pelo SEBRAE na feira, Andréia Maciel complementa a fala do Antônio Alves quando ressalta os diversos cursos realizados no município para capacitar os seus participantes.

A gente criou essa sala do empreendedor na secretaria para formalizar alguns artesãos [...] Teve um curso que foi desenvolvido até uma logan para o município que era uma borboleta, veio design, veio tudo, sabe? eles fizeram umas bolsas. [...] Então tiveram vários cursos dos artesãos, curso de capacitação, curso de design para desenvolver...fizeram até aqueles cartões convites com o design deles, fizeram a rota dos ipês, porque nós temos a rota dos Ipês aqui no Banabuiú, e várias coisas, vários assuntos nesse quesito.

O SEBRAE é mais voltado para essa questão do Artesanato, ela dava cursos, veio design, tudo na área de artesanato teve, como teve também na área de comércio para os proprietários de barracas no rio que iam receber as pessoas, para as pessoas que iam colocar alimento, que iam colocar as tendas na praça de alimentação, tinham os cursos. Tanto era na Banartes, como era no carnaval. Aí lá do rio o que era nosso forte, o peixe. Então todo alimento sobre o peixe teve curso, tudo sobre o peixe. Para churrascaria, teve curso para churrasqueiro, corte de carne. Tudo isso o SEBRAE desenvolveu no Banabuiú⁷⁵.

Observa-se a significativa dimensão que a feira foi alcançando ao longo dos anos, tanto em termos de manifestações culturais, como para geração de renda e, conseqüentemente, para o desenvolvimento do empreendedorismo cultural no referido município.

Além disso, o SEBRAE também foi o responsável por organizar o evento de gastronomia dentro da feira, o “Fest Peixe”, ocorrido nas edições de 2011 e 2012.

Nós conseguimos também e eu não sei lhe dizer se continuou. Mas Banabuiú sempre teve muito a questão do peixe, é o nosso carro chefe e nós conseguimos com o SEBRAE e ele fez um trabalho muito bom com relação a isso, colocar o evento de gastronomia dentro da feira, um festival de culinária nós conseguimos colocar dentro da Banartes com os restaurantes de Banabuiú. [...] a gente conseguiu fazer durante dois anos ou três. Mas foi muito interessante porque trouxe uma coisa nova pra Banartes e que tinha tudo a ver com Banabuiú que era a questão do peixe.⁷⁶

Agora, com a percepção de seu potencial econômico alavancado através da participação do SEBRAE, a feira passa a centrar suas atividades no desenvolvimento do empreendedorismo e do comércio, fortalecendo gradualmente a participação de agentes externos em detrimento dos internos na fomentação a atividades comerciais desenvolvidas na Banartes.

Há, portanto, um esforço por parte dos organizadores da feira na captação de recursos para a sua realização. A partir desse ponto, a Banartes começa a atingir novas esferas, ela passou a ser divulgada a outros órgãos e empresas, ampliando assim o interesse de diversos

⁷⁵Idem.

⁷⁶Idem.

grupos em apoiar e dinamizar a economia que a festa gerava. Com o apoio da SEBRAE, por exemplo, a feira abraçou novos horizontes, passando a trabalhar em nível estadual.

Primeiro ela foi local, depois ela passou para o regional, depois para o Estadual e daí ela cresceu mais ainda, foi ganhando essa dimensão e nesse sentido que ela primeiro começou como um espaço para mostrar a arte e o artesanato, depois ela abriu espaço em parceria com o SEBRAE e seguidamente com o BNB, para o empreendedorismo.⁷⁷

A participação do SEBRAE na Banartes também foi recordada pelas artesãs entrevistadas, as quais destacam o incentivo e apoio da empresa na oferta de cursos voltados a prática artesanal.

[...] A gente fez curso, veio pessoas de Fortaleza da SEBRAE. E eles vieram e a gente fez curso de bordado, de pintura. A gente fez vários cursos sabe? Que eles faziam isso pra gente, a gente era artesã e a Lila procurava muito e nessa época era não era... assim ela não tinha nenhum vínculo com a prefeitura de ser o secretário de cultura e nada não, sabe? Ela gostava também.⁷⁸

Através dos dados documentais, em especial os *folders* e os projetos das edições da feira, e também de acordo com as entrevistas coletadas, a participação do SEBRAE permaneceu na feira durante quatro anos, sendo eles 2009, 2010, 2011 e 2012, como destaca a entrevistada,

O SEBRAE ele ficou com a gente desenvolvendo a festa, tudo, tudo foi uns 4 anos, deles estarem dentro da festa mesmo, com a mão na massa. Acho que foi 2009, 2010, 2011 e 2012. Quatro anos. Que o tema da Banartes quase se torna o mesmo que era “Tudo junto e misturado” que a gente desenvolvia e só mudava as cores. A gente pegava o sanfoneiro, o violeiro, o artesão, o calouros, o teatro, então a gente fazia uma coisa só. Esses foram os anos que eles estiveram bem presentes e foram umas Banartes muito boas. Que a gente trabalhou bastante pra que o foco fossem eles, o artesanato.⁷⁹

Além do apoio financeiro do SEBRAE, é recorrente na fala dos entrevistados a ajuda concedida pelo Banco do Nordeste nos anos de 2000, 2002, 2010, 2011 e 2012 e da Schincariol em 2010, 2011 e 2012, como foi possível verificar no Quadro 2. Antônio Alves ressalta, com animação, o apoio dessas duas empresas ao comentar,

Eu sempre conseguia também uma verbinha bem pequeninha do Banco do Nordeste, dentro do limite, porque ele tinha um limite pra essas coisas da agência local. Porque se a gente fosse atrás a nível de Brasília, federal é aquela burocracia todinha, todinha. Então a gente focava muito na participação. A gente ia direto na agência e essas agências tinha uma verba que o gerente destina pra cultura. Então nos 4 anos que

⁷⁷Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 29 de março de 2017, às 14h.

⁷⁸Entrevista com dona Maria Aparecida realizada em Banabuiú-CE, no dia 20 de julho de 2018, às 9h15.

⁷⁹Entrevista com Andréia Maciel realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 16h.

participei o Banco do Nordeste ele sempre destinou a verba que ele tinha cultural pra Banartes. Era pouco, mas ajudava.⁸⁰

Na época nós tínhamos um patrocínio muito bom também que era a SCHINCARIOL. Eles ajudavam naquelas barracas pra gastronomia, por exemplo. Onde ficava os barraqueiros, mesas, cadeiras, freezer, eles mandavam tudo. Eu que dizia o tanto que precisava. Normalmente de 15 a 20 e dava uma briga pra você saber e dizer pra quem efetivamente ia ficar, mas no final dava certo.⁸¹

Resta a compreensão de que é a prefeitura municipal que arca com a maior parte das despesas da Banartes, valendo-se às suas receitas regulares e também as verbas concedidas por patrocinadores e apoiadores que investem na feira, geralmente em troca de divulgação da sua marca ou trabalho durante os dias do evento.

Desse modo, entendemos que a Banartes, conforme seu porte de megaevento, encontra-se num nível significativo em termos de interesse para o investimento público e empresarial. Com isso, os valores para sua realização acabam extrapolando o orçamento público municipal, exigindo, assim, a busca de investimentos em forma de patrocínios. Sobre esses tipos de patrocínios ou financiamentos dentro de festas populares, a Nóbrega (2010, p. 171) comenta que

Historicamente as festas populares sempre dependeram de financiamentos, públicos ou privados. No Brasil, a tradição das celebrações religiosas desde os tempos coloniais sempre contou com doações, em diferentes patamares de valores, inclusive com o propósito de lucro para o custeio de construções e reformas de templos e demais prédios da Igreja, ou mesmo para obras sociais (NÓBREGA, 2010, p. 171).

Hoje, nas festividades populares, são comuns eventos baseados em modelos com marcantes características de empreendimento político e mercantil. Nóbrega (2010, p. 130) atesta ainda que

As festas populares contemporâneas, especialmente as que se notabilizam pelo porte de megaeventos, vêm se firmando e crescendo nesse modelo, prova de atender aos objetivos dos organizadores, que optam pelo formato industrializado mediante sua eficácia para a promoção político-eleitoreira (NÓBREGA, 2010, p. 130).

Nesse sentido, os atos festivos acabam privilegiando as expressões da cultura de massa que chegam a adotar o evento de uma configuração industrializada, alterando ou misturando os costumes, os hábitos e os padrões das demais manifestações populares que constituem a festa. Tratando do modelo da festa de Caruaru, Nóbrega (2010, p. 291) considera

⁸⁰Entrevista com Antônio Alves realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 07h30.

⁸¹*Idem.*

Modelo em que a festa histórica se mistura à festa industrial e resulta na festa globalizada que se conecta com as redes mundiais da economia, finanças e comunicações, de acordo com a base estrutural em que gradativamente se desenvolveu o grande evento campinense, uma realização multifacetada, como espetáculo, negócio, comércio e atrativo turístico (NÓBREGA, 2010, p. 291).

Nesse sentido, tais considerações nos levam ao entendimento de que esse formato de festa industrializada ocorre em diferentes locais de acordo com os interesses e promoções turísticas do evento. Além disso, compreende-se que o circuito da organização e produção cultural foi cada vez mais se estabelecendo pelos sistemas empresariais, na medida em que, para a realização do evento, a secretaria e a prefeitura do município firmam acordo com diversas empresas, fator atrelado ao crescimento da festa e, conseqüentemente, à necessidade de um maior investimento em termos de recursos financeiros para realizá-la. Sobre isso, Yúdice (2004, p. 11) destaca que

A cultura é hoje vista como algo em que se deve investir, distribuída nas mais diversas formas, utilizada como atração para o desenvolvimento econômico e turístico, como mola propulsora das indústrias culturais e como fonte inesgotável para novas indústrias que dependem da propriedade intelectual (YÚDICE, 2004, p. 11).

O próprio apoio do SEBRAE evidencia um investimento sociocultural em termos das áreas de turismo, agronegócio e comercialização. É importante destacar também que se encontra nesses programas governamentais um nível significativo de interesses em desenvolver pesquisas e projetos relacionados à vertente cultural.

Verifica-se que, em grande medida, a influência exercida por fatores externos e internos no campo cultural, como o SEBRAE, começam a determinar que as organizações culturais assumam modelos e práticas de gestão que alterem sua lógica de atuação. Dessa maneira, a feira, que procurava se voltar à natureza de suas atividades, passa a ser guiada em certa medida por valores instrumentais, sob a lógica da utilidade e da rentabilidade.

A projeção da festa como objeto de interesse turístico e de emotividade para a participação popular está presente, conforme as palavras da ex-agente administrativa do município, ao comentar:

Em questão de turismo na feira, hoje ela ganhou uma grande proporção, de boca em boca a Banartes cresceu. Muita gente deixa pra vim pra Banabuiú, alguém que já veio traz um amigo, depois traz outro e já vem outro. É igual o carnaval sempre tem muita gente, o município fica lotado. E a Banartes é do mesmo jeito. Quantas pessoas de fora que a gente recebia de fora que vinham visitar, só para conhecer a Banartes, que

vinheram através de um amigo, sabe? Então vem muita gente, muito turista e deixa uma renda boa para o município, gera bastante renda.⁸²

Nesse contexto, o turismo irá figurar como um importante estímulo a esse processo, pois movimenta a economia e transforma a cultura local em um produto a ser oferecido aos turistas. Nessa perspectiva, “Para atrair turistas de eventos para as cidades que se constituem em polos juninos, elaboram-se discursos que são veiculados na mídia televisiva, impressa, radiofônica ou através da internet, assentadas, sobretudo, nas peculiaridades culturais tangíveis ou intangíveis do lugar festivo” (CASTRO, 2012, p. 47).

Os turistas, portanto, são incentivados pelos discursos que se propagam em torno da feira, e pelos novos arranjos organizacionais que se estabelecem nos processos culturais. Tais questões agregam mudanças nas organizações culturais da feira com ênfase na criação de novas estruturas que atraiam os turistas e os demais brincantes da festa, modificando também seus processos de gestão e visando uma maior capacidade lucrativa e industrial.

⁸²Entrevista com Andréia Maciel realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 16h.

4 “PRA MIM AS MUDANÇAS QUASE TODAS FORAM NEGATIVAS”: AS TRANSFORMAÇÕES DA FEIRA EM TRÊS PRINCIPAIS MANIFESTAÇÕES

Esta seção trata do olhar dos artistas populares que se apresentavam na Banartes ao longo dos anos destacando a percepção destes em relação as mudanças aos quais a feira passou. É, pois, um tópico que surge da necessidade de compreendermos como esses sujeitos visualizam a feira, para que possamos tratar da análise final desta dissertação.

A abordagem leva em consideração que, para tais sujeitos, o discurso da nordestinidade operado no início da história da feira não se fez presente no decorrer dos demais anos, mas que, na realidade, a feira passou a ser um local de comercialização e espetacularização em que os produtos industrializados e as práticas que englobam multidões, como as festas de forró eletrônico, estiveram presentes como hegemônicas, deixando esses outros sujeitos um tanto esquecidos.

Ao analisarmos as entrevistas dos artesãos, violeiros e quadrilheiros acerca das transformações da feira, constatamos que há uma concordância de opinião em relação ao espaço que foi a eles concedido no início da feira e o espaço que em tempos mais recentes eles vêm ocupando. Em decorrência disso, tais manifestações culturais, apesar das críticas sobre os desvios da temática original relativa à cultura popular do mundo junino-nordestino, foram apropriados pelas iniciativas de consumo turístico em que os políticos organizadores ainda afirmam em suas declarações realizar um evento que não deixa de reunir os elementos tradicionais da cultural regional.

4.1 Atividade artesanal e sua transformação na Banartes

Na tentativa de caracterizar e realizar uma apresentação precisa das especificidades que configuram a feira, é preciso levar em consideração as transformações que ela sofreu em relação à sua prática artesanal. Através das análises apreendidas no decorrer desse trajeto historiográfico, observou-se que a prática artesanal e demais manifestações culturais passaram por algumas mudanças, tendo em vista a própria inserção das festas de forró eletrônico. Logo, faz-se necessário pautar como se deram as referidas transformações, analisando a visão dos artistas populares que se apresentavam na Banartes e que tiveram experiências pertinentes no processo de exposição e participação da feira.

Durante esse percurso, para dar conta da tarefa aqui apresentada, a investigação apoiou-se na análise de quatro entrevistas realizadas com artesãs de Banabuiú que estiveram

durante muito tempo envolvidas na prática artesanal e que dedicaram parte desse tempo à exposição dos seus produtos na Banartes. Os sujeitos entrevistados foram mulheres de 45 a 70 anos, sendo que estas têm experiência com a prática artesanal há mais de 10 anos e que, além de fazer artesanato, desenvolvem outras atividades paralelas, como costura e agricultura, por considerarem que o artesanato por si só não garante a renda suficiente para a sua família.

As entrevistadas foram dona Maria Zuleide, 45 anos, natural do município de Banabuiú-CE, agricultora e artesã há mais de 10 anos; dona Maria Aparecida, 51 anos, natural do município de Morada Nova-CE, morando, desde 1989, em Banabuiú. Esta, além de artesã e costureira, é professora do 1º ano do Ensino Fundamental e 8º 9º ano do Ensino Fundamental, e desde 1991, expõe seus produtos artesanais na Banartes.

Além destas, entrevistamos dona Maria Rodrigues, de 53 anos de idade e há 16 anos expõe seus artesanatos na feira. Ela é natural do município de Camocim-CE e, além de artesã, trabalha na agricultura para garantir a renda da família. Por último, também contamos com a entrevista de dona Lídia das Graças, costureira e artesã há mais de 13 anos, sendo esta natural do município de Banabuiú-CE, estando vinculada à feira há mais de 10 anos.

No que tange ao processo de exposição dos produtos artesanais, as falas dos artesãos concordam ao afirmarem que não foi um período difícil. Quando estes não eram convidados pela própria organização da feira, eles procuravam se informar para posteriormente poderem se inscrever nela. A entrevistada Maria Zuleide⁸³ chega a lembrar que “às vezes até falta pessoas para expor, porque são boas as oportunidades para expor, né. A gente não paga. É só a ficha de inscrição. Nem paga nada, é só se inscrever e pronto”.

No entanto, o que se observou é que, na maioria das vezes, a dificuldade no processo de organização, produção e exposição dos produtos artesanais para algumas artesãs é a falta de materiais para a sua confecção. Dona Maria Rodrigues, por exemplo, que trabalha com palhas da carnaúba⁸⁴ confeccionando vários tipos de chapéus e cestas, relata que enfrenta diversos contratempos para conseguir a matéria-prima necessária à confecção de suas peças.

[...] Tá com 16 anos que eu exponho. Só que eu boto um tempo e paro, porque às vezes num tem o material, sabe? Ai depois o pessoal me procura, vem bater aqui aí eu

⁸³Entrevista realizada em Banabuiú-CE, no dia 10 de julho de 2018, às 14h30.

⁸⁴A carnaubeira ou carnaúba é uma planta nativa do Nordeste brasileiro que possui tronco reto e cilíndrico. Sua incidência é em pontos mais próximos dos rios, principalmente solos argilosos, aluviais (de margens de rios) e com a capacidade de suportar alagamento prolongado durante período de chuvas. A carnaúba oferece uma infinidade de usos econômicos, como por exemplo, as raízes e as sementes têm uso medicinal, dela é extraído o pó cerífero para beneficiamento da cera e a bagana e suas palhas são utilizadas na produção artesanal de chapéus, vassouras, bolsas e uma infinidade de criações. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/alimentos/carnauba>. Acesso em: 20 out. 2017.

sigo de novo. Ele (esposo) arruma a palha, né? aí eu vou e sigo de novo. Quando eu morava em Banabuiú era difícil demais conseguir palha, mas depois que eu tô morando aqui (no interior), meu esposo vai atrás e é trabalho pra gente e pra casa né? E a gente não tem ganho, ele também não tem ganho, aí a gente vai fazendo uma coisinha. Num dá pra viver, mas dá pra ajudar, quando a gente precisar de um quilo de açúcar, um pacote de café a gente vender uma pecinha e já tem né? A gente tem que pagar a palha, é difícil... a palha é difícil por aqui, é luta viu. Pra gente ir pra Camocim pra comprar a gente viaja de 6 da manhã e chega lá 6 da noite. Aí tem que vim com dois dias pra esperar a feira né? [...]⁸⁵

Além disso, tendo em vista o processo de historicidade da feira, observa-se que suas primeiras edições não contavam com muita estrutura física. Tal fato pode ser explicado pela carência de recursos financeiros e patrocínios necessários à sua realização. Sobre isso, a entrevista coletada com dona Maria Zuleide é clara ao destacar como foi esse processo de exposição na feira.

Quando eu comecei a participar da Banartes eu morava em Fortaleza, porque eu morei lá um tempo. Quando eu participei eu morava lá. Foi na quadra, era na quadra as Banartes. Eram um quiosquinho. Inclusive, na época eu fazia bonecas de lã. Eu ainda lembro o nome das minhas bonecas “la bonequitas” eu coloquei. E veio na hora, ela perguntou o nome da barraca e eu digo “ih, meu Deus, é de bonecas” aí me veio assim o fleche “la bonequitas” que num é nem um nome brasileiro, mas me veio de repente e eu coloquei. [...]⁸⁶

Deve-se considerar que o local de exposição dos produtos artesanais da Banartes chegou a mudar, tanto é que, depois de algumas exposições no ginásio municipal, a feira passou a ter local fixo na praça principal, como recorda Maria Aparecida.

[...] Depois da quadra... na quadra a gente expôs uma ou duas vezes, aí depois a gente veio ali pra praça, aí todos os anos é ali na praça e na praça vinha também artesã de fora né? E teve uma época que eu recebi tanta da encomenda, do pessoal que mora em Fortaleza e eu fiz tanta coisa, fiz um monte de caixas.⁸⁷

Ainda no que tange ao processo de exposição dos produtos artesanais da Banartes, deve-se destacar a relação do artesão com seu trabalho, o qual se revela de extrema importância na atribuição de sentido e de valor à produção artesanal. Aqui se observa o que Thompson (1995) chamou de *processo de valorização*, em que as formas simbólicas, no caso as artesanais, ganham valor tanto simbólico quanto econômico. No caso do valor simbólico, o autor considera que é aquele que “as formas simbólicas possuem em virtude das maneiras como elas são

⁸⁵ Entrevista realizada com Maria Rodrigues na localidade de Jurema, em Banabuiú-CE, no dia 22 de julho de 2018, às 10h20.

⁸⁶ Entrevista realizada com Maria Zuleide em Banabuiú-CE, no dia 10 de julho de 2018, às 14h30.

⁸⁷ Entrevista realizada com Maria Aparecida em Banabuiú-CE, no dia 20 de julho de 2018, às 9h15.

apreciadas pelas pessoas que as produzem e as recebem, em virtude da maneira como elas são apreciadas ou denunciadas” (THOMPSON, 1995, p. 23). E o valor econômico é aquele adquirido em virtude de os objetos artesanais serem comercializados.

É exatamente sobre isso que as artesãs revelam a sua maior dificuldade: a valorização e comercialização dos seus produtos. “O pessoal daqui num dão muito valor ao artesanato não. Olha, pega ‘Aí como é bonito’, ‘Tá lindo isso aqui’, aí devolve pro cantinho” (Lídia das Graças)⁸⁸. Além disso, outro fator determinante segundo dona Maria Aparecida, “é o preço, as pessoas não querem dar o preço que a gente cobra. Mas não são todos né? Graças a Deus que tem aquelas que você diz é tanto e num tem dificuldade”.

Segundo as artesãs, a referida dificuldade está relacionada ao fato de que o valor da matéria-prima influencia diretamente no estabelecimento do valor econômico de suas obras e, muitas vezes, as pessoas não reconhecem isso.

Às vezes as pessoas vêm aqui, a gente faz uma bonequinha de lã né, você gasta dois novelos de lã - 9 reais. Você vai cobrar 15 reais, a pessoa “não! eu dou 10”. Você dá dez? Não dá nem pro material, né? Mas só que as pessoas não ver isso não [...] você tem aquele trabalho todo, aí você vai fazer, aí a pessoa chega e quer te dá o preço?! (Maria Aparecida)

Os relatos acima destacam com clareza que é atribuído ao artesanato tanto o valor simbólico quanto o valor comercial (econômico), sendo que um influencia diretamente o outro. Assim, “qualquer prática é simultaneamente econômica e simbólica, uma vez que agimos através dela, construímos uma representação que lhe atribui um significado”. (CANCLINI, 1982, p. 30).

Através das memórias das artesãs, foi possível observar que elas apontam uma desvalorização dos seus objetos artesanais na medida em que a feira agrega produtos industrializados. Tal fato é destacado e criticado por dona Maria Aparecida, a qual relata:

[...] assim, a transformação maior que a Banartes passou é porque em alguns anos atrás ela era só artesanato viu? Não tinha nada de outras coisas, não. Era só artesanato. Poderia vir de Quixeramobim, de Quixadá, Ibicuitinga, Morada nova – era só relacionado mesmo a arte. Mas só que aí, com um tempo, se eu não me engano foi em 2009, por aí, começou vim pessoas, era Boticário, era a Avon, era negócio de vender motos, vender roupas né? Aí assim, eu acho que não deveria ter na Banartes era isso aí. [...] uma coisa que eu compro numa loja, uma marca de roupa, marca de um perfume, colocar lá, é a única coisa assim que eu não concordo é com isso aí. Porque a feira é de artes.⁸⁹

⁸⁸Entrevista realizada com Lídia das Graças em Banabuiú-CE, no dia 26 de julho de 2018, às 14h30.

⁸⁹Entrevista realizada com Maria Aparecida em Banabuiú-CE, no dia 20 de julho de 2018, às 9h15.

Ao tratarmos dessa dimensão da feira, deve-se, ainda, levar em consideração que a partir do momento em que chegavam pessoas de outras regiões no município, eram inseridas novas atrações artísticas e culturais. A exemplo disso, a entrevistada Benedita Oliveira, recorda que

Chegou aqui um pessoal na década de 90, chegou o pessoal de Minas que veio trabalhar na Libra⁹⁰, aí a cultura que eles trouxeram de Minas Gerais já se juntou com a nossa e eles já pediram pra fazer o festival da canção. Então a Banartes, ela foi construída assim, pelas mãos de muitas pessoas. A gente tinha todo respeito à nossa cultura, mas a gente também acolhia a cultura do outro fazendo com que o Banabuiú se tornasse a cidade carinho, porque ela adota os que chegam aqui e as pessoas que vem ao Banabuiú jamais esquecem.⁹¹

Não obstante, a forma de organização, produção e exposição da feira se modifica e isso afeta diretamente os artesãos de Banabuiú, visto que se insere outros produtos que não fazem parte do projeto cultural inicial que envolveu a Banartes. A desvalorização do artesanato foi recorrente nas falas e relaciona-se, em alguns casos, à competição com os produtos industrializados. A exemplo, destaca-se a fala de dona Lídia das Graças, que acredita que a exposição deveria agregar apenas artesanatos e sente-se até prejudicada por isso.

Eu acho que, se é artesanato, era pra ser só artesanato né? Teve umas épocas aí, umas Banartes aí que eu fazia calcinhas de renda pra vender, que tinha gente aqui que só comprava das minhas calcinhas. Eu comprava renda em Fortaleza né? Mas na Banartes eu num botava as calcinhas. Eu vendia as minhas freguesas que vinham comprar aqui né? Não era pra botar! Né? E agora eu vejo muita gente botando né? [...]⁹²

Ela ainda acrescenta que

Sempre eu falo, a Banartes já tá dizendo: Banartes quer dizer Banabuiú e artes. Aí o pessoal botam mais é comida e bebida. O pessoal em vez de vim ver os artesanatos vão primeiro comer e beber. Por isso que a gente não vende muito nas Banartes. A gente vende, mas não vende tanto, era pra vender mais né? Num vende por isso, porque o pessoal só vê mais a bebida e a comida. Às vezes eu digo assim, a prioridade era pra ser dos artesanatos porque assim, Banartes já tá dizendo: Banabuiú e artes.[...]⁹³

Há, portanto, uma nova perspectiva atrelada à cultura local. A introdução de produtos industrializados ou variações desses passaram a fazer parte da Banartes, substituindo

⁹⁰A empresa Libra Ligas do Brasil foi fundada em 27 de maio de 1986, com sede na cidade de Banabuiú e atua na produção de ferroligas. Disponível em: https://www.emis.com/php/company-profile/BR/Libra_Ligas_do_Brasil_SA_pt_2650143.html Acesso em: 25 dez. 2017.

⁹¹Entrevista com Benedita Oliveira realizada em Banabuiú-CE, no dia 12 de novembro de 2019 às 14h.

⁹²Entrevista realizada com Lídia das Graças em Banabuiú-CE, no dia 26 de julho de 2018, às 14h30.

⁹³*Idem.*

muitas vezes o produto que é realizado manualmente. Observou-se, assim, uma possível descaracterização do objetivo inicial da Banartes ou perda de referência do artesanato local.

Teve uma época lá que o espaço quase todo foi tomado pelo pessoal vendendo negócio de moto, né? E você sabe que toma um espaço grande né! Eles vinham, eu num sei se era de Quixadá, aí vinham colocavam lá aquele espaço de venda de motos. E eu acho que na Banartes não é pra ter isso aí não! De jeito nenhum. Porque assim: se eu tenho a minha barraquinha lá, eu só vou vender artesanato. Eu não posso levar uma camisa, uma blusa que eu fiz, eu não posso levar uma calcinha que eu confeccionei, eu não posso levar. E porque que vai ter uma barraquinha do meu lado que tem né?⁹⁴

Tal fato ocorre, muitas vezes, em razão da mercantilização da cultura, na proporção em que a arte local é induzida a mudanças para agradar aos turistas e aumentar quantitativamente as vendas. A noção da feira, portanto, em particular, mudou acentuadamente no decorrer dos anos, ao inserir produtos industrializados, fazendo com que esses artesãos ficassem um pouco esquecidos.

Além disso, houve a inserção de trabalhos manuais, que são confeccionados com matéria-prima industrializada e que não resultam diretamente de heranças culturais. Como afirma Vilmar Nobre, “a industrialização também entrou na área artesanal. “Você vê, por exemplo, antigamente você tinha aquelas bonequinhas de pano⁹⁵ que as crianças brincavam, hoje você tem a boneca de pano, mas com a cabeça de plástico”. Desse modo, as bonecas que antes eram fabricadas artesanalmente, atendendo a procedimentos tradicionais nas pequenas manufaturas familiares, agora são fabricadas utilizando matérias industrializados na produção dos seus objetos.

Ainda através desse relato, observa-se que o artesanato vem se transformando ao relacionar-se com o mercado capitalista. Não se trata apenas de mudanças no sentido e na função do artesanato, mas de uma mudança nos próprios materiais e técnicas para a confecção dos produtos artesanais. Segundo Canclini (1982), tais materiais e técnicas estão em constante readaptação frente às condições econômicas e culturais, aos estímulos e recursos disponíveis.

Ao recorrermos aos estudos Canclini (1982), observamos ainda que em tal processo o artesanato adquire a designação de bem de consumo passível de atribuição de valor econômico e, portanto, de comercialização, isso porque “o artesanato – bem como as festas e

⁹⁴Entrevista realizada com Maria Aparecida em Banabuiú-CE, no dia 20 de julho de 2018, às 9h15.

⁹⁵A expressão “boneca de pano” – cuja referência mais antiga, na bibliografia que consultamos, é do folclorista Câmara Cascudo (publicado pela primeira vez em 1954) – refere-se justamente ao material nela usado, o “pano”. Eram feitas manualmente e se utilizava os materiais disponíveis como: lenços, trapos, farrapos, sobras de pano, palha, algodão etc. Disponível em: <http://www.folcloreminas.com.br/RevistasAntigasN23.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2017.

outras manifestações populares – subsistem e crescem porque desempenham funções na reprodução social e na divisão do trabalho necessárias para a expansão do capitalismo. [...]” (CANCLINI, 1982, p.62)

Assim, na visão de Canclini (1982), a produção artesanal apoia seu desenvolvimento na possibilidade de existência de certas manifestações populares como as festas ou o próprio artesanato, ao desempenharem funções necessárias para a expansão do capitalismo. Dessa forma, as peças artesanais irão desempenhar especiais funções na manutenção da lógica capitalista e por isso o autor considera que é no artesanato que podemos observar a rapidez e a multiplicidade de modificações que o capitalismo introduz nas culturas, visto que “um manto bordado para a festa da padroeira de uma aldeia pode mudar em poucas horas seu significado e a sua função ao passar a servir de decoração numa habitação urbana” [...] (CANCLINI, 1982, p. 91). No entanto, ainda que o artesanato esteja inserido nessa lógica capitalista, ele ainda é, entre os demais produtos, o único que

[...] conserva uma relação mais complexa em termos da sua origem e do seu destino, por ser simultaneamente um fenômeno econômico e estético, sendo não capitalista devido à sua confecção manual e seus desenhos, mas se inserindo no capitalismo como mercadoria [...] (CANCLINI, 1982, p. 91).

Ou seja, o fato do artesanato ter surgido como um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer manual, não exclui seu caráter comercial, visto que ele se integra a um mercado capitalista, na medida em que os produtos artesanais coexistem ou modificam-se com vários produtos industriais.

Sobre o processo de transformações que percorreram o fazer manual das artesãs de Banabuiú, também se observou, através dos seus relatos, que houve uma modificação no que diz respeito a prioridade concedida a eles. Os relatos coincidem ao afirmar que, com um tempo, a Banartes, na medida em que inseriu produtos industrializados e as grandes bandas de forró eletrônico deixou o artesanato em segundo lugar. dona Maria Zuleide ressalta que

[...] o nome Banartes é o que? Banabuiú artes ou artes de Banabuiú. E eles não procuram fazer assim, com que a gente se sintam – não é aquela coisa assim “ah, eu quero ser prioridade”. Não! Mas que os artesãos eles deveriam ter mais a atenção deles. A gente deveria escolher o lugar onde a gente quer ficar, onde seria melhor para nossas vendas. Um espaço melhor, entendeu? Um espaço que a gente fosse visto realmente por todo mundo que anda ali e não é assim, infelizmente. [...] ⁹⁶

⁹⁶Entrevista realizada com Maria Zuleide em Banabuiú-CE, no dia 10 de julho de 2018, às 14h30.

A entrevistada ainda compara com anos anteriores e destaca que no início o espaço a eles cedidos era decisivo para a exposição e visibilidade dos seus visitantes.

No começo era, porque davam prioridade realmente pra gente, é tanto que teve outros anos que as Banartes foram na praça. Era na praça mesmo. Então quem ficava ali na festa, ficava tendo acesso a gente. Era um círculo de barracas ali mesmo. Então ficava todo mundo amontado ali e num via os artesanatos quem não queria, mas tava tudo ali, a mão e a hora. Então a estrutura era bem melhor no começo. Eles priorizavam bem a gente no começo, agora não. [...] ⁹⁷

Além disso, pelos relatos das artesãs, foi possível perceber a carência em relação à divulgação do trabalho realizado por elas. “Eles falam que vão divulgar e tudo, mas no momento lá divulgam outras coisas, mas o artesanato não, esquecem” (Lídia das Graças). Assim, para os artesãos, a organização da feira em geral se empenha ao máximo para realizar um evento bem estruturado. No entanto, no que diz respeito à divulgação das exposições inseridas na feira, não há um esforço por parte da organização do evento de intensificar essa divulgação, e nem mesmo se tem uma preocupação em relação ao local escolhido para as referidas exposições.

[...] Diferenciou muito a importância que eles dão para os artesãos. Mudou muito. Eles começaram nos dando importância de 100%, hoje eles nos dão 40%. Em relação a estrutura. Eles colocavam a gente junto do povo, agora não, eles isolaram a gente. Pra mim aquilo ali isolou a gente. Muito isolado mesmo, infelizmente. [...] ⁹⁸

Não obstante, os artesãos destacam que esses fatos poderiam ser resolvidos ou amenizados através de uma organização mais eficaz em relação a eles e ao artesanato de Banabuiú por meio da criação de uma associação. Sobre isso, o município já chegou a criar uma associação dos artesãos de Banabuiú, no entanto, por problemas administrativos e financeiros, parou de funcionar.

A gente tinha a associação, só que houve um problema e parece que deixaram. Tinha que pagar né, parece que tem uma época que a gente tem que pagar alguma coisa, num sei se é o registro. E não deu pra pagar. A Lila ainda procurou o prefeito, mas não conseguimos pagar não. ⁹⁹

O encerramento da associação para os artesãos de Banabuiú, sem dúvidas, foi uma grande perda, tanto que eles relatam que estão trabalhando para reabri-la. “A gente tava trabalhando e a Lila tava tentando reorganizar e ser a mesma associação, o mesmo nome, que

⁹⁷*Idem.*

⁹⁸*Idem.*

⁹⁹Entrevista realizada com Maria Aparecida em Banabuiú-CE, no dia 20 de julho de 2018, às 9h15.

era AMARTE”, afirma dona Maria Aparecida. Observa-se desse modo que para os artesãos, a associação ajudaria significativamente no processo de organizações das produções artesanais, visto que muitos deles já deixam de expor seus artesanatos porque não tiveram apoio suficiente para a sua produção e exposição.

Eu já fui presidente da associação dos artesãos há alguns anos atrás, há muitos anos atrás, certo? E eu te posso confirmar com certeza que no Banabuiú nós temos mais de 60 artesãos. Alguns com produtos repetidos, mas nós temos mais de 60 artesões. Pronto vamos supor que nós temos na faixa de uns 50 artesões diferenciados uns dos outros, com artes diferentes e que infelizmente por falta as vezes até de incentivo, de ajuda...eles não vão adiante, não tentam investir em Banartes.¹⁰⁰

Desse modo, pelos relatos acima, verifica-se a importância atribuída à realização da associação para o desenvolvimento do artesanato de Banabuiú, fomentando orientações em relação à administração dos produtos artesanais, auxílio em técnicas sobre o fazer manual, bem como promoção do crescimento das vendas. Nesse sentido, tal fato demonstra que a motivação socio-participativa dos artesãos na Banartes se confronta com as dificuldades decorrentes em cada edição da feira.

Mediante as entrevistas, é perceptível que para esses artesãos é especialmente significativo em todas as áreas do município o apoio, a divulgação, a valorização e as trocas comunicacionais para que a prática artesanal se torne efetiva e articulada com a cultura do município, possibilitando a participação de todos os artesões envolvidos com o fazer manual.

Ademais, pelas considerações acima apresentadas, pode-se observar que a feira, à medida em que começou a ter maior visibilidade, não estando mais apenas limitada ao município de Banabuiú, passou a inserir produtos de caráter industrial em seu seio que não faziam parte do projeto inicial da Banartes e que, conseqüentemente, afetou diretamente a prática artesanal do município.

4.2 Mudanças na participação dos violeiros na Banartes

O cantador de viola todo tempo faz estreia,
Tem que transformar ao máximo as carretas da ideia,
Para agradar sua massa e toda sua plateia.
Ele tira da ideia e assunto que dá surpresa,
Fala sobre o sertanejo as obras da natureza,
Decantam o que é de melhor para espantar a tristeza.
Cantador é na certeza quem marca todos perfis,
Leva a viola no braço e uma vida feliz,
Também é a maior marca de todo nosso país.

¹⁰⁰Entrevista realizada com Maria Zuleide, em Banabuiú-CE, no dia 10 de julho de 2018, às 14h30.

(Sextilhas. Irmãos Bessa, Limoeiro, 2014).

Na composição programática da Banartes, nota-se uma mescla de atrações de grande mídia, como as festas de forró eletrônico, com as manifestações culturais locais, sendo que a prioridade é para as primeiras. Em relação a isso, diversos participantes da feira, inclusive os artesãos citados anteriormente, reclamam e se posicionam contra esse destaque concedido dentro da festa.

Nesse cenário, conversando com dois repentistas e violeiros que fizeram parte do evento, e também com alguns outros participantes da Banartes, percebemos relatos tanto contra essa mudança de prioridade, como também pontos concordantes em relação a essas transformações.

No Nordeste, a presença da cantoria de viola ou repente é conhecida como uma das formas de expressão artística mais representativas da cultura nordestina. É comum ouvir a disputa poética cantada, o desafio entre dois cantadores que num curto espaço de tempo criam ritmos sobre diversos temas acompanhados pela sua viola ou sanfona. De acordo com Damasceno,

No Nordeste onde sua presença é mais forte, os registros a que se tem acesso se fazem a partir da segunda metade do século XIX. Caracterizou-se desde então como uma arte eminentemente rural, presente nos sítios e fazendas das grandes áreas de terra espaçadas, nas quais os andarilhos cantadores se deslocavam levando sua música, informações e conhecimento (DAMASCENO, 2020, p. 45).

Esta manifestação cultural também esteve diretamente ligada a história e firmamento da Banartes como uma festa cultural de Banabuiú. Diversos artistas, sejam eles, especializados em cantoria, repente, violeiros ou improvisadores, tiveram na Banartes um palco de demonstração da sua arte.

Conversamos com o poeta e repentista Marcos Rabelo que desde os seus 15 anos trabalha e leva a música de forma profissional sertão a fora. Marcos iniciou sua carreira ao lado do seu irmão Carlos, no entanto a dupla só permaneceram juntos durante dois anos, conta

Com o meu irmão eu cantei na faixa de um dois anos. Aí ele disse: eu não vou mais cantar. Nós cantava ali pela rampa, naqueles barzinhos da rampa, lá no pai do Dão, no Natanael. A primeira cantoria que nós fizemos foi no Tanquinho. Aí ele não quis mais, aí com pouco tempo ele adoeceu, passou só seis meses vivos e morreu.¹⁰¹

¹⁰¹Entrevista realizada com Marcos Rabelo, na localidade de Jurema Velha, em Banabuiú-CE, no dia 03 de março de 2020, às 16h40.

O início da sua carreira não foi fácil, pois vindo de uma família humilde passou por dificuldades financeiras. Contudo a paixão pela cantoria fez com que os obstáculos fossem superados. Marcos atua no Ceará saindo poucas vezes para outros Estados. Suas cantorias são feitas através do contrato ou na “bandeja”, ao modo tradicional, ambas as formas acordadas antecipadamente. Com mais de 30 anos de experiência no ramo musical rememora em entrevista como foi o seu encontro com a profissão que até hoje realiza,

Eu morei aqui (*Na localidade de Jurema velha – Banabuiú*) muitos anos né, eu trabalhava na roça eu e meu irmão Leocardio Rabelo. E a gente trabalhando já fazia repente, eu **descobri a poesia**, a cantoria, a nossa cultura assim, **e a gente descobriu que era poeta, repentista**. Aí comecei com 15 anos e o Carlos com 16, a diferença de 1 ano. E um dia a gente tava trabalhando aqui próximo e passou um dupla de cantadores, aí foi lá no meu pai, o meu pai é o seu Manoel Leocardio Rabelo, ele disse: “Sr Manoel os seus filhos tem futuro, são poetas. Porque o senhor num deixa eles viverem da profissão?” Nós trabalhando aqui na roça, certo? E o pai mesmo não queria que a gente cantasse, né? Interessante. Aí era um cantador por nome de José Sival, foi quem me colocou na profissão. E aí eu segui a profissão de cantador. Mas antes eu era agricultor, trabalhava na roça. Aí a gente descobriu que era poeta dessa maneira... Apanhando algodão com meus avós aqui, com meu avô, o meu pai limpando mato e fazendo repente.¹⁰²

Em relação a formação como cantador ou repentista, é comum que os poetas cantadores atribuem ao “dom divino” a arte de fazer versos, isto é, a habilidade que o ser humano tem e que desenvolve e aprimora com o passar do tempo. Sobre a existência de um “dom natural” para a cantoria, Marcos Rabelo ainda acrescenta, “Deus me deu esse dom né?...que eu já nasci com ele e até hoje vivo disso”.

Com base nessa questão do dom comentado pelo entrevistado, o estudioso Silva concorda ao comentar que “no imaginário dos próprios repentistas e do povo, em geral a construção do sujeito-cantador se dá através da ideia já bastante cristalizada de dom naturalizado, de que o indivíduo já nasce com esse dom, que é algo intrínseco da própria natureza humana”. (SILVA, p.39)

Ainda sobre isso, Marcos acrescenta que o dom de cantador também foi concedido a três filhos dos seus quatro filhos. Fala,

Deus me deu três filhos que cantam. Aí nasce o Márcio que o Márcio é poeta assim como eu. E o Márcio ele faz três tipos de música: cantoria, forró e a música sertaneja. E os outros também. O Marnilton e o Mairlon. Quer dizer, três meninos que assim como eu tem o dom de cantar.¹⁰³

¹⁰²Idem.

¹⁰³Idem.

Não há como negar o quanto a narrativa contribui significativamente para se compreender a relevância que se atribui ao “dom” concedido aos cantadores. Neste caso específico, Marcos Rabelo acredita que os filhos tenham herdado dele o talento musical, mas que Deus foi o responsável por esse dom natural, os filhos só tiveram que aprimorar.

Aceitando, portanto, ao “dom” a ele concedido, Marcos passou a ter a cantoria como sua única profissão, buscando aprimorar sua habilidade ao longos dos anos de carreira. Foi desse modo, que surgiu a oportunidade de se apresentar na Banartes. Sobre sua participação na feira, o entrevistado ressalta que através da própria secretaria de Cultura do município de Banabuiú passou a ter conhecimento da realização da Banartes anualmente, no mês de junho. Sua ligação com a feira se fez desde a primeira edição do evento. Conta,

O primeiro ano que eu participei no tempo do hotel, que hoje é o hotel do DNOSC. Mas a diferença hoje é muito grande, virou cidade. Mas antes disso em 1988 eu comecei o primeiro festival de viola no hotel do DNOCS, eu já fui participar do festival de violeiros. Eu tinha 18 anos né? E em 1989 foi o primeiro ano de Banartes, da música. Começou tudo já da arte, o bumba meu boi, essas coisas boas de artes, de profissão de cultura começou nessa data em Banabuiú.¹⁰⁴

Figura 31 – Cantador Marcos Rabelo se preparando para uma apresentação



Fonte: Imagem concedida pelo entrevistado.

¹⁰⁴*Idem.*

Desde então, a Banartes passou a ser um dos principais palcos do cantador, tendo participado de todas as edições do evento, desfrutando da oportunidade de participar não apenas de uma modalidade da feira, mas de duas ou mais. Marcos recorda,

Participei do festival da canção, primeiro o festival dos violeiros, né? Que é o improviso, a canção, o repente, os desafios. E o segundo é o festival da canção. O festival da canção é assim: você faz uma letra sua e o povo chama você para cantar e você mostra seu trabalho, como foi na Banartes. Aí o festival também da música, da música normal, eu participei também cantando música. Três modalidades. A viola, a música e a canção. [...] Eu acho que só teve três anos que não teve Banartes, aí eu não participei porque não tinha. Mas todas eu participei.

Em relação ao festival dos violeiros, Marcos recorda como essa modalidade funcionava, ressaltando que cada cantador tinha cerca de 20 minutos para sua apresentação.

Primeiro é o festival dos violeiros. A cantoria ela tem 400 modalidades pra você cantar. Tinha a sextilha, que é aquela de improviso que você faz. A sextilha pronto: o assunto é a biografia do Banabuiú, pronto o assunto é o sertanejo, o vaqueiro. E o cantador de viola vai cantar aquilo ali. Que é uma sextilha de 5 minutos. Aí a gente produz na hora, é de improviso. Aí vem o mote em 7. Outra modalidade. Aí vem o mote decassílabo, que é outra modalidade, que é em 10, tá entendendo? E esse mote em 10 é o mais difícil na cantoria. E no final uma modalidade diferente, um galope a beira mar, um coqueiro da Bahia. Tudo que existe na cantoria. São 4 estilos em vinte minutos para cada dupla de cantador. Entre os cantadores durava uma hora, uma hora e meia. Porque cinco duplas a 20 minutos dá mais de uma hora. Pronto, é uma hora e meia.¹⁰⁵

A arte do improviso também se constituiu como uma das principais modalidades da feira, onde um sujeito possuidor de uma mente prodigiosa, portador de uma capacidade fenomenal cantam de improviso sobre diversos temas que lhes são solicitados. Em relação a isso, Marcos comenta como acontecia a referida modalidade dentro da feira,

E aí você vai cantar de improviso, tem o papel desses aqui e dentro daquele envelope tem a modalidade que você vai cantar. E como é que você vai saber o que que tem ali dentro? É tudo de improviso. Um dia eu tava cantando lá e disseram um mote que era tipo assim: **o prefeito é o guia da cidade e o Poeta O repórter do Sertão**. E isso a gente se desmanchou cantando e o prefeito faz isso e o Poeta faz isso. O poeta canta de improviso o prefeito comanda a cidade. O prefeito faz um calçamento, o cantador faz um repente. E era assim. De improviso.¹⁰⁶

No improviso, os cantadores “cantam, atingem o ápice com pedidos e estilos e se encaminham para o desfecho da mesma forma, fazendo de forma falada e cantada”.

¹⁰⁵Idem.

¹⁰⁶Idem.

(DAMASCENO, 2020, p. 55). A rapidez com que elaboram os versos de improviso é uma performance poético –musical que caracteriza a cantoria nordestina.

Além desta modalidade, Marcos também participou de outros, como o festival da canção.

Aí tinha modalidade de canção. Você apresentava um trabalho seu, uma vaquejada, uma canção. Mas podia ser de qualquer cantador. Mas julgado no Festival da canção tinha que ser da sua autoria, era uma letra minha, uma letra de outro de Cantador. Cada um cantando uma coisa sua.¹⁰⁷

Em relação ao festival da canção, Marcos recorda com muito entusiasmo uma de suas composições apresentadas na feira, a música “Não há mãe igual a minha”, em homenagem a sua mãe.

Essa canção de minha autoria sobre mãe representa: É porque eu fiz muitas canções de amor de vaqueiro, aí um dia minha mãe me cobrou: “Marcos por que você não faz uma canção de mãe. Você nunca fez uma canção pra mim, de mãe”. Aí eu fiz essa canção pra ela em uns 10 minutos e canto até hoje e muita gente gosta.

Assim, quando tinha oportunidade o cantador expressava o amor a sua mãe, ao mesmo tempo que homenageava outras mães que participavam da feira. A própria letra da canção expressa esse sentimento de amor e orgulho:

NÃO HÁ MÃE IGUAL A MINHA

Mamãe você me gerou,
Me teve, me amamentou
Com todo amor me criou
Como faz uma mãe boa

Venho agradecer você
Que me faz feliz porque
Se eu acertar você ver
Se eu errar você perdoa

Obrigado pela vida
O carinho e a comida
A primeira roupa comprida
Foi você mamãe quem fez

Da minha primeira idade
Eu sinto tanta saudade
Que as vezes sinto vontade
De ser criança outra vez

¹⁰⁷Idem.

Mãe de sinceros abraços
 Que segue todos os meus passos
 Que chora nos meus fracassos
 E rir na minha vitória

Seu sofrer é tão profundo
 Eu não esqueço um segundo
 E não há poeta no mundo
 Pra descrever sua história

Oh mamãe muito obrigado
 Por tudo teres me dado
 Eu que sou teu filho amado
 Tu és a minha rainha

Não conheço mãe ruim,
 Amor de mãe é sem fim
 E um bom filho diz assim
 Não há mãe igual a minha.

A música expressa o orgulho e o agradecimento de um filho para com a sua mãe, ao mesmo tempo que fala também de uma coletividade. Trata-se de uma construção cuja a vida do cantador é abordada, uma maneira de identificar e exaltar o cotidiano nordestino através dos seus elementos e sentimentos.

Aliais, no espaço da feira, essa atividade artística, que se difundiu no Nordeste brasileiro, teve uma força de representação identitária muito grande frente à cultura popular dessa região, procurando retratar o contexto sertanejo em suas diversas facetas. Marcos comenta que na Banartes, “A gente falava muito do Sertão, do município, do Ceará e principalmente do Banabuiú, você tem muito que elogiar nossa terra, o Nordeste inteiro. Do Açude Banabuiú que além de ser uma relíquia é também uma cultura”.

Ainda sobre as temáticas cantadas na feira durante os festivais, Marcos Rabelo é enfático ao dizer que teve algumas mudanças, que antes era mais restrito aos pedidos da coordenação do evento.

De primeiro dava o papel de tudo para gente fazer de improviso. A gente chegava na hora lá na secretaria, aí as meninas davam uma folha, e todos os cantadores recebiam uma folha do que é o Banabuiú. Não entendia a lógica de todo mundo cantar o Banabuiú. Aí hoje mudou tudo. Se deixar nós a vontade fica mais bonito. Você cria uma coisa pra apresentar. Mas tudo de improviso. Cada um criasse um assunto ficava mais legal, né? Mas de primeiro não: rapaz canta aqui, diz que o Banabuiú é assim. Todo cantador cantava só isso. Aí a gente mudou. Deixa o cantador a vontade. Os nossos estilos, de improviso né. Mas cada um canta um estilo.¹⁰⁸

¹⁰⁸*Idem.*

Mesmo com essa mudança, a maior parte dos temas escolhidos pelos cantadores diz respeito ao Nordeste e ao seu cotidiano, mesmo porque o cantador também se identifica com o seu meio já que é parte constituinte do povo, por isso sabe tão bem retratar a sua história. Aliás essa é uma das estratégias criativas dos repentistas para atrair e cativar o seu público, além de contribuírem para realçar a beleza do Nordeste e enriquecer a sua cultura. E como afirma Nestor Garcia Canclini: “*O povo produz no trabalho e na vida formas específicas de representação, reprodução e reelaboração simbólica das suas relações sociais*”, o que faz lembrar a questão da representação cultural nordestina, onde os artistas produzem suas obras, inter-relacionadas, com o modo de ver o mundo e a vida.

A Cantoria retrata, portanto essa região a partir de referências locais, seja sobre o sertanejo, a seca, a luta diária ou na fé externada na simplicidade, é o registro sobre a região Nordeste e sobre a sua vida os temas abordados pelos repentistas nos momentos de Cantoria. Afinal, é do contexto em que vive e da sua experiência de vida que o cantador retira os conhecimentos necessários para a execução do seu trabalho artístico, ou seja, para a performance da sua apresentação. Assim,

São imagens de um contexto que dão a dimensão exata da cultura, ou seja, dos hábitos e costumes peculiares dessa região, bem como, dos seus valores, isto é, a forma de pensar desse povo. [...] Há uma diversidade muito grande de assunto, porém, todas elas retratam uma realidade comum. Por isso, ao tempo em que elas são individuais, elas também retratam o modo de viver de uma comunidade. (SILVA, p. 91)

É por intermédio dessas narrativas cantadas que se pode contribuir para divulgação e preservação da Cantoria, como também expressar as características da cultura popular Nordestina.

Há, no entanto, uma crítica muito forte por parte do cantador em relação as mudanças ocorridas dentro da feira. Uma das principais queixas de Marcos Rabelo é sobre o espaço concedido para a sua apresentação dos cantadores. Segundo ele,

O cordelista afastou-se, o sanfoneiro afastou-se, morreu a cultura do cantador de viola. Mudou tudo. E isso vem de muitos anos. O povo do sertão, chega uns velhinhos do sertão naqueles carros de horário. E eles perguntam, cadê o festival de violeiros? Não, o festival de violeiros já acabou, e eles: acabou como? nós vínhamos lá do Rinaré, do Governo pra assistir. Isso é uma coisa nato rapaz. Eles vem do sertão, aqueles senhores, valorizando a gente, né?¹⁰⁹

¹⁰⁹Idem.

Para ele o público que é um elemento constituinte da cantoria e faz parte de uma coletividade que aprecia o versos dos poetas, acabam não tendo a oportunidade de assistir à apresentação em um melhor horário. Esse afastamento citado pelo entrevistado é decorrência da mudança de prioridade da feira. Foi-se priorizando as demais atrações da Banartes, em especial as festas de forró eletrônico, e como consequência o espaço destinado a esses poetas populares se restringiu bastante. Inquieto, Marcos Rabelo chega a comentar:

Não deixavam mais tempo para o cantador de viola. Foi diminuindo de uma hora e meia para 40 minutos, aí caiu em 3 minutos. Não interessa a banda que você for trazer, mas é apoiar a cultura da cidade, a cultura da terra. Qualquer gestor que entrar no Banabuiú faça e festa, mas não se esqueça dos seus artistas da terra, do seu povo da terra. Não interessa que você deu um milhão para as bandas de forró não, mas tem que dar o cachê dos artistas da terra. Aquilo ali é um apoio para nós.¹¹⁰

Desse modo, certas inovações da atualidade são vistas por alguns cantadores como uma ameaça à cantoria de viola e demais expressões consideradas por eles como típicas do Nordeste. Na medida em que se inseriu as festas de forró eletrônico, a prática da cantoria foi colocada em segundo plano. De acordo com o entrevistado, o tempo de cantoria e o número de cantadores que participavam da feira foi se reduzindo cada vez mais, além disso, o valor da premiação também se reduziu.

Antes podia participar cantadores de todos os municípios. Participou até 15 cantadores. Aí foi se desgostando, foi caindo a cultura, foi morrendo. O pessoal não olhava mais pra ninguém. Vinha cantador de Iguatu, Jaguaratama, Limoeiro, e quando chegava não tinha prêmio, não tinha dinheiro. Como eu tô te dizendo, não tinha dinheiro, só até o terceiro.¹¹¹

Com o passar do tempo, segundo nosso entrevistado, essas questões foram se agravando, fazendo como que diversas pessoas, inclusive ele, não se sentissem a vontade para participar dos festivais. Em relação a isso, Marcos Rabelo relata um episódio que lhe deixará muito triste e angustiado.

[...] Era para nós cantar meia hora, mandaram a gente cantar 10 minutos e quando nós estávamos em cima do palanque mandaram baixar para 3 minutos. O Marnilton cantou uma canção e eu cantei dois minutos e pouco aí passou para outro cantador. E não é para ser assim. Eu mesmo fico desgostoso, os cantadores também, não teve mais aquela animação de toda cidade vizinha ter um cantador, Solonópoles, Milhã, Quixadá de onde fosse aqui Central tinha uma dupla de cantador.

¹¹⁰*Idem.*

¹¹¹*Idem.*

O espaço da feira que contribuiu de forma tão significativa para a trajetória do cantador, passa por mudanças que são sentidas por ele de forma negativa. Trata-se de uma mudança nos sentidos de festejar, no qual se priorizou a composição estética, as feições e características de uma festa espetacular.

Atualmente eu ainda vejo muita coisa boa na feira. Você vai vender seus cordéis, se bem que cordelistas tem poucos né? Mas você leva tudo pra vender, artesanato que você faz né? É muito lindo aquilo ali, um negócio muito bem feito. Mas eu ainda acho pouco pra nossa cultura. Eu acho muito dinheiro você dá **100 mil numa banda de forró**. Onde você merece ser patrocinado dentro da nossa cultura da terra. Eu dou parabéns, porque é uma festa muito bonita, com uma multidão de gente, que na época não tinha tanta gente, tanta multidão, mas era muita gente também... porque numa praça daquela 5 mil pessoas... Mas ainda falta uma organização muito grande ainda. **Pra mim as mudanças quase todas foram negativas**. Cresceu muita coisa também, mas na nossa cultura não tem mais. O apoio aos artistas não tem. Esqueceram da gente, não é uma crítica, mas você ver que não tem.¹¹²

Essa mesma crítica também foi recordada por um dos filhos de Marcos Rabelo que também é cantador e repentista e desde cedo participou das apresentações da Banartes. Márcio Rabelo seguiu os passos do pai na profissão que escolheu para sua vida e mesmo sendo tão jovem, com apenas 28 anos, tem mais de 10 anos de carreira profissional.

Descobri meu dom na música através do meu pai né. Comecei eu ia fazer 16 anos, eu comecei a cantar mesmo. Através dele eu fui aprendendo, fui pegando, aprendendo alguma coisa. E sempre cantei com ele, mas agora eu tô cantando mas só, mais o meu estilo. Mas foi a partir do meio pai que eu comecei a cantar.¹¹³

Novamente a questão do “dom” aparece como caráter decisivo para a profissão de repentista. Márcio Rabelo, como seu pai, passou a usar esse “dom” a ele concedido na profissão que escolhera e acredita ter sido privilegiado com essa habilidade. No entanto, sua história dentro da cantoria de repente é marcada por grandes dificuldades e também desmotivação, fato que ele fez questão de nos recordar.

Quando perguntado sobre a sua participação na Banartes, o entrevistado fez severas críticas principalmente ao pouco espaço concedido a eles, os cantadores de repente. Conta,

Era um pouco chato assim, porque violeiro não tinham tanta chance, tanto espaço. Eram 5 minutos e era vamos, vamos, desce, desce que a banda tá chegando. Era antes da Banda, mas era melhor que nem se apresentasse. O certo era pra ser 5 duplas, mas aí só colocavam duas. [...] Eles só tem tempo pra banda de forró. As bandas de forró tem valor. Agora pra gente que é violeiro, que é artesão, pessoal da quadrilha é na

¹¹²*Idem.*

¹¹³Entrevista realizada com Marcio Rabelo, na localidade de Jurema Nova, em Banabuiú-CE, no dia 21 de março 2021, às 9h30.

correria, é mais difícil. A gente não tem o tempo suficiente. Porque o repentista precisa de tempo pra trabalhar a mente dele. Não é fácil cantar repente, ser repentista é difícil.¹¹⁴

Segundo Márcio Rabelo, a feira passou a privilegiar as grandes bandas de forró e esqueceu um pouco das demais manifestações que compõem o evento, como a cantoria de viola e o repente. Seu relato retrata uma realidade vivida não só por ele, mas também por outros cantadores que também sofreram esse processo de transformação da feira.

Ele deixa claro, no entanto, que não é contra ter as apresentações das grandes bandas, mas que deve haver uma melhor distribuição do tempo.

Não tô dizendo que não é pra ter as atrações principais, tem que ter, é lógico, pra trazer o público pra renda poder correr dentro na cidade. Mas eu acho que poderia ter um tempo maior para as outras modalidades. Ter um aproveitamento melhor, o tempo não é suficiente, são apenas 5 minutos. O que que eu posso fazer em 5 minutos? Não dá tempo nem a gente afinar as violas. Tem que subir no palco com as violas desafinadas e tocar. Só é isso. A questão da Banartes ela não é desorganizada não, mas só tem que ver a questão do tempo. Para que o violeiro seja mais valorizado.¹¹⁵

Nesta fala percebemos no entrevistado tanto um discurso de revolta, como também um apelo aos dirigentes locais que organizam a feira. Pode-se constatar a partir da sua fala que a feira sofreu um processo de readequação que acabou não favorecendo as pequenas manifestações existentes no evento. Além disso, a participação do público é cenário de outra narrativa do entrevistado, ao qual se entristece ao comentar que nas suas apresentações e dos demais colegas a participação é bem reduzida.

Nas minhas modalidades não tem, na verdade não tem ninguém. Os repentistas começam a se apresentar 18 horas da noite, tem lá um pessoalzinho que vai chegando, vai sentando, **mas a gente nunca cantou na hora que tem o verdadeiro público**, por exemplo pra 4 ou 5 mil pessoas. A gente nunca cantou nesse horário aí. A gente só se apresenta no palco principal como violeiro às 18 horas da noite e tem que tá lá em ponto porque as bandas não podem atrasar.¹¹⁶

A este fato o entrevistado atribui também ao horário de apresentações que é destinado aos violeiros, que segundo ele não os favorece, pois o público maior é concentrado no final da noite. Além disso, outro fator que chama atenção é que o palco destinado aos repentistas não é sempre o palco principal que é bem equipado, com jogos de luzes e estrutura metálica. A maior parte de suas apresentações ocorre em um palco secundário que fica em uma

¹¹⁴*Idem.*

¹¹⁵*Idem.*

¹¹⁶*Idem.*

rua de lado com o palco principal e que segundo ele não tem muita visibilidade. Sobre a questão do público Márcio ainda acrescenta,

A questão do público é que assim: 6 horas da noite não tem ninguém. Eu acredito que se o espaço fosse dado entre 9 às 10 horas da noite seria bem melhor. Porque pra quem não sabe repentista ele precisa de público, de gente pra se inspirar, porque a gente não chega lá com o trabalho feito não, num é uma música não. Quando é uma música você chega lá e diz “vou cantar a música tal” e pronto. Repentista é outra coisa, é outro sistema.¹¹⁷

Figura 32 – Repentista Márcio Rabelo se apresentando na Banartes



Fonte: Imagem concedida pelo entrevistado

Neste contexto, o público é peça fundamental para a apresentação do repentista, pois é neles e no espaço a eles concedido que o cantador pode expressar seu talento, representando-as por intermédio dos versos cantados ao som da viola. A maior queixa do entrevistado se deu exatamente pela falta desse público e de um espaço onde fosse maior divulgado as suas apresentações, que conseqüentemente, segundo ele, iria atraí um público maior para participar do evento. Sobre isso, ainda é recorrente na fala do nosso colaborador comentários sobre as demais manifestações da feira que a seu ver também são prejudicadas, como os artesãos.

Durante o dia quando você visita é muito fraco. O artesanato fica assim numa rua de lado com o palco, tipo escondido. E eu acho que deveria ser uma coisa mais bem organizada o local deles ficarem vendendo. Porque na hora da festa fica aquela multidão lá no corredor, na avenida central e os artesãos fica lá de lado. Eu acredito

¹¹⁷Idem.

que poderia ser mais organizado lá pra eles ficarem perto desse público grande e não de lado.¹¹⁸

Todas as questões elencadas anteriormente recaí sobre uma outra problemática em relação a participação dos violeiros na Banartes, que é o processo de divulgação dessa manifestação cultural durante o evento. Nosso colaborador é enfático ao recordar que a feira carece de uma maior divulgação da programação extra- forro eletrônico que acontece no evento. Segundo ele, enquanto as festas são bem divulgadas por parte da organização do evento, as demais apresentações quase não aparece nos cartazes ou folders do evento.

Não sou contra ter as bandas de forró, tem que ter, mas coloque só uma por noite. Por exemplo, o Junior Viana vem tocar hoje, vai começar 12:00 horas e aí as outras 4 horas, de 18 horas às 12 horas ficava só as apresentações dos repentistas e as outras. Aí vamos divulgar, pessoal vai ter os repentistas hoje, fazer a divulgação como fazem para uma banda. Porque pra divulgar as bandas é feito todo um trabalho, já os violeiros é um nome bem miudinho lá embaixo das atrações. Violeiros no dia tal. E na minha opinião era pra ser do mesmo jeito, colocar a foto da gente nos cartazes da divulgação ou então o nome, “vai ter os violeiros tal e tal” “vamos lá, vamos assistir. Pessoal vamos lá, vamos prestigiar”, mas não tem isso aí não.¹¹⁹

O fato é que dentro da feira algumas modalidades se destacam mais que outras e por mais que os cantadores de viola nordestina contribuem para divulgação e preservação da Cantoria dentro da feira, o que não é fácil, essa manifestação artística tende a diminuir ou desaparecer dentro do evento.

Nota-se, portanto, que houve progressivamente uma reinvenção dos sentidos do festejar junino. Em relação as transformações incorporadas dentro da Banartes, o estudioso Castro é enfático ao destacar que esse fenômeno está presente em diversas festas, em especial as juninas.

No início do século XX eram comuns as festas juninas em algumas casas serem animadas por violeiros e sanfoneiros; aos poucos, os grupos de forrozeiros que faziam as festas familiares foram substituídos pelas vitrolas e posteriormente pelos músicos que cantam para a coletividade em espaços públicos e privados. (CASTRO, 2012, p. 59)

O que se percebe, tanto em eventos como a Banartes, quanto em grandes festivais no espaço urbano, é uma mudança na forma de festejar, uma substituição ou mescla desses elementos com outros mais dinâmicos e pautados no espetáculo. A festa da Banartes, deixou de ser um conjunto de pequenas festividades com o predomínio de manifestações juninas, para se

¹¹⁸*Idem.*

¹¹⁹*Idem.*

transformar em um evento fixo e planejado de forma a atender o público festivo. Para Castro (2012),

O arrasta-pé simples mesclou-se com elementos da lambada e se transformou em uma dança mais sensual e provocante, o que serviu como chamariz para os segmentos de pessoas mais jovens que eram mais reticentes em relação ao forró. Esse novo estilo predomina nas festas juninas em arenas privadas nas quais o forró tradicional tem um papel de coadjuvante e cada vez mais apresenta um papel de protagonista nas megafestas de polos festivos baianos (CASTRO, 2012, p. 114).

Desse modo, parte-se da concepção de invenção festiva de determinadas práticas culturais que se modificam na contemporaneidade, quando os meios de comunicação e informação mesclam e hibridizam as manifestações culturais. Esse processo ocorre também nas próprias formas de se comunicar de alguns cantadores do Nordeste.

É comum que os repentistas também procurem criar condições para que possam sobreviver através da sua profissão. Para isso eles cuidaram de tentar aperfeiçoar a maneira de divulgar seu trabalho. O seu público já não é mais o mesmo, se tornou mais exigente, principalmente com a urbanização da Cantoria, por isso o cantador teve que se aperfeiçoar para garantir a presença desse público. Um exemplo dessa mudança de divulgação está presente no cantador Marcos Rabelo que a através das redes sociais procura divulgar por meio de vídeos o seu trabalho com a cantoria de viola.

Figura 33 – Transmissão ao vivo do repentista Marcos Rabelo no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/rabelohenr.marcosrabelorepentista/videos/263025794628778>

Esse aspecto torna mais fácil que o cantador seja mais conhecido. Eles, procuram se adaptar às mudanças apresentadas no contexto social de modo geral, principalmente no que diz respeito às inovações tecnológicas. Sobre isso, Canclini (2008) destaca que as

transformações culturais sofreram influências das novas tecnologias – responsáveis em promover também criatividade e inovação –, e das mudanças no processo de produção, meios de comunicação, além da expansão do espaço urbano.

Além disso, a partir da metade do século XX, passou-se a enxergar as festas populares como um vetor turístico. E dentro desse contexto, os gestores públicos do município viram na Banartes uma importante oportunidade para se potencializar o turismo urbano de eventos. Evidentemente, que para muitos visitantes o que interessa é o entretenimento festivo da Banartes, entretanto, para outros, o conjunto de manifestações culturais também é importante, e são exatamente essa classe, formada pelos artistas populares (artesãos, quadrilheiros, violeiros), que está sendo prejudicada dentro da feira.

4.3 A festa da quadrilha junina: uma análise

A dança da quadrilha é característica da festa junina, sendo realizado festejos em todo Brasil em homenagem aos três santos católicos, Santo Antônio, São João e São Pedro. As quadrilhas juninas surgiam das comemorações festivas no meio rural, e é conhecida por agregar a dança, com encenações teatrais, como o “casamento na roça”. Sobre o surgimento dessa manifestação cultural no Brasil a autora Rita Amaral salienta,

Acredita-se que estas festas têm origens no século XII, na região da França, com a celebração dos solstícios de verão (dia mais longo do ano, 22 ou 23 de junho), vésperas do início das colheitas. No hemisfério sul, na mesma época, acontece o solstício de inverno (noite mais longa do ano). Como aconteceu com outras festas de origem pagã, estas também foram adquirindo um sentido religioso introduzido pelo cristianismo, e trazido pela igreja católica ao Novo Mundo. A comemoração das festas juninas é certamente herança portuguesa no Brasil, acrescida ainda dos costumes franceses que a elas se mesclaram na Europa (AMARAL, 1998, p. 127).

Sobre a origem da quadrilha junina na Banartes, iremos recorrer a um dos nossos entrevistados que nos relatou como o grupo de quadrilha que organizava participou do evento. Conversamos com o professor Robervam Viera, residente do município de Banabuiú e animador de uma das quadrilhas mais conhecidas da cidade, o “Arraiá da Matutada”. Rubervam é professor da escola EEF Cel Coronel Pergentino Ferreira, pertencente a rede municipal localizado na zona rural de Banabuiú no assentamento Boa água, distrito de Rinaré. Sempre esteve ligado as questões culturais do município de Banabuiú e o trabalho na escola Coronel Pergentino lhe proporcionou ainda mais uma aproximação. Conta,

[...] eu sempre gostei de coisas relacionadas a cultura e quando a Banartes surge ela ainda criança, tudo nela me atraía, em relação as manifestações culturais. E de imediato em relação as diversas manifestações da Banartes a questão da quadrilha me chamava muita atenção né. [...] Então assim, depois, à medida que foi passando o tempo eu tive vontade de não só assistir, mas de participar, dançar. Mas não dancei tanto em relação a quadrilha do Banabuiú. Tive algumas participações dançando lá pra 2002. [...] E assim foi exatamente em 2002 que eu fui para a Boa água, trabalhar lá e em relação de quadrilha mesmo, de participar, de coreografar uma quadrilha foi a partir do trabalho em boa água e a partir dali tivemos algumas oportunidades, fomos convidados a vim dançar, fazer a abertura dos festivais da Banartes.¹²⁰

Em relação a isso, é importante destacar que a localidade de Boa Água é extremamente conhecida por ser um local onde as práticas culturais sempre se fizeram presentes. A própria comunidade se reunia para realizar as quadrilhas, não com o intuito de competir, mas como uma forma de comemorar o período junino.

Lembrando que na Boa Água sempre foi uma comunidade muito forte em relação a cultura. Então lá já tinha essa questão das quadrilhas né, as pessoas da comunidade faziam, inicialmente organizado pela professora Cléia. Então assim quando eu passei a trabalhar lá e juntamos professora Cléia e a professora Francilene. A gente pensou: e se nós fizemos além da dança, a gente criasse outras manifestações culturais e aí foi super interessante porque surgiu ali na época além da dança, nós também criamos a questão da quadrilha, do teatro, aí veio o coral, ou seja acabamos ampliando uma vez que víamos a participação dos alunos sempre com o intuito de trazê-los para a escola. E nós tivemos bons frutos, tivemos êxito nessas atividades.¹²¹

Ainda sobre isso, Rubervam acrescenta,

Inicialmente a gente começa a trabalhar dança, porque tínhamos a questão do festal e a gente acabou percebendo nos alunos a vontade de participar de algumas manifestações culturais. E com o intuito de atrair o aluno para participar mais das aulas, porque na época tinha uma evasão terrível ali na escola e aí a gente achou interessante trabalhar, uma vez que tinha a questão da competição que era entre as escolhas públicas, então a gente começou a partir da dança e pensamos porque não montar uma quadrilha? E aí em 2003 nós continuamos com o trabalho em relação a dança, mas aí criamos também a questão da quadrilha.¹²²

Desse modo, o processo de construção da quadrilha junina “Arraiá da Matutada” esteve diretamente ligado a tentativa de resgatar o aluno de volta para a escola, tendo em vista a evasão do período. Com isso, a inclusão de algumas manifestações culturais foram bem aceitas pela comunidade escolar, possibilitando também uma maior participação do aluno nas aulas do ensino regular.

¹²⁰Entrevista realizada com Rubervam Viera em Banabuiú-CE, no dia 07 de abril de 2021, às 15h.

¹²¹*Idem.*

¹²²*Idem.*

[...] nós desde então, lá em 2003 fizemos lá na escola mesmo um festival, com roupas bem simples, mas foi aonde percebemos o gosto da comunidade. Não era só os alunos, depois que os alunos passaram a participar, vieram também os pais, tios, foi super interessante essa questão porque acabou que trazendo a família mesmo para participar.¹²³

Tendo se fixado como um grupo de quadrilheiros, o “Arraia da Matutada” passou a se apresentar na grande festa Banartes no ano de 2005, estabelecendo uma continuidade de participação até tempos mais recentes.

E foi com isso que em 2005 mais ou menos, que acho que foi a primeira vez que fomos convidados para vim para a Banartes, não só para participar como abertura, mas nós vinhamos para competir. Então foi uma felicidade imensa. Ou seja, uma grande festa como a Banartes, que vem diversas famílias conhecidas e tradicionais de municípios vizinhos e uma quadrilha de uma escola participar de um festival da Banartes, nós se sentimos muito felizes e importantes na época. E assim participamos e foi muito bom. Em relação a questão da quadrilha para a Banartes foi a partir da escola naquele ano e a cada ano a gente ia montando e tentando aperfeiçoar tanto a questão dos brincantes, como a questão de temáticas e sempre éramos convidados... lembrando que a gente só competiu naquele ano, em 2005, pois nos anos seguintes a gente vinha como participação, para se apresentar na Banartes.¹²⁴

Desde cedo a Banartes se tornou palco das quadrilhas juninas, local onde os brincantes tiveram a oportunidade de expor todo o trabalho realizado durante horas e horas de ensaio. Em relação ao tempo de apresentação da quadrilha, era destinado a eles em torno de 20 minutos para que pudessem contar a história que se dispunham a narrar, de acordo com as temáticas representativas que eram escolhidas pelo grupo de quadrilha. Em relação a isso, Rubervam recorda que,

Sempre tínhamos um tempo estipulado. Por exemplo, para participar de uma competição né? Nós tínhamos mais ou menos de 15 a 20 minutos. Eles tinham essa preocupação. E mesmo se não fosse a questão de competir, nós sempre tivemos essa preocupação do tempo da quadrilha para que as pessoas ficassem atentas a história que está sendo apresentada naquela dança, porque a gente sempre buscou isso. Não só dançar, mas a quadrilha conta a história de algo, de alguma coisa, por isso a gente tinha as temáticas. Eu lembro que a nossa primeira participação na Banartes que a gente participou competindo nós homenageamos o Patativa do Assaré. Então tinha toda uma história ali, sabe? Desde os objetos cênicos, mas estava ali algo presente nas roupas também, mas nessa homenagem a gente contava uma determinada história. E é claro que a quadrilha sempre tem os passos tradicionais que são exigidos numa competição, mas nós trazíamos sempre essa questão da homenagem e contava a história. A gente sempre trazia os passos tradicionais que aconteciam durante as apresentações, mas dentro dessa história para fazermos a questão da homenagem. As temáticas que a própria organização da quadrilha escolhia.¹²⁵

¹²³*Idem.*

¹²⁴*Idem.*

¹²⁵*Idem.*

Aqui é importante destacar o quanto o aspecto regional também esteve presente nas apresentações das quadrilhas juninas. A representação do povo, por meio de linguagens corporais ou cênicas que retratasse o Nordeste e suas características sempre foi uma das preocupações do grupo. Tal fato esteve presente em outras apresentações da quadrilha “Arraia da Matutada”, conta Rubervam

Nós trouxemos essa do Patativa do Assaré, trouxemos também homenagem ao vaqueiro e homenagem também ao boi, que era o reisado, que é uma questão muito forte ali na Boa água, por exemplo. E a gente trazia muito essa questão do reisado e ali dentro tinha o boi. Então nós trouxemos essa do Patativa, essa do vaqueiro e do reisado e nós trouxemos para a última algo relacionado a, eu não lembro bem o nome... mas o intuito era fazer as pessoas perceberem a questão do agradecimento pela fartura do inverno. O trabalho representado nessa questão da fartura do inverno.

Eu lembro que nessa questão do Patativa nós também trouxemos para oferecer ao público, comidas típicas, como a pamonha, o milho.. Então durante a apresentação, nas pausas, entrava umas pessoas e alguns brincantes também iam oferecer comidas ao público. A quadrilha **sempre se preocupou em fazer algo muito sertanejo**, representar sempre a questão do sertão. E se não fosse o sertão, algo que fosse muito relacionado a isso. Nós sempre pegamos questões que não estivessem distantes da nossa realidade. **Sempre fazer algo que fosse bem nosso.**

Na fala do nosso colaborador, percebemos o quanto essa representação do seu lugar de origem esteve presente na manifestação das quadrilhas. Tal fato se revela também na própria ornamentação do evento que não deixa de utilizar as famosas bandeirolas, com mistura de cores e formatos presente em todas as festas juninas.

Destaca-se ainda a paixão e admiração do nosso colaborador pelo evento da Banartes, por considerar um espaço de demonstração cultural, onde são apresentadas e tematizadas aspectos que representa o próprio município. Sobre isso, salienta

O que deixa pra gente depois de olhar todo esse trabalho é perceber que as pessoas gostam quando tem oportunidade e manter isso é de extrema importância. E aí veja o quanto é importante a questão da Banartes. Quanto tempo num tem a Banartes né? É o sonho de algumas pessoas e que acabou trazendo pessoas que já tinham essa vontade de demonstrar o que sabe fazer em relação a cultura seja em qualquer manifestação, e aí pode colocar em prática e aí se mantém algo que vira tradição. E junto a tudo isso, seja a dança, seja o violeiro, seja a quadrilha, seja os artesãos, como é importante essa manifestação que é a Banartes. Eu vejo Banabuiú como uma grande celeiro para a cultura, o que tem de riquezas aqui e quanto mais o tempo vai passando mais a gente vai conhecendo manifestações culturais do nosso lugar.

Há de considerar, no entanto, que mesmo acreditando que a festa da Banartes seja um evento cultural extremamente importante, nosso entrevistado não deixa de salientar que é

preciso muito mais do que trazer as manifestações ou decorar a festa com aspectos nordestinos. É preciso antes de mais nada, investir e tentar manter a Banartes como ela era em sua origem.

E assim eu vejo que no passar do tempo a gente percebe que infelizmente, muitos de nós preferimos valorizar e continuar valorizando a questão da cultura, e outros já não se interessam pela história do nosso município, infelizmente né? Não tem como negar, que muitas pessoas não se interessam tanto pela questão de manter a questão cultural, das manifestações culturais do lugar. Mas uma coisa que eu acho muito interessante são as pessoas que insistem em fazer, em resgatar e proporcionar aquela manifestação ou outro não morrer. De tentar resgatar aquele que sabe fazer, aquele que pode colaborar... então assim isso é que é importante. Porque talvez essa atitude, no caso me refiro ao poder público, de manter vivo isso, de fazer valer, de fazer a festa acontecer. Então já é um grande passo não deixar de fazer para que ela permaneça e para que as pessoas continuem vendo a história dessa manifestação cultural dentro dessa grande festa. Então é muito importante essa questão do poder público estar sempre empenhado, dentre essas coisas, nessa questão da cultura.¹²⁶

Na fala do entrevistado, percebemos uma dualidade de opinião extremamente relevante para a nossa análise. Ele considera que o fato da festa continuar existindo enquanto evento do município de Banabuiú é de extrema importância, no entanto, ainda é preciso que o poder público tenha um olhar mais atencioso para as demais manifestações que compõem a Banartes, para além das festas de forró eletrônico. Portanto, para os representantes de diversas manifestações do evento, não basta que a feira apenas exista ou resista com o passar do tempo, é necessário manter a questão das manifestações culturais, como as quadrilhas, violeiros, artesanos e outras.

Sobre isso, um dos pontos levantados pelo nosso entrevistado foi sobre o pouco interesse da os dirigentes locais em formar um grupo de quadrilha do município. Rubervam recorda que teve momentos dentro da feira que não houve apresentação de quadrilha de Banabuiú, mas somente de municípios vizinhos. Para ele, tal fato é uma perda muito grande para a festa, conta

Em relação a quadrilha em si... eu vejo que **para montar a quadrilha do município, houve algumas tentativas que não foram para frente...** E aí vem a essa questão do manter e do interesse de alguma pessoa em manter isso e de ver a importância de manter viva essa manifestação, de poder representar um lugar em relação a quadrilha no seu município, de um determinado festival, mantendo o festival dentro da Banartes. Porque teve momentos que não conseguimos. Algumas tentativas de montar quadrilhas que não foram pra frente. Teve anos que não teve uma apresentação. Teve anos que **não teve** a representação de quadrilhas em festival de uma **quadrilha do município**. [...] Eu tô falando na questão de uma quadrilha para representar o município. Teve apresentações de outros municípios, mas a quadrilha do Banabuiú não teve.¹²⁷

¹²⁶Idem.

¹²⁷Idem.

É recorrente na fala do entrevistado a palavra “manter” para se referir a importância da continuidade das quadrilhas na Banartes, tendo em vista que a considera como uma das manifestações que mais representa e atrai o público para o evento. É importante salientar também o fato de que o professor insiste que a festa, por ser um evento de grande representatividade cultural, merece maior cuidado com a preservação das manifestações autênticas. Relata,

E assim querendo ou não a gente vai mudando com o tempo, mas a cultura não pode ser esquecida. É a história de um lugar, faz parte da história de um lugar. Se não aquele que carrega a história de um lugar. As manifestações do povo são aquelas que carregam a história do lugar, é aquele que conta por mais simples que seja. E as pessoas vão envelhecendo e vão passando e outras pessoas precisam ter vontade de conhecer a história para manter. E quando não tem, quando não quer? Morre aquela cultura, ou ela fica ali esquecida. Então assim, as festas são muito boas naturalmente, **faz parte também**, faz parte também! Mas parece que há uma grande visão, importância em relação a isso de a festa, a dança, as bandas que vem e não ao povo que representa. Eu vejo muito a questão das barracas dos artesãos expondo seu material, produzindo... quanto tempo não passou para confeccionar. E o valor das pessoas querer ir, de querer prestigiar é pouco. Eu acho que quanto mais se fizer em relação a cultura, falo em questão do poder público para manter, estimular para que isso não morra é importantíssimo.¹²⁸

Na fala do entrevistado percebemos uma grande preocupação em realizar essa festa tendo como pressuposto os elementos da invenção da tradição e que apesar desses elementos terem se mantido ao longo dos anos, estavam relacionados a um caráter espetacular, aonde a festa tem maior destaque.

Nosso colaborador chega a eleger como sua maior crítica, o fato de não haver mais envolvimento e a valorização nessas manifestações culturais, tanto por parte do povo em geral, como também pelo próprio poder público. Apesar disso, ele mostra-se apaixonado pela Banartes, chegando a revelar algum saudosismo dos tempos em que a festa era mais comunitária, principalmente por contar com maior participação da sociedade.

Olha, agora eu não vou negar que assim: as primeiras Banartes, eu acho que... eu sou uma pessoa que gosta muito daquela coisa bem **rustico**, aquilo que o **mais simples** é o que mais chama atenção do povo, da cultura do povo, daquele do **violeiro**, daquele sanfoneiro, né? daquela pessoa que trouxe só o seu **pandeiro**, seu zabumbe, sua **sanfona** e ali vai tocar...eu acho que...eu lembro que as primeiras festas eram assim, ali onde hoje é o centro administrativo, né? as primeiras Banartes ali eu achava **espetacular**. Até mesmo da ornamentação que era desde os **galhos secos**, desde então, pronto, desde então ali eu toda vida que eu fazia algo

¹²⁸Idem.

relacionado a isso, eu penso naquilo que é mais palpável ao meu lugar, a quem sou enquanto pessoa, de um povo sertanejo, de um povo que é tem uma história.¹²⁹

Para nosso colaborador a festa era mais autêntica em tempos passados, com destaque para a ornamentação simples, com características específicas do que considera ser um evento que representava seu lugar de origem: o violeiro, o pandeiro, a sanfona e os galhos secos que faziam parte da decoração. Rubervam ainda acrescenta,

Falta aquela questão muito raiz, às vezes a coisa fica tão **moderna** ao ponto de **abafar aquilo que é cultura**, não podemos naturalmente deixar de lado, mas quando a gente traz muita tecnologia pra dentro... a gente não pode substituir, a gente pode acrescentar, mas eu acho que **substituindo não seria interessante**. E uma das coisas que eu vejo as vezes é isso, as vezes a gente é muito apegado a festa, aquela **festa eletrônica** lá do que mesmo aquela manifestação do violeiro que canta, do sanfoneiro que anima a competição, de alguém que tá cantando, né? festival da canção e até mesmo da dança e das quadrilhas, né.. Então assim houve sim, **houve uma mudança** e infelizmente a gente percebe que a mudança é quase que **deixando algumas coisas de lado** e acabando com algumas coisas, né?¹³⁰

Observamos que a crítica é voltada para as configurações modernas que estão presentes no evento, já que elas prejudicariam o caráter original e tradicionalista das quadrilhas juninas e da Banartes como um todo. O fato da festa trazer expressões modernas, destacadamente as bandas de forró eletrônico, de modo a atender as aspirações do público mais jovem, acaba fazendo com que outros participantes do evento considerem que houve um processo de descaracterização da feira.

Além disso, verifica-se que ao transformar práticas culturais nordestinas, presentes desde o início da feira, e que podem parecer já nostálgicos para muitas pessoas, em um megaevento de alto valor econômico, a festa acaba utilizando das expressões antigas como base temática para a realização do evento, como forma de justificar a feira como um espaço que agrega diferentes manifestações culturais.

4.4 A dinâmica e especificidades da entrada das festas eletrônicas na Banartes

Ao discutirmos a dimensão econômica da Banartes partimos do entendimento de que houve um sensível crescimento das festas públicas brasileiras nos últimos anos. Muitos municípios têm as festas entre as principais atividades econômicas locais. Tais festividades passaram a ser elaboradas através de uma dimensão mais contemporânea, pois

¹²⁹Idem.

¹³⁰Idem.

De fato, a forma de organização, produção, assim como os atos de celebração, de consumo se modificaram. Muitas festividades são elaboradas aos moldes de bens de consumo de massa. Na verdade, o que tem se observado não é só uma nova festa, mas outra maneira de produção e circulação da cultura, política, economia e sociabilidade. Um modo de enfrentar o intercâmbio simbólico no mundo festivo que revela um campo complexo de interfaces e transversalidades culturais, com muita atividade lúdica, mas também com regras, divisão de trabalho, vencedores e vencidos, principalmente em relação aos ganhos políticos e financeiros. (NÓBREGA, 2010, p. 28)

Nessa medida, essa nova forma de circulação teve força na presença do que chamamos de forró eletrônico, no qual inseriu-se na Banartes tomando grandes proporções, ao animar a comunidade através de uma linguagem mais contemporânea nas apresentações, com sons, cores e elementos criativos e com um modelo mais efervescente e empolgante, pautado na estrutura de um megaevento.

No entanto, mesmo com crescente mudanças e tendo as festas tomado grandes proporções dentro da feira, os discursos daqueles que fizeram parte da Banartes continuam privilegiando afirmações que insistem no caráter cultural da festa ao ofertar diferentes produtos e manifestações tradicionais da cultura junino-nordestina. Sobre a Banartes o Sr. Antônio Alves dos Santos (Carlinhos) considera que,

[...] mas a Banartes ela se manteve, pelo ou menos até quando eu estive ela conseguiu se manter rigorosamente nas raízes, que era na parte cultural, festival de música, os calouros, o festival de violeiros, pelo ou menos até a última teve, inclusive foi uma das que mais me envolvi por uma questão que acho que é uma raiz muito nordestina, muito cearense, muito da nossa região, que é os violeiros.¹³¹

Deste modo, o formato heterogêneo da Banartes procura contemplar representações tradicionais da cultura nordestina, porém em representações urbanas da atualidade, procurando manter e enaltecer as expressões junino-nordestinas em linguagem simbólica contemporânea. Este ponto é considerado pelos entrevistados como uma das maiores mudanças da feira em termos de atração para o evento.

A Banartes ela sempre foi voltada para a arte e pra cultura do município. A única coisa que diferenciou para as primeiras Banartes para algumas posteriores era a questão de atrações... não atrações musicais, eu sempre dizia que era extra- Banartes. Era pra animar o público mais jovem e pra trazer também atrair, porque nós quanto mais trazia atração, bandas melhor e mais público você garantia.¹³²

¹³¹Entrevista com Antônio Alves realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 07h30.

¹³²*Idem.*

Por consequência, as bandas de forró eletrônico passaram a significar um elemento indispensável para garantir a atratividade da Banartes, principalmente em meio à juventude. A utilização desta manifestação na feira foi justificada pelo ex-secretário Antônio Alves como um “mal necessário”.

E a banda se tornou importante por conta disso, por uma questão atrativa, não pela questão do contexto da feira em si. Foi se tornando um mal necessário e ajuda muito. O único problema é financeiro, porque hoje é um custo muito alto trazer atrações. Então as bandas na Banartes eu acho que é um mal necessário. Mal pela questão financeira, pois Banabuiú é um município pequeno. Mas o gasto da Banartes ele sendo bem administrado sempre traz mais lucro pro município do que o que ele gastou.¹³³

No que tange a essa participação e animação da festa, destaca-se o fato de ela atrair diferentes públicos, na constituição dos múltiplos modos de festejar, nas mais diferentes extensões geográficas do município. A maior parte dos frequentadores da Banartes é composta por moradores locais, completada por visitantes de outros municípios e dos estados vizinhos.

De todo modo, observa-se que os organizadores do evento já há muito aprenderam que a mistura dos gêneros musicais com os rituais populares é eficaz para atrair o grande público, cuja presença é determinante para o sucesso festivo. Além disso, o poder público obtém seus objetivos com a fórmula de contratar grandes nomes da música, mas, principalmente, as bandas de forró eletrônico, em especial aquelas que gozam de prestígio no Nordeste e que estiveram presentes em quase todas as edições da feira – como Forró Doce Amor, Tabacana, Balancear, Aroldo e Forró Quentão, Forró Acunha, Forró Cangaço, Matrúz com Leite, Forró Bota pra Moer, Forró Pisada Forrozeira, Solteirões, entre outros.

A atração da festa também fez com que houvesse uma modificação nos dias da feira. Antes, a Banartes ocorria na sexta, sábado e domingo, no entanto, efetivamente a partir do ano de 2009 a feira começou a acontecer a partir da quinta feira e eliminando o domingo. Essa mudança é justificada por dois motivos: o primeiro é pelo fato de que as pessoas que vinham de outros municípios nunca conseguiam assistir o final da festa, e o segundo de acordo com Antônio Alves foi uma estratégia financeira. Conta que

E uma das coisas também eu vou confessar que fazia com que a gente começasse na quinta e na sexta. Eu nunca dizia isso pra ninguém só em off, mas era o seguinte: a gente conseguia as bandas boas com preço mais baixo. A atração principal nossa nunca era num sábado, mas você conseguia trazer uma atração boa a nível nacional pra quinta feira com um preço bem reduzido porque naquela época não existia grandes festas na quinta, só a Banartes mesmo. Então Matrúz com leite, na época, solteirões.

¹³³*Idem.*

Essas bandas que eram melhores no Ceará, solteirões, Mastruz com leite, tudo a gente conseguia trazer pra Banartes com um preço bom com a famosa quinta feira.¹³⁴

Além disso, num exame da programação das diferentes edições da festa, realizada no capítulo acima, percebemos no decorrer dos anos constantes inovação de suas atrações, procurando fazê-la mais grandiosa e atrativa a cada ano. Neste sentido, é interessante se observar que a cada ano e a cada nova gestão a Banartes procurou inovar nos seus modos de festejar.

Todas as bandas grandes do Ceará a gente conseguia trazer, pelo ou menos entre as 4 melhores a gente conseguia trazer um dia. A gente mesclava bandas locais, com bandas regionais. A gente nunca fez uma Banartes, como também o carnaval na minha época, para não colocar as bandas locais, elas estavam sempre no meio. Independente de questões políticas ou não, a gente sempre colocava as bandas locais. Mas eu me lembro bem de Mastruz com leite, solteirões, Aduilio Mendes, Taty Girl, Forró Real, a gente conseguia trazer.¹³⁵

Mas, para algumas pessoas que fizeram parte da feira, esse aspecto de sobrepor a festa eletrônica das demais manifestações da Banartes, é um fator negativo. A este fato, relaciona-se o relato do ex-secretário de Educação e Cultura do ano de 1989, Vilmar Nobre, no qual ele considera que a Banartes, com o passar dos anos, começou a perder o foco no objetivo inicial.

Infelizmente a Banartes, com o passar do tempo, ela foi sendo desvirtuada nos seus objetivos. O objetivo de geração de emprego e renda foi desviado do foco e foi colocado mais na atração turística, de festa... que vê a ascensão dessas festas em praça pública. E a Banartes foi mirando o foco mais nessas festas. Foi esquecendo realmente criação do polo artesanal que era o grande objetivo da Banartes.¹³⁶

À vista disso, aqueles elementos tradicionais nordestinos da Banartes, segundo ele, acabam se perdendo ao longo do tempo. A trajetória da feira, que exaltava aspectos musicais e artesanais característicos da região, aos poucos foi sendo modificada. O forró pé-de-serra, por exemplo, que surgiu como um dos principais atrativos do evento no reforço da ideia de preservação da cultura nordestina, especialmente no campo musical, acabou sendo reinventado pelo caráter comercial que foi inserido na feira. Algumas das próprias organizadoras do evento percebem esse fator como um elemento transformador, ao destacarem que mesmo o forró tradicional foi sendo modificado aos moldes comerciais.

¹³⁴*Idem.*

¹³⁵*Idem.*

¹³⁶Entrevista realizada com Vilmar Nobre em Banabuiú-CE, no dia 15 de outubro de 2020, às 11h20.

Eu fico triste assim: eu sou umas das colaboradora, e eu fico triste pelo viés que ela tomou e ao mesmo tempo eu tento fazer a compreensão de que os tempos evoluíram, os tempos mudaram, mas eu não aceito, Iana, te confesso aqui que eu não aceito. Eu não aceito o forró elétrico como número 1 na Banartes, eu não aceito! Eu acho que existe, tem que existir e resistir a questão da cultura local de suas raízes, elas não podem ficar esquecidas porque os nossos filhos estão aí, eles vão vivenciar só o forró elétrico? Por trás de toda a trajetória da Feira tem pessoas que participaram no início que elas precisam ser lembradas né? [...] Porque ela tem a identidade da região, ela traz em si essa coisa nordestina, não desistir “eu aguento, eu vou até lá”. A triste partida é uma história linda, uma poesia linda né? Banartes pra ser Banartes ela tem que ter Patativa, ela precisa ter Luiz Gonzaga, ela precisa ter Elba, ela precisa ter Zé Ramalho, Geraldo Azevedo, Xangai e tantos outros.¹³⁷

Desse modo, a animação expressa em atos de celebração e entretenimento se potencializam em grande medida nas festas, fato que é diretamente associado às transformações que ocorreram na Banartes por caracterizar a massificação das práticas culturais inseridas na produção da feira. Essa fruição material e simbólica referente à Banartes é extensamente citada pelos entrevistados na referida pesquisa e a qual deve ser aqui exposta.

Eu acho que a feira tomou uma proporção de festa, de forró mesmo. Hoje ela seria quase igual ao forró né? Ela tomou essa proporção de forró, de apresentação de grandes bandas no município, porque o artesanato ele ficou um pouco escondido com essas grandes apresentação de bandas, as pessoas deixam pra ir sempre no horário da festa, e quando tá no horário da festa é difícil ir visitar o artesão, é difícil ir comprar algo lá, porque esse é o intuito da festa que o nosso artesão venda o seu material e que divulgue a nossa cidade com o nosso artesanato. Mas eu acho que esse promoção de festas tá muito forte. [...] Porque do jeito que está eu acho que não está legal para eles. Então é importante conversar com eles, saber o que eles pensam, saber o que eles acham é o mais importante. O foco é neles.¹³⁸

Assim, a feira que em princípio tinha como objetivo a valorização e difusão da produção do artesanato local, tomou outras dimensões e ampliou seu foco para tornar-se uma ferramenta para a geração de negócios, atrelando-se ao comércio e ao turismo, deixando em segundo plano a participação dos artesãos locais, pois, “a festa em si tomou muito o brilho da feira em si. As pessoas só vão na hora da festa”¹³⁹.

A entrevistada Marília Sá também considera esse fator como negativo, deixando claro que não aceita tal mudança.

Há uma mudança que eu não, como coautora do evento, não sou de acordo, porque essa questão do show ter predominado o artesanato. Hoje se fala em Banartes muito mais querendo saber quais as bandas que vão se apresentar do que o artesanato que

¹³⁷Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 10h.

¹³⁸Entrevista com Andréia Maciel realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 16h.

¹³⁹*Idem*.

vem para a feira. É uma mudança que eu não vejo essa mudança como positiva. Eu sei que a globalização tá em todo lugar, mas essa questão do show em si eu não acho que acrescenta muita coisa para o município e para as pessoas que, que realmente gostam da feira, porque, veja só: se a essência da Banartes é essa questão do interior, se a essência da Banartes é o artesanato, né? É essa coisa do junino! Eu sei que as bandas grandes elas tem um destaque, tem um pessoal que gosta demais dessa questão, do forró elétrico hoje, que tomou o lugar do forró pé de serra, e aí eu fico um tanto quanto triste porque eu não acho que seja por aí, a gente pra, a gente conservar e tentar preservar.¹⁴⁰

Neste sentido, o forró eletrônico, é alvo de muitas críticas, particularmente para aqueles que estiveram envolvidos de forma direta na feira, chegando a assumir o posto de principal foco dos conflitos.

Ela teve um período agora há pouco tempo que estavam transformando a feira num Grande Forró e muita festa de bebedeira e estavam esquecendo do foco principal que é a nossa Cultura e a valorização do Artesão. Vendo as últimas Banartes, há uns três anos atrás eu vi muita coisa de Fora, muita coisa de plástico, muita coisa eletrônica aí vai mudando de feira artesanal para bugigangas né? que eu acho que não é o objetivo dela né? O objetivo da feira de artes é promover arte real, principalmente a artesanal.¹⁴¹

Mas o forró eletrônico, mesmo como principal ponto de discórdia sobre o formato cultural da Banartes, para o desespero de seus críticos, é expressão de maior atratividade para o público. O que acaba fazendo com que o evento seja organizado com a mistura de gêneros musicais de forma a atrair a massa festiva. Conforme comenta Amaral (1998, p. 40):

O critério da participação parece ser fundamental na definição das festas e, historicamente, negociações de vários tipos, entre diferentes classes sociais, estamentos, gêneros etc. têm sido realizadas a fim de obter maior adesão às festas. Uma festa com pouca participação ou poucas pessoas não é considerada uma boa festa (AMARAL, 1998, p. 48).

Mas, como foi ressaltado anteriormente, há um fator interessante nessa nova forma de organização da feira que privilegia as bandas de forró eletrônico. Mesmo com formatos contemporâneos que atraem o público festivo, são as expressões antigas utilizadas como base temática para justificar as interfaces contemporâneas da Banartes. A feira mesmo tendo se transformado em uma grande festa de forró eletrônico, ainda se justifica como um local de representatividade das manifestações típicas e genuínas do Nordeste.

[...] a Banartes ela engloba todas as atrações. Ela engloba quem gosta de folclore, ela engloba a questão pra quem gosta da coisa Nordestina em si que é o festival de

¹⁴⁰Entrevista com Marília Sá realizada em Banabuiú-CE, no dia 22 de setembro de 2020, às 10h.

¹⁴¹Entrevista realizada com Vilmar Nobre em Banabuiú-CE, no dia 15 de outubro de 2020, às 11h20.

violeiros, festival de sanfona, de poesia, quadrilhas, tinha pra quem gosta de festa, sempre tinha atrações boas. Então ela englobava todos os segmentos, para todos.¹⁴²

Um local eivado por novas formas de expressão, com uso de tecnologias e manifestações atualizadas, cujo “alcance e eficácia, são mais bem apreciados como parte da recomposição das culturas urbanas, ao lado das migrações e do turismo de massa que enfraquecem as fronteiras nacionais e redefinem os conceitos de nação, povo e identidade.” (CANCLINI, 2008, p. 29-30)

Nesse sentido, a Banartes, como manifestação cultural, articula processos de culturas híbridas que não se estabelecem com compartimentos estanques que separam as manifestações populares das massivas. Segundo Canclini, a hibridização se refere, a “processos socioculturais nos quais estruturas e práticas discretas, que existiam de forma separadas, se combinam para formar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008, p. 19).

Na Banartes, as manifestações rurais da feira são recuperadas ou “reinventadas” em representações cênicas e artísticas, num local urbano e atual, como forma de apresentar a feira como um local de representatividade da cultura junino Nordestina.

4.5 Novas configurações da Banartes: o caráter espetacularizante como parte da reinvenção festiva

Em que pesem as mudanças analisadas anteriormente, compreende-se que a maioria das festas juninas, e no caso específico da Banartes, ocorre a inserção de uma programação musical com o caráter espetacularizante que acaba gerando conflitos e oposição a esse processo de massificação dentro do evento. Enquanto as demais manifestações da feira coexistem com uma pequena participação do público na festa comunitária, a festa de forró eletrônico acaba se sobressaindo e tendo maior participação. Sobre esse processo de espetacularização Castro enfatiza,

A espetacularização das festas juninas no espaço urbano na contemporaneidade ampliou espacialmente essa importante manifestação cultural brasileira que foi reinventada mercadologicamente, o que contribui para tornar o São João uma festa complexa e onerosa para se organizar (CASTRO, 2012, p. 95).

Esse fator de espetacularização da festa em si, mostra como as formas de praticar essa festa e a cultura estão se alterando. Nesse sentido o que tem acontecido na Banartes é uma

¹⁴²Entrevista com Antônio Alves realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 07h30.

adequação ao que era praticado naquele primeiro momento da feira. Uma passagem simbólica extremamente importante de ser observada do ponto de vista de tornar a festa maciça ou de adequá-la as novas formas de produção, em especial a produção da cultural dos anos 1990 quando vamos ter esse “bum” do forró eletrônico e conseqüentemente a forma de consumir esse forró.

Desse modo, o forró, como modalidade musical, que foi difundido em nível nacional pelo cantor e compositor Luiz Gonzaga, nas festas da atualidade mudou não apenas as formas de festejar, como também foi tomado por uma avalanche de letras e sons conhecidos atualmente como forró eletrônico.

De acordo com Castro, esse processo de espetacularização iniciou-se na década de 1980,

Notadamente a partir da década de 1980, quando ocorre um incremento no turismo no território brasileiro, intensificou-se os processos de espetacularização das festas juninas no espaço urbano de algumas cidades do Nordeste brasileiro. (CASTRO, 2012, p. 24)

Consideradas o maior e mais importante evento festivo do interior do Nordeste, as festas juninas se tornaram efetivamente manifestações espetaculares. Um dos aspectos que evidencia o caráter espetacular das festas juninas da atualidade é a grande concentração de turistas na festa.

Figura 34 – Encerramento da Banartes com grande concentração de pessoas na festa espetacularizada



Fonte: Imagem retirada do site do governo municipal de Banabuiú.

Essa dimensão espetacular da festa se impõe também pelas suas estruturas como um grande palco montado com uma estrutura metálica e o jogo de luzes utilizados para as apresentações festivas.

A festa de forró eletrônico predomina nos espaços da feira, enquanto o forró tradicional aparece com o papel de coadjuvante ou cada vez mais vai sendo mesclado com elementos desse novo estilo musical. Inclusive, muitos jovens preferem visitar a feira apenas no momento da festa de forró eletrônico, aproveitando a noite os três dias de folia. De acordo com Castro,

Nas festas juninas da atualidade nota-se que mudaram não só as formas de festejar ligadas ao deslocamento no tempo/espaço festivo como também o repertório musical. Em muitas cidades, aquelas músicas nostálgicas que faziam referência aos problemas, situações e cotidianidade rural já são minoria diante da “avalanche” das letras e formas de dançar estilizadas conhecidas como forró eletrônico [...] (CASTRO, p. 114).

Essa forma de musicalidade da festa, constitui-se de um relevante atrativo. As principais atrações, são bandas famosas que se exibem no final da noite e início da madrugada, produzindo a concentração de foliões juninos.

Para as apresentações normalmente é montado um palco principal, no qual os artistas das principais atrações festivas se apresentam e um palco secundário, no qual se apresentam grupos do forró tradicional (violeiros, sanfoneiros ou artistas locais), no período anterior das grandes atrações do forró eletrônico, ou nos intervalos das demais manifestações da feira durante o dia.

Nesse cenário de espetacularização das festas juninas, o intenso fluxo de turistas de eventos se efetiva como um dos pontos primordiais para a realização da festa. Durante os dias da feira/festa, diversas pessoas se fixam na cidade durante dois, três ou até quatro dias hospedando-se na rede hoteleira da cidade ou até mesmo em casa de amigos. Além disso, para que houvesse um maior incremento dos turistas dentro da feira, mudou-se também a sua dinâmica de realização. A Banartes que a princípio ocorria no mês de junho exatamente pelos motivos apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, passou a acontecer no mês de julho, com a intenção de agregar mais pessoas para a festa, principalmente por ser um o mês que todos estariam de férias e tinham como se deslocar até Banabuiú para prestigiar o evento.

Pronto, o turismo ele é algo assim que dentro da feira se pensava também nessa perspectiva do turismo, tanto é que a princípio as Banartes eram no finalzinho de junho e ela se tornou uma festa para o mês de julho pra poder abarcar esse público durante o período de férias que vem a Banabuiú, né? E aqueles que não vinham,

mas sabiam que a Banartes ia ter e davam um jeito de vim. Então assim o nosso público nas ultimas Banartes ele tem sido gigantesco, né? Gigantesco. A gente pode colocar aqui pelo menos uns 6 a 8 mil pessoas que vem de fora, que vem de fora, falando só das pessoas...não tô falando das pessoas daqui, então assim, é bastante gente.¹⁴³

Há de considerar, no entanto, que dentro da feira diversos elementos considerados tradicionais pelos participantes da Banartes não desapareceram com a espetacularização turística promovida pela prefeitura de Banabuiú, mas foram recriados simbólica e espacialmente.

Para Simão Cavalcante, esse processo de transformação na feira foi necessário, visto que o tempo é marcado por mudanças e que devemos considerar este aspecto quando formos realizar um evento festivo como a Banartes. O entrevistado relata que,

E a gente precisa sempre tá readaptando a tudo, eu tenho um amigo, lá da sua região, o Marcos Rabelo que ele dizia “Não, Simão, olha, os violeiros era pra ser assim, a noite todinha de violeiro” Eu digo, meu amigo não dá mais, né? São outros tempos, vamos fazer outro dia o festival de violeiros...ele tem uma queixa. [...] **mas a gente precisa compreender que são outros tempos e não é mais feito como era antigamente**, por exemplo, algum tempo atrás nós tínhamos uma noite inteira de quadrilha, nós não podemos mais ter esse privilegio, então, eu tenho que começar o festival mais cedo e chamo no máximo quatro grupos juninos, sabe? Até porque aquelas pessoas que gostam de quadrilhas são aquelas senhoras, aquelas pessoas que gostam de dormir cedo, então a gente tenta começar, pelo menos seis na noite, pra que dez horas todas as quadrilhas possam ter se apresentado, mesmo assim é muito difícil. Já teve festival de quadrilha aqui, Iana que terminou quatro da manhã.¹⁴⁴

Ao considerar tais fatores, deve-se ter em mente também que na medida em que a feira se transformou, os gastos para a sua realização também aumentaram e foi preciso angariar recursos para além dos patrocínios de comerciantes locais, como foi mostrado no capítulo 2. O investimento para a feira em edições mais recentes, especialmente a partir do ano de 2009 se tornou grandioso, tornando a Banartes um evento concentrado, fixo e maior planejado.

Hoje o dinheiro do comércio não daria pra bancar a Banartes, porque a Banartes hoje ela é 280,300 mil reais, né? então é uma festa muita grande, é muita gente que vem, são muitos festivais, né? Muitos grupos de quadrilhas, da agricultura familiar, do pessoal que vem pra exposição da vaca leiteira, da raças de caprinocultura, ovinocultura, gente se for falar é uma infinidade, então assim, vem muita gente e só pra você ter ideia, só da premiação dos festivais, dos eventos são quase 20 mil reais, então, assim a gente hoje no comercio local talvez nem consiga o da premiação, talvez em torno disso pra premiar os grupos, né? pintura, escultura, fotografia, porque todas as competições, todos os festivais é pago, né? tem o primeiro e segundo lugar, a gente paga primeiro e segundo lugar, além do

¹⁴³Entrevista com Simão Cavalcante realizada em Banabuiú-CE, no dia 26 de novembro de 2020, às 15h.

¹⁴⁴*Idem*.

troféu tem uma parte em dinheiro e a gente tenta tirar pelo menos do comercio e as vezes nem dá, do comercio local. [...]¹⁴⁵

Os recursos destinados para a realização da Banartes aumentaram na medida em que a feira cresceu e se expandiu. Para nosso entrevistado, este fator é bastante comum nas festas brasileiras e deve acontecer, visto que na medida em que se agrega mais e maiores apresentações na feira, o gasto para realiza-la também deve aumentar.

No entanto, vimos anteriormente o quanto outros participantes da feira explicita a sua preocupação com uma possível descaracterização desse evento, fortuitamente engendrada pela massificação exacerbada da feira. Aliás, para alguns participantes da Banartes, a feira de Banabuiú acabou, ou seja, essas pessoas não veem na atual feira, na qual se tem a festa de forró eletrônico como protagonista, aquela feira cultural do ano 1989, que estava intimamente relacionada as vendas e apresentações de elementos locais e regionais. Evidentemente que esse processo de turistificação ou massificação de um evento retira alguns aspectos ou práticas que se consideram desnecessárias e adiciona outros elementos que nem sempre são bem aceitos pelos outros participantes da feira. Segundo Nóbrega (2012, p. 48) em tais festas,

O popular apenas subsiste junto às culturas contemporâneas mais hegemônicas, não sendo totalmente homogeneizados pela ordem global que atravessa fronteiras, mas cooptados com bens de consumo cultural, particularmente como produtos de interesse turístico, mediante sua representatividade como símbolos e expressões locais, na condição de patrimônio cultural do lugar (NÓBREGA, p. 48).

Além disso, como relatado no início deste texto, diversas festas nas cidades brasileiras, que utilizam uma estética regionalista, tradicionalista, vivenciam um processo de transformação, de mudança que acabam agregando uma estética, e aspectos de um processo cultural atrelado a essas novas modalidades de expressão bastante associada ao meio mercadológico das grandes bandas de forró eletrônico. Porém, compreendemos que esse processo não é interessante, visto que os próprios artistas populares da feira acabam sendo prejudicados, quando não, perdem o espaço de apresentação e exposição dentro da feira.

Simão Cavalcante quando perguntado sobre as transformações da feira e como ela se caracteriza na atualidade, ressalta,

Pra mim a Banartes ela é a maior festa da cultura do sertão central, ela é a nossa maior marca de expressividade cultural, ela é se tivesse uma palavra pra definir a Banartes, seria resistência, ela é sobretudo uma festa de resistência, porque se você olhar todas as outras festas, ou elas acabaram ou se continuaram não conseguem mais dar significado aquilo que elas se propunham a um tempo atrás. A Banartes

¹⁴⁵Idem.

ela se reinventa, mas ela nunca deixou de ter a cara daquilo que nos representa, do que é ser Banabuiú, então pra mim ela é o maior orgulho da cultura do nosso município, maior festa. Costumo dizer todas as reuniões que eu participo, costumo dizer, a Banartes é só nossa, não existe Banartes em nenhum outro lugar do mundo e eu tenho um amor, um respeito profundo a essa história e quero fazer parte dela durante muito tempo ainda, tá bom?¹⁴⁶

Desse modo, a nova forma de dinâmica cultural da feira na atualidade, segundo o entrevistado fez com que houvesse diversas transformações no espaço do evento, agregando novas formas de se expressar, recriando ou reinventando a produção da feira. A festa e a feira cultural se mesclam na medida em que diversos fatores de ordem socioeconômica e também comportamental se transformam dentro do evento.

Além disso, em meio à espetacularidade das festas juninas, existe o explícito desejo de determinadas ações municipais em tornar o evento cada vez maior e mais comercial. Tanto a mudança de nome do evento, FeirArtes para Banartes, assim como a opção pela composição estética de uma festa popular no espaço urbano, não deixa de serem ações de caráter político, como foi mostrado anteriormente. Durante o período e de realização da feira, nota-se uma intensificação de vendas de produtos em geral, aquecendo o comércio formal local. Supermercados, lanchonetes, lojas de roupas e restaurantes apresentam uma ampliação nas vendas.

A festa, portanto, pode ser considerada como manifestações festivas consolidadas no calendário festivo da cidade, ocorrendo todos os anos. Além disso, a Banartes apesar de ser de total responsabilidade da prefeitura local, sempre escolhe um organizador (a) para assumir a logística do evento. Aliás, a feira chega a promover a imagem da cidade caso sejam bem organizadas, além de consolidar ou projetar um político do município. Todavia, em caso de desorganização ou insucesso da feira, os prejuízos para a classe eleitoral também são consideráveis.

Além disso, nenhum político ou organizador da feira quer correr o risco de modificar a logística da feira de forma drástica que possibilite aberturas as críticas a forma de organização.

Quando questionado sobre a possibilidade dessa transformação da feira em um megaevento festivo, Simão ainda acrescenta,

Eu acho que o importante é que a festa seja feita, o importante é que tenha novos significados mesmo e que esses significados possam dialogar com esses novos tempos, né? [...] Hoje você pode fazer um cartaz que não tem quase nenhum sentido, porque as pessoas acessam mesmo é as redes sociais, né? Nós estamos na

¹⁴⁶*Idem.*

época que a comunicação se dá em rede, eu não preciso mais de um papel de algo escrito, né!¹⁴⁷

O ex-secretário Antônio Alves destaca que esse processo de transformação é natural e que a feira foi se mesclando com a festa,

A festa foi crescendo naturalmente. É aquela questão que você usa mais pra complementar a outra. Eu vejo muito a questão das bandas como complementação de você trazer pessoas novas para a festa. E o jovem vai ver ali a festa, mas também vai ver um stand, a gastronomia da região, vai ver a boneca que o artesão fez e etc. E a banda se tornou importante por conta disso, por uma questão atrativa, não pela questão do contexto da feira em si. Foi se tornando um mal necessário e ajuda muito. O único problema é financeiro, porque hoje é um custo muito alto trazer atrações. Então as bandas na Banartes eu acho que é um mal necessário. Mal pela questão financeira, pois Banabuiú é um município pequeno. Mas o gasto da Banartes ele sempre bem administrado sempre traz mais lucro pro município do que o que ele gastou.¹⁴⁸

Aqui observamos novamente o fato de que para aquelas pessoas que organizam o evento o importante é que a festa aconteça, mesmo que seja atualizada ou espetacularizada. A existência ou permanência de determinada manifestação ou não, é problematizada pelos colaboradores como uma mudança decorrente do tempo. Desse modo, no desenvolvimento da feira existe uma tensão social importante. Enquanto muitas pessoas que se contrapõem a esse modelo de festa junina espetacularizada (principalmente artesãos, violeiros e quadrilheiros) em uma dimensão turística chegando a reivindicar a promoção de um evento festivo mais espontâneo, a partir do protagonismo das manifestações culturais locais. Outros defendem que a feira deve existir independente do formato.

Entendemos que por mais que os discursos daqueles que organizaram a feira seja uma fala coincidente com a invenção festiva em que determinadas práticas culturais que vão se modificando na contemporaneidade, consideramos que tal prática seja uma perda para aqueles artistas populares que fazem parte da festa. Foi retirado deles um espaço que comumente, durante o início do evento, era reafirmado pelos organizadores.

Esse caráter espetacularizante da feira somente favoreceu aqueles grupos de alto interesse político e mercantil que se apropriaram do evento, tornando-o cada vez mais espetacular. Para os artesãos e demais artistas da feira, que reelaboram um discurso da identidade, mas um discurso do qual eles não são excluídos, mais sim valorizados, acabam não alcançando tal objetivo, ao contrário, são fortemente atingidos por esse processo de espetacularização que em tempos da modernidade e, mais intensamente, na contemporaneidade,

¹⁴⁷*Idem.*

¹⁴⁸Entrevista com Antônio Alves realizada em Banabuiú-CE, no dia 08 de dezembro de 2020, às 7h30.

se autonomizou das práticas sociais políticas e religiosas, enquadrando-se nos parâmetros da indústria cultural.

Pode-se afirmar que houve uma clara diminuição de algumas práticas e manifestações culturais no evento, como o próprio artesanato, violeiros e quadrilhas juninas, enquanto que a dimensão espetacularizante, traduzidas nas grandes festas com bandas de renome houve um acréscimo substancial. Desse modo, compreendemos que a festa da Banartes são espetáculos mais para serem vistos e dançados pelos participantes da festa, do que para serem ritualizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos a esta seção final com a sensação de que ainda há muito a se discutir sobre essa temática. Neste trabalho, propomos um diálogo sobre a história da festa da Banartes, compreendendo as diferentes perspectivas sobre a feira, bem como as mudanças ocorridas durante a sua história. Os nossos entrevistados nos ofereceram uma complexa rede de perspectivas e significados da feira, significados estes elaborados dentro das experiências vivenciadas e compartilhadas por cada um no contexto de desenvolvimento e ampliação da Banartes.

Foi possível verificar que, inicialmente, houve um discurso da construção de uma festa, vinculada a uma identidade nordestina, mas que também envolveu relações políticas, conforme contextualizamos no decorrer do texto e mediante a observação sobre o acentuado envolvimento político desde seu início.

Essa feira se desenvolveu e tornou-se uma megafesta que integrou características diversas, como por exemplo a inserção de produtos industrializados que muitas vezes substituiu os produtos feitos artesanalmente, além da intensa participação de grandes bandas de forró eletrônico, no qual ocupou ou acabou reduzindo o espaço daqueles artistas locais que participavam do evento.

Assim, mesmo que a realização da feira fosse voltada para a defesa das tradições regionais com ênfase na região Nordeste e suas diversas manifestações, como os festivais de quadrilhas juninas, exposição de artesanato, festivais de canção, oficinas artísticas e show com artistas da terra, já era possível notar a centralização de suas atividades voltadas para grandes espetáculos, estruturados com o apoio de comerciantes e patrocinadores regionais.

Desse modo, identificamos que a feira, que se constituiu como uma feira regional, sendo o caráter da nordestinidade o mediador das suas práticas culturais, foi projetada pelos seus idealizadores para representar e exaltar os elementos que envolvem a região Nordeste, em especial o fenômeno da seca, passa a ser substituída pelas expressões contemporâneas da cultura de massa, que chegam a dotar o evento de uma configuração industrializada.

Assim, a Banartes, conforme suas projeções de megaevento espetacular, procurou atender aos parâmetros dos espetáculos da atualidade, adaptando-se conforme as exigências do mercado, da comunicação e das novas sociabilidades. Neste caso, lembramos do grande número de empresas (como o SEBRAE) e instituições públicas que associam suas marcas aos festejos, à cultura nordestino-junina, fazendo parte ou não do rol de patrocinadores ou apoiadores, ao reconhecer a festa como um local de comercialização popular.

Ao observarmos o desenvolvimento da feira, nas edições mais recentes, foi possível perceber mudanças nas formas de festejar, no público e nas visitas ao artesanato. De acordo com o que observamos, a feira/festa foi cada vez mais se distanciando daquele projeto inicial que deu início a sua criação – uma feira que resgatasse a cultura nordestina que, segundo nossos entrevistados, estava vítima de extinção com os novos gêneros musicais.

Todo esse processo foi sentido, tanto pelos organizadores, como pelos artesãos, violeiros e quadrilheiros com um certo ressentimento, causado pelo desvio do projeto inicial. Contudo, percebeu-se que esses dois setores apresentavam perspectivas diferentes. Para os artistas populares, aqueles elementos da nordestinidade tão exaltado nas primeiras edições da feira, aonde eram encenados e compartilhados elementos típicos da região Nordeste, como o artesanato da palha, do bordado, o som da viola, as representações de danças populares, foi sendo substituído ou simplesmente colocado para fora do processo. Já para os organizadores, ainda que percebam a importância do discurso Nordestino, se acentua uma perspectiva fatalista em relação as mudanças contemporâneas.

Todos os elementos descritos anteriormente nos fazem chegar ao seguinte questionamento: é possível existir uma festa em que os sujeitos populares tenham a visibilidade que pretendem e, ao mesmo tempo, se integrarem a uma rede de indústria de turismo espetacular?

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, V. Histórias dentro da História. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (Nordeste 1920 – 1950)**. São Paulo: Intermeios, 2013.
- AMARAL, R. **Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”**. 1998. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1998. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- BANABUIÚ. **Projeto da Banartes**. Banabuiú: Secretaria de Cultura, 2009.
- BANABUIÚ. **O Município**. Colaboração de texto: Lila Oliveira e Adriana Márcia. 2019. Disponível em: <https://www.banabuiu.ce.gov.br/omunicipio.php>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- CANCLINI, N. G. **As culturas populares no Capitalismo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: como entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CASTRO, J. R. B. **Da casa à praça pública a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível: <https://static.scielo.org/scielobooks/tqvcj/pdf/castro-9788523211721.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- CEARÁ. INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil básico municipal**: Banabuiú. Fortaleza: IPECE, 2009. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Banabuiu_2009.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.
- CEARÁ. INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil municipal**: Banabuiú. Fortaleza: IPECE, 2017. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2018/09/Banabuiu_2017.pdf. Acesso em: 20 fev. 2019.
- DAMASCENO, F. J. G. Violas em desafio: jovens cantadores e a arte-vida da tradição nas páginas da internet. In: DAMASCENO, F. J. G. (org.) **Música(s) cearense(s): sujeitos, estratégias de produção, circulação e consumo musical**. Fortaleza: EdUECE, 2020. p. 44-56.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. Apresentação. In: FERREIRA, M. M; AMADO, J. (orgs.) **Usos & abusos da História Oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 7-25.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓBREGA, Z. **A festa do maior São João do mundo**: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. 2010. Tese (Doutorado em Cultura e Sociedade) – Programa de Pós-graduação Multidisciplinar em Cultura e Sociedade, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/8976?mode=full>. Acesso em: 15 nov. 2017.

PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Projeto História**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 51-71, jul./dez. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 07 out. 2018.

SILVA, M. I. **Cantoria de viola nordestina**: narrativas sobre a vida e a performance dos repentistas. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programas de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/29727>. Acesso em: 20 dez. 2020.

TROTTA, F. **No Ceará não tem disso não**: nordestinidade e macheza no forró contemporâneo. Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2014.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

YÚDICE, G. **A conveniência da cultura**: usos da cultura na era global. Belo Horizonte: UFMG, 2004.